

Mulheres ainda lutam contra as desigualdades no mercado

Trabalhadoras também foram mais afetadas que os homens pelas consequências da pandemia. **Página 17**

Foto: Roberto Guedes

Geral



Patrimônio de JP Um passeio pela história do Mercado Central, que completa 72 anos neste domingo. **Página 3**

Paraíba

Covid: mulheres da linha de frente falam sobre desafios

Profissionais da área da saúde encaram rotinas exaustivas nos hospitais com o objetivo de salvar vidas. **Página 7**

Um passeio pelos engenhos e pela arte de Alagoa Nova

Município do Brejo paraibano é conhecido pela qualidade da sua produção de cachaça e do artesanato local. **Página 8**

Políticas

Na política, elas lamentam: há pouco a ser comemorado

Senadora, deputadas e magistradas fazem uma reflexão sobre o 8 de Março em meio a leis e direitos. **Página 13**

Coluna

/// Percebe-se um maior protagonismo feminino, inclusive em áreas, até pouco tempo atrás, ocupadas, majoritariamente, por homens. /// **Página 2**

Editorial

/// Sou dos que sabem que a literatura infantil, antes de ser infantil, infantojuvenil ou juvenil, tem de ser literatura. Só literatura. Literatura pura. /// **Página 11**

Hildeberto Barbosa Filho

/// Hoje, saber cozinhar não é uma obrigação que uma mulher tem que ter para poder casar. Ela tem que ter em mente que as coisas mudaram, cada homem, mulher, tem obrigações iguais. /// **Página 28**

Marmitando/Walter Ulysses

Especial Dia da Mulher

Paraíba

Fotos: Divulgação



8 de Março e a luta das mulheres
A história de três paraibanas - Jayane Souza, Ana do Coco e Jacy Tabajara - e os desafios que elas enfrentam cotidianamente por respeito e igualdade, pelo direito ao próprio corpo e pelas origens culturais e étnicas. **Página 5**

Esportes



Superação Com uma deficiência congênita no braço direito, Silvana Fernandes entrou no esporte através do lançamento de dardo (D), mas foi no taekwondo que se destacou (E) e é a única paraibana já garantida para as Paralimpíadas de Tóquio. **Página 21**



Fotos: CFB/Divulgação

Cultura



Arte: Tônio

Arte como herança
Personalidade marcante na vida cultural do Sertão paraibano, que acumulou, na sua trajetória, as funções de escritora, poetisa, artista visual e professora: há dez anos morria Cessa Lacerda. **Página 9**

Geografia



Serviço Público IBGE aponta que as mulheres são maioria no serviço público, representando 55% do funcionalismo. Esse número reflete bem o papel da mulher dentro da Secretaria de Estado da Administração da Paraíba, sob o comando de Jacqueline Gusmão (foto). **Página 14**

Foto: Divulgação

Almanaque

Entre ruas e textos Nomes das ruas que contam nossa história, reproduzem a exclusão da mulher nas políticas públicas. Mais: a história de Analice Caldas de Barros (ilustração), jornalista que atuou pelo direito das mulheres no início do século XX. **Páginas 25 a 27**



Arte: Tônio

Entrevista



Foto: Roberto Guedes

Educação por vocação Há 50 anos, a pedagoga Denise dos Santos se dedica a ensinar crianças e adolescentes dentro de projetos de educação solidária. Aqui, ela fala da sua atual missão, educar filhos e netos de feirantes do Mercado Central. **Página 4**

Editorial

Motivos para lutar

O contexto social, no que diz respeito à condição da mulher, mudou bastante, no Brasil, ao longo dos últimos anos. Percebe-se um maior protagonismo feminino, inclusive em áreas, até pouco tempo atrás, ocupadas, majoritariamente, por homens. Conquistas atribuídas, principalmente, às articulações políticas que vêm sendo conduzidas por mulheres.

Existem, no entanto, muitos obstáculos a ser removidos, para que as mulheres desfrutem da igualdade de gênero e não sejam mais vítimas de certas modalidades de violência, como o feminicídio, praticado, notadamente, por maridos e ex-companheiros, tendo, entre outras causas primárias, o ciúme ocasionado pelo (direito ao) fim do relacionamento.

A situação da mulher teve avanços, se comparada a períodos históricos no qual o machismo era hegemônico. Trata-se, no entanto, de uma evolução relativa. Na verdade, há um longo caminho a se percorrer, ainda, até que todas as formas de opressão machista sejam eliminadas, e a mulher possa, enfim, tomar, com liberdade e segurança, todas as decisões inerentes à sua vida.

A divisão de trabalho entre mulheres e homens precisa ser isonômica. Pagar menos a uma mulher apenas por ela ser mulher é um "entulho autoritário" que precisa ser urgentemente descartado, do mesmo modo que a expressão "crime passionnal" não deve ser atribuída, de forma genérica, ao assassinato de mulheres, quando o crime foi motivado por ciúme, por exemplo.

As relações de poder só mudam com enfrentamento. E é isso que mulheres têm feito no mundo inteiro. A adesão ao movimento se faz necessária, tendo em vista a onda de conservadorismo que ameaça retirar das legislações conquistas duramente obtidas nos últimos anos. O ideal da igualdade de gênero não será alcançado sem que haja o empoderamento das mulheres.

A construção do mundo de justiça e liberdade que se sonha só terá continuidade com o reconhecimento da condição da mulher. O que implica na consciência da necessidade de solucionar os problemas a elas relacionados, sendo, o mais urgente, as várias formas de violência de que são vítimas. Se há razões para comemorar amanhã, há mais motivos para lutar.

Artigo

Rui Leitão

urleitao@hotmail.com | Colaborador

Festivais da MPB (II)

A iniciativa de realizar o Festival Paraibano da Música Popular Brasileira foi do jornalista Expedito Pedro Gomes. Ele se preocupava com as dificuldades que os artistas, sejam intérpretes ou compositores, enfrentavam para se tornar conhecidos sem saírem do local em que viviam. Entendia que esse tipo de competição musical, com tanto sucesso no Sul do país, serviria para abrir espaços para novos talentos que buscavam oportunidades no cenário musical regional e nacional. O Festival oferecia essa projeção para o sucesso.

As noites que se transformaram em shows no Teatro Santa Roza, nas eliminatórias dos três últimos sábados de abril, e na final realizada no primeiro sábado de maio, provocaram uma verdadeira efervescência no movimento cultural artístico da Paraíba, em especial da nossa capital. A interação com o público estimulava o artista na produção dos seus trabalhos, tanto nos seus aspectos melódicos quanto nas interpretações e nas mensagens das letras. Era sempre casa cheia, com a presença majoritária de uma juventude entusiasmada com o sentimento revolucionário que dominava o mundo naquele ano de 1968. A temática dos protestos constituiu-se num elemento de manifestação política através da música. Subliminarmente pregavam suas ideias sem serem alcançados pela censura federal. Por outro lado, serviam-se da oportunidade para inovar na formatação de ritmos e melodias.

Primeira eliminatória - dia 13 de abril. Músicas classificadas: "Volta e revolta" de Romildo Torres, interpretada por Gilson Reis; "Código do cangaço"

de Luiz Ramalho, com interpretação de Marco Polo; "O canto da construção", de Livardo Alves e Jomar Souto, cantada por Flamarion Rodrigues, acompanhada pelo conjunto vocal Albarã e "Ida e volta" de Fernando Teixeira, na voz de Agápio Vieira.

Segunda eliminatória - dia 20 de abril. A comissão julgadora, em razão do bom nível das músicas apresentadas, resolveu classificar cinco composições: "Batuque" de Livardo Alves e João Manoel de Carvalho, por Livardo Alves e o conjunto Albarã; "Eu sabia, sabia" de Vital Farias e Jomar Souto, interpretada por Vital Farias; "Rancho da moça e janela" de Marcos Tavares, com interpretação dele próprio e Verônica; "E uma rosa" de Pepi (este com doze anos de idade) e Aléssio Toni, na voz de Josilda Mendonça, e "Tropeiro" de Luiz Ramalho, cantada por Francisco Zacarias.

Terceira eliminatória - dia 27 de abril. Músicas classificadas: "Giramulher" de Carlos e Fernando Aranha, interpretada por Carlos Aranha e o conjunto Os Quatro Loucos; "Canto por quem não canta" de Antônio Barreto Neto e Natanael Alves; "Chão de carrocel" de Livardo Alves com letra de João Manoel de Carvalho; e "O trem" de Alcides Temóteo.

No início de maio, realizou-se a festa de encerramento do Festival com a participação das treze músicas classificadas, com o Teatro Santa Roza completamente lotado. Duas músicas disputaram a preferência do público: "Tropeiro" de Luiz Ramalho e Giramulher de Carlos e Fernando Aranha. No próximo texto, darei a conhecer as vencedoras do certame, bem como os prêmios de melhor letra e melhor intérprete.

Entendia que esse tipo de competição musical, com tanto sucesso no Sul do país, serviria para abrir espaços para novos talentos

Artigo

Sitônio Pinto

sitoniopinto@gmail.com | Colaborador

Os pobres de Rommel

A verba destinada ao combate do coronavírus está-se revelando inversamente proporcional ao custo e à premência da peleja desigual do homem contra a natureza. Ou mesmo contra os deuses, tamanho e vão é o esforço dos reinos e repúblicas envolvidas no conflito - uma guerra mundial de gregos e baianos contra um adversário invisível, de tão pequenino que é.

É atribuída a Erwin Von Rommel uma frase curta e lapidar: "os pobres nunca deviam fazer a guerra". Sentença teria sido pronunciada ao fim do desembarque aliado na Normandia, quando o general alemão acabava de ver os caminhões de víveres e petrechos que desembarcaram. Aos tedescos já faltava tudo, de balde eram os apelos do chefe da defesa do oeste, pedindo armas e munições. A frente oriental absorvia tudo, para depois afundar na neve e na lama do sudeste europeu. Lama que a própria Alemanha ajudou formar com o sangue de seus jovens.

Pois assim está acontecendo na luta interna de Moçambique, que atualmente divide e ensanguenta aquele país lusófono. Moçambique muito contribuiu para a formação da etnia e economia brasileiras, com algumas dezenas de milhares de cativos capturados e trazidos para os algodoais, canaviais e toda atividade econômica que se praticava no Novo Mundo, inclusive a reprodução dessa mão de obra.

Moçambique só foi superado por Angola no tráfico humano para Brasil. O país de Angola forneceu nada menos que 400 (quatrocentos) mil escr-

vos para o roçado americano. Não se sabe quantos foram atirados ao mar durante a travessia

Non se sabe quantos foram atirados ao mar durante a travessia

de. As pessoas cantavam, mas seus cânticos - um dia mágicos e poderosos, quedavam-se inúteis:

Ai tô-tô paluaê,
ai tô-tô sobá
ai-tô-sobá...

Mas só o mar respondia com seu ponto repetido, dia e noite.

Foto: pixabay.com



Domingos Sávio

savio_fel@hotmail.com

Humor

PRA TODAS MULHERES DO MUNDO...



SECRETARIA DE ESTADO DA COMUNICAÇÃO INSTITUCIONAL
EMPRESA PARAIBANA DE COMUNICAÇÃO S.A.

Naná Garcez de Castro Dória
DIRETORA PRESIDENTE

William Costa
DIRETOR DE MÍDIA IMPRESSA

Albigeo Léa Fernandes
DIRETORA DE RÁDIO E TV



A UNIÃO

Uma publicação da EPC

BR-101 Km 3 - CEP 58.082-010 Distrito Industrial - João Pessoa/PB

André Cananéa
GERENTE EXECUTIVO DE MÍDIA IMPRESSA

Renata Ferrelha
GERENTE OPERACIONAL DE REPORTAGEM

PABX: (083) 3218-6500 / ASSINATURA-CIRCULAÇÃO: 3218-6518 /
Comercial: 3218-6544 / 3218-6526 / REDAÇÃO: 3218-6539 / 3218-6509

E-mail: circulacao@epc.pb.gov.br (Assinaturas)

ASSINATURAS: Anual R\$350,00 / Semestral R\$175,00 / Número Atrasado R\$3,00

CONTATO: redacao@epc.pb.gov.br

Fica proibida a reprodução, total ou parcial, de matérias, figuras e fotos autorais deste jornal, sem prévia e expressa autorização da direção e do autor. Exceto para impressão de cópias, com o fiel e real conteúdo, para uso e arquivo pessoal.

O U V I D O R I A : 99143-6762

Mercado Central é símbolo do cotidiano de João Pessoa

São 72 anos de existência servindo aos consumidores e contribuindo para o sustento das famílias que trabalham lá

Laura Luna
lauraluna@epc.pb.gov.br

Frutas, verduras, temperos, ervas, roupas, panelas, flores, frutos do mar, rações e carnes... Um universo de variedades bem no centro de João Pessoa. Impossível elencar tudo que é oferecido pelos 1.225 feirantes e ambulantes que trabalham no Mercado Central, o maior e mais tradicional mercado público da capital paraibana. O espaço público faz aniversário nesse dia 7 de março, completando 72 anos de histórias, reformas e muitas melhorias ainda pendentes.

Mais que preço e variedade, andar pelas bancas e boxes do lugar é conhecer um pouco da história da própria cidade e também um pouquinho da vida de quem tira do mercado o sustento da família. Histórias de pessoas que muitas vezes começaram a trabalhar muito cedo, ainda com os pais e avós, e que têm com o espaço uma relação de afetividade e respeito.

Valdeci Pedrosa é desses comerciantes que têm um carinho enorme com o lugar.

“Isso aqui é minha segunda casa, talvez eu tenha passado mais tempo aqui do que lá”. Foi com o trabalho no boxe de frios que o pernambucano criou os dois filhos, hoje formados. São 51 anos no Mercado Central. “Inventei de vir de Pernambuco, casei e acabei ficando por aqui”, diz o feirante.

Seu Valdeci lembra com saudades dos tempos áureos, quando os corredores viviam cheios e ele corria para dar conta do recado. “Isso era antes dos supermercados, quando as pessoas faziam as compras nas feiras. Hoje mudou muito, em todo canto tem um supermercado o que acabou contribuindo com a queda no nosso movimento”. É, mas as mudanças continuaram e hoje, de máscara, o idoso de 67 anos segue com a mesma vontade que tinha no início. “Acordo às 4h e chego aqui bem cedo. Antes ficava até o final da tarde, mas agora fecho por volta das 13h, 14h. Não há necessidade de ficar mais”. Mesmo com a diminuição do movimento ao longo dos anos, o feirante conta que mantém



Foto: Roberto Guedes

Primeira obra em concreto pré-moldado da Paraíba, o espaço abriga 1.225 feirantes em uma área total de 33.000 m² que já passou por várias intervenções

clientes antigos, que toda semana aparecem para levar um queijo fresquinho, um pedaço de carne de charque ou ainda uma porção de manteiga. “Tem sim, clientes que se tornaram muito próximos e que estão sempre por aqui”, detalha.

Para uma mãe solo sem muito estudo, a venda de aves abatidas no Mercado Central foi mais que oportunidade, foi a garantia de uma vida mais digna. Angelita Nascimento trabalha há 35 anos no Mercado Central, de onde tirou o sustento dos

dois filhos, que hoje ajudam a mãe no comércio. A rotina é puxada, começa na segunda-feira e termina no sábado, sempre das 5h às 16h.

E o mercado não é apenas um local de trabalho, é também um espaço de união e convivência familiar. “Em

2016 eu precisei me ausentar durante seis meses, devido a um problema de saúde e nesse período não me faltou nada. O colega aqui do boxe vizinho me mandava frutas e verduras. Iam sempre lá em casa me visitar... até clientes foram ver como eu estava”, conta.

Um marco da época para o desenvolvimento da capital

A inauguração do Mercado Central aconteceu em 7 de março de 1948, na gestão do então governador Oswaldo Trigueiro e do prefeito Oswaldo Pessoa. O Mercado Central foi considerado um marco para a capital. Primeiro pela arquitetura arrojada da primeira obra em concreto pré-moldado da Paraíba e também por promover o desenvolvimento do entorno.

Segundo o historiador José Octávio de Arruda Mello, antes da inauguração do Mercado Central, João Pessoa possuía duas feiras,

uma localizada na Visconde de Pelotas e outra na Beaurepaire Rohan. José Octávio conta que era na altura dos bambuzais, existentes até hoje no Parque Solon de Lucena, onde ficavam cavalos, porcos, galinhas e outros animais também comercializados na feira. “Tinha de tudo, era muito sortida. A da Beaurepaire Rohan, era chamada a Feira da Primavera, era menor mas permaneceu por mais tempo, até início dos anos 1960”.

O espaço de 33.000 m² passou por intervenções e cresceu de



Foto: Roberto Guedes

Comerciante Valdeci Pedrosa é pernambucano e trabalha há 51 anos no mercado

forma desordenada. Problemas estruturais que já estão sendo avaliados. “Estamos realocando os feirantes atingidos pela chuva, para uma área mais segura, enquanto acontecem as obras de reestruturação do local. Um sonho que queremos é transformar o Mercado Central em um mercado modelo, como a gente vê em São Paulo e em Minas”, pontuou Ivo Emmanuel Carvalho, diretor da Divisão de Abastecimento e Alimentação da Secretaria de Desenvolvimento Urbano (Sedurb-JP).

UN Informe

Ricco Farias
papiroeletronico@hotmail.com

POSIÇÃO INCÔMODA: PARTICIPAÇÃO DA MULHER NO PARLAMENTO BRASILEIRO AINDA É INCIPIENTE

Levantamento feito pela organização Inter-Parliamentary Union (UIP), que realiza estudos sobre a presença feminina nos parlamentos nacionais, mostra que o Brasil ocupava o 140º lugar entre 193 países em que há mulheres atuando no Legislativo, em 2020. Neste ano, havia 15% de mulheres na Câmara Federal – 77 de um total de 513 deputados – e 15% no Senado – 12 de um total de 81 parlamentares. Essa colocação corrobora a ideia de que há uma sub-representação feminina na política brasileira. E essa realidade se repete nas Assembleias Legislativas do país. Na Paraíba, por exemplo, essa desigualdade é corroborada pelo fato de que dos 36 parlamentares que ocupam cadeira na ALPB, apenas seis são mulheres – Cida Ramos, Pollyanna Dutra (foto), Estela Bezerra, Dra. Paula, Camilla Toscano e Jane Panta. Há que se dizer que houve avanços na legislação para permitir que ocorresse maior participação feminina na política. A Lei das Eleições estabeleceu que “cada partido ou coligação preencherá o mínimo de 30% e o máximo de 70% para candidaturas de cada sexo”. Ocorre que, em muitos casos, os partidos registraram candidaturas femininas apenas para cumprir a norma, sem que, efetivamente, as mulheres tivessem recursos para fazer campanha. A partir de amanhã, Dia Internacional da Mulher, a TV Assembleia apresentará uma série dedicada à participação das mulheres na política estadual, com a participação das seis deputadas.

Foto: Nylí Pereira - ALPB



CANDIDATURAS ‘LARANJAS’

As estratégias usadas por alguns partidos para burlar a lei que reserva 30% das vagas para candidaturas femininas, as chamadas candidaturas fictícias ou ‘laranjas’, estão entre os temas que as deputadas estaduais irão debater nos programas da TV Assembleia. Na ALPB, as mulheres ocupam 16,7% das vagas legislativas.

FALTA APOIO PARTIDÁRIO

Uma pesquisa feita pelo DataSenado, intitulada ‘Mulheres na Política’, identificou um dos fatores que inibem a participação feminina na disputa por cargos eletivos: falta de apoio dos partidos. De acordo com o levantamento, esta é a principal razão para que as mulheres se sintam desmotivadas a ingressar na política.

ESCOLAS INTEGRAIS

Do governador João Azevêdo (Cidadania), em artigo publicado no ‘Estadão’: “Das nove escolas integrais (com duração superior a 420 horas semanais) com maior crescimento no país, seis são da Paraíba. Destaque para a ECIT Melquiades Vilar, no município de Taperoá, cujo avanço foi de 115%, entre as avaliações de 2017 e 2019”.

PORTARIA QUE DISCRIMINA

Vice-presidente nacional do Cidadania, o deputado Rubens Bueno (PR) apresentou projeto para barrar a portaria 124, do governo Bolsonaro, que impede a viabilização de projetos artísticos, com recursos da Lei Rouanet, “para ente federativo em que haja restrição de circulação, toque de recolher e lockdown”. A Paraíba se enquadra nas restrições do decreto presidencial.

DE MODO ARDILOSO

“É uma clara retaliação do governo Bolsonaro aos governadores que se preocupam com a vida dos brasileiros”, afirma Rubens Bueno. Na prática, a portaria presidencial, de modo ardiloso, pretende transferir aos gestores a culpa pelo não acatamento desses projetos, de modo a incentivar a classe artística a pressionar prefeitos e governadores.

“NÃO É HORA DE QUERER APARECER, MAS DE AJUDAR”

Da deputada Jane Panta (PP), criticando a postura de Bolsonaro na condução do enfrentamento à pandemia, numa rádio da capital: “Somos pessoas públicas, formadores de opinião. Estamos vendo 1.900 pessoas morrendo por dia. As medidas [de distanciamento social] são necessárias. Não é hora de querer aparecer, é hora de querer ajudar”.

Denise dos Santos,
Pedagoga

“Remuneração é o sorriso de cada um e a perspectiva de dias melhores”

Há seis anos, Denise dos Santos dá aulas a filhos e netos de feirantes do Mercado Central, através de projeto solidário

Laura Luna

Denise dos Santos é dessas pessoas que nasceram com uma missão. Um dom. A pedagoga de 65 anos sempre foi fascinada por sala de aula. Já aos 15 anos de idade, ensinava crianças carentes da vizinhança a ler e escrever, do terraço da casa mesmo, no Cordão Encarnado, onde mora até hoje. Antes disso, lecionava para as bonecas.

Ao longo dos 50 anos de trabalho, passou por algumas escolas e Organizações Não Governamentais (ONG's) e há seis leva à frente o projeto solidário Educação e Mercado, onde trabalha com filhos e netos de feirantes do Mercado Central. Aulas de reforço, coral, dança, poesia, educação ambiental são alguns dos ensinamentos que a professora voluntária realiza com cerca de 20 crianças e adolescentes.

As aulas que aconteciam em uma sala anexa à administração, por conta da pandemia estão sendo realizadas nos boxes onde os alunos se reúnem em pequenos grupos. A remuneração, disse, é o sorriso de cada um, a melhora no desempenho escolar e a perspectiva de dias melhores. No mês dedicado à mulher, a reportagem de A União conversou com Denise dos Santos, mais um exemplo de garra e dedicação, uma entusiasta da educação movida pelo amor ao trabalho voluntário.

Ao longo dos 50 anos de trabalho, passou por algumas escolas e ONG's e há seis leva à frente o projeto solidário Educação e Mercado



Foto: Roberto Guedes

“É o que eu sei fazer: ensinar criança, educar... eu tenho essa veia dentro de mim, sempre foi assim, e sempre será”, afirma a pedagoga Denise dos Santos, de 65 anos

A entrevista

Apesar de pedagoga, a sua função no Mercado Central é de auxiliar administrativa, função que a senhora desempenha até hoje em paralelo ao trabalho voluntário com educação. Conte como surgiu a ideia do projeto solidário Educação e Mercado

■ Eu estava debruçada na varanda da administração quando vi daqui de cima uma menina pedindo ajuda à mãe para ensinar as tarefas. Lembro que a mãe estava estressada, coitada, e de maneira até grosseira disse que não podia ajudar. A menina chorou. Foi aí que eu desci, chamei a criança e ensinei a tarefa. Assim que terminamos ela perguntou se poderia vir no dia seguinte e eu confirmei. No outro dia já veio ela e a coleguinha, também muito interessada, que foi dizendo que gostaria de continuar vindo pras aulas. Depois vieram mais três e formamos um grupo de cinco, foi quando falei com o administrador da época que deu permissão para que as aulas seguissem. Esse primeiro ano terminei com oito, no ano seguinte 12 e assim a demanda foi crescendo.

Como sou professora e amo essa profissão, eu vi a necessidade de apoiar os filhos e netos de feirantes que chegam aqui muito cedo, muitas vezes amanhecendo o dia e costumam acompanhar pais e avós quando não estão em horário escolar. Impedir que façam algo de errado ou que simplesmente fiquem ociosos aqui no mercado, além de ensinar lições que vão servir para a vida, esse é o nosso maior objetivo.

Uma das crianças assistidas pelo projeto solidário Educação e Mercado é Jessica Vitória, de 14 anos, moradora do Renacer. A menina, e mais duas irmãs, ajudam a mãe em uma banca de feijão verde. Enquanto debulha com destreza as vagens, a aluna do 9º ano do Fundamental II sonha em ser desembargadora. Sonho alimentado por tia Denise, como é chamada, que acredita e incentiva cada um dos alunos. Fale um pouco sobre o perfil das crianças que frequentam o projeto

■ São crianças carentes as quais os pais e/ou avós vivem diariamente aqui no mercado e acabam sem tempo de dar aquela formação, aquela educação no sentido de valorizar cada um deles como presente de Deus que são, incentivá-los falando que devem seguir em frente em cada carreira e que sejam, principalmente, pessoas honestas que saibam o que querem, que lutem pelos seus direitos, que conheçam os seus deveres. E tudo isso eu trabalho com eles aqui, valorizando cada um e seguindo sempre para a estrela que Deus apontar. Eu sempre digo que aqui na feira somos todos iguais, não importa se o pai tem um box maior ou menor, aqui o ensinamento gira em torno da igualdade e do respeito para com o outro. Mas eu destaco que são crianças muito dedicadas, primeiro porque isso aqui não é escola regular onde elas precisam frequentar, aqui elas vêm livremente sem obrigação. E elas vêm e gostam.

A professora, que não casou nem teve filhos, conta que tem com os alunos uma relação maternal. Amor e dedicação retribuídos à altura e que chega a emocionar. Por vezes, durante a entrevista, Denise dos Santos tem os olhos tomados por lágrimas. Para a professora, passar conhecimento é oferecer a possibilidade de mudar histórias e transformar vidas. Como é para a senhora trabalhar com crianças, especialmente as do Mercado Central.

■ Eu sempre digo que a criança é como um novelo de lã, que está ali. Então basta puxar o fio do novelo e trabalhá-lo para que ele se transforme em uma linda peça. No caso das crianças, a gente vai trabalhando o lado emocional, educativo, social, entre outros aspectos. Então quando a gente compreende isso, a gente passa a acreditar no potencial de cada uma delas.

Sobre os nossos laços, na verdade eu realmente sinto por cada uma delas um carinho de mãe, levo até para minha casa se precisar, eu gosto. Eu aqui procuro vaga, matrícula nas escolas quando as mães não podem, tudo sou eu. É o que eu sei fazer, ensinar criança, educar, eu tenho essa veia dentro de mim, sempre foi assim e sempre será.

Quais os maiores desafios do seu trabalho hoje?

■ O maior desafio foi no início quando não tínhamos nada. Eram oito crian-

ças, três cadeiras velhas e um birô caindo os pedaços. Mas certo dia eu concedi uma entrevista para uma televisão local e depois dessa matéria tudo mudou. Muitas organizações e pessoas começaram a ajudar. Material, jogos, carteiras, livros, mesa... quando eu chegava aqui já tinha coisa na porta da minha sala. Aí depois veio a necessidade das crianças escovarem os dentes, a gente recebia material de limpeza, sabonete, pasta, escova, toalha de banho, toalha de rosto, tudo. Hoje continuamos recebendo as ajudas que podem ser feitas aqui mesmo na própria administração do Mercado Central.

As décadas de ensino renderam muitos frutos, histórias de alunos que hoje são motivo de orgulho. Expectativa que se renova com os alunos do Mercado Central. A professora torce para que em um futuro próximo possa colher também os frutos do projeto iniciado há seis anos. Como é para a senhora encontrar os ex-alunos que tiveram suas vidas modificadas pela educação?

■ Todos são importantes para mim. Um dia desses encontrei um ex-aluno pintando aqui o mercado e quando ele me viu foi logo dizendo: “olha tia, eu sou pintor!” E eu na hora parabeneizei porque todas as profissões são importantes, não só apenas os que frequentaram uma universidade. Já tenho aluno que se tornou

padre, tem motorista de ônibus, professor universitário, todos têm muito valor pra mim. Lembro também de um aluno bem trabalhoso, esse dava trabalho mesmo, tinha entrado nas drogas, achava bonita a vida de assaltante. Mas aos poucos ele foi mudando, passou a acompanhar as aulas e foi modificando certos hábitos e conceitos de modo que, graças a Deus, se transformou completamente. Tinha feito o Enem e estava na universidade, tornou-se um excelente aluno. Então eu

“Eu sempre digo que a criança é como um novelo de lã, que está ali. Então basta puxar o fio do novelo e trabalhá-lo para que ele se transforme em uma linda peça.”

acredito que isso aconteça também com os alunos daqui, eu já escuto muito: “tia eu quero ser Engenheiro, eu quero ser Comerciante, eu quero trabalhar no shopping, ser desembargadora”. Então eles expressam o que têm vontade de ser e eu vou incentivando, elevando, dizendo que há sim essa possibilidade e que com esforço eles irão conseguir. Eu sempre relato também histórias de pessoas humildes que conseguiram vencer, principalmente casos próximos aqui do estado,

valorizando sempre cada um como pessoa, quando serão futuramente grandes homens e grandes mulheres.

Nesse contexto atual, onde a deseducação tem atrapalhado inclusive o posicionamento em relação à gravidade da pandemia, é importante não só valorizar mas lutar pela educação?

■ A educação é a base de tudo, em todos os setores. É valorizar e nunca, jamais desvalorizar ou dizer que não há jeito e que tudo está perdido. É respeitar o outro, o meio ambiente, entender a natureza e os animais. O Brasil e o mundo precisam da educação que é aquela emoção que a gente tem dentro de cada um. Não está só relacionada a ler e escrever, não, é muito maior que isso.

Aos 65 anos e já tendo prestado anos de trabalho voluntário, a senhora pensa em parar?

■ Quando eu comecei a trabalhar no mercado eu não entendia e questionava o que uma professora estaria fazendo em um mercado. Eu não imaginava o que me era reservado. Deus já tinha tudo pronto e hoje eu compreendo. Portanto eu não penso em parar, jamais. E lhe digo, a gente que trabalha com criança não cansa não. Criança é um despertar todo dia, eu aprendo mais que ensino, você acredita? Enquanto eu tiver vida eu estarei ensinando porque esse é o meu sacerdócio e quem me dá fortaleza é o meu Deus.



Jacy Tabajara, Jayane Souza e a luta em defesa de suas origens e corpos



Mestra Ana do Coco enfrentou o preconceito na infância e hoje mostra o orgulho de ser quilombola

Mulheres paraibanas e suas lutas por respeito e igualdade

Elas encontram força nos obstáculos que surgem nas suas vidas apenas pela condição de serem mulher para enfrentá-los e superá-los

Carol Cassoli
Especial para A União

Do tupi-guarani, paraíba é o trecho do rio que não se navega. Paraibanas é como são chamadas as mulheres que nasceram na Paraíba; aquelas que navegam pelo rio, cortam o Estado da Paraíba e resistem em todos os cantos. Se a paraíba é o trecho que ninguém navega, a Paraíba é o terreno que muitas mulheres navegaram e tantas outras ainda navegarão. Do Sertão ao Agreste, do Agreste ao Litoral. Paraíba é um substantivo feminino de luta e resistência.

Jacyara Costa Maciel, a Jacy Tabajara, é uma dentre tantas mulheres guardadas por este estado. "Para o mundo, eu posso ser só mais uma brasileira. Para o Brasil, nordestina. Para o Nordeste, paraibana do Litoral Sul. Para a Paraíba, indígena", se autodefine a antropóloga que está engajada, junto com seu pai, na construção de mais uma aldeia Tabajara, unindo esforços por uma retomada identitária no Litoral do Estado. Jacy afirma que vive uma luta de resistência, sobretudo pela ocupação do território tradicional dos povos originários. Para ela, a vivência en-

quanto mulher indígena envolve a busca por justiça social. "Esse sentimento a gente pratica todos os dias ao afirmar que, quando nos enterraram, plantaram sementes", diz Jacy em referência a seus antepassados dizimados. "Eu sou a neta de Maria Severo, mãe do meu pai, mulher que é minha referência. É a ela que corro em minhas memórias para a luta de todos os dias", relata.

Paraíba, em outros lugares, é genérico depreciativo. Mulher também. Utilizar a Paraíba para designar o nordestino, no entanto, nunca foi tão empoderador. Assim como

mulher. A ascensão da luta feminina está, cada dia mais, estampada em camisetas, canecas e nos corações das mulheres, o que demonstra a adesão crescente da luta pela igualdade.

Representante da comunidade quilombola, Ana Lúcia do Nascimento é sinônimo de superação. A mulher lembra que ainda criança, aos nove anos, conheceu a discriminação ao migrar seus estudos para o município do Conde, onde era diferenciada por ser de quilombo. Por conta disso, ela e o resto da família decidiram desistir de estudar. Sua

avó, então, agiu em defesa da educação: comprou um terreno na capital, construiu uma casa de taipa e levou os netos para estudar em João Pessoa. Anos mais tarde, após passar um período no Rio de Janeiro, a mulher conhece - por meio de sua mãe - a Comissão Pastoral da Terra (CPT) e começa a se engajar nas lutas por terra em todo o Estado da Paraíba. Defensora da educação, a mestra Ana do Coco, como é conhecida, também deu aulas em seu município e, aos 45 anos, entrou na faculdade para, hoje, ser formada em Geografia.

A inesgotável força feminina

Mulher vem do latim e significa "mole, fraco". Quem acredita nisso, no entanto, nunca soube que para transformar uma sociedade, o que mais se precisa é de força. E assim são as milhares de mulheres que compõem a Paraíba. Fortes, dispostas a mudar o mundo; nem que seja ao seu redor.

Alice não baseia sua vida no fato de ser uma mulher transsexual - provavelmente nenhuma pessoa trans baseie -, mas como ativista reconhece que lembrar disso também é necessário. A jovem, que prefere ser identificada por nome fictício, saiu do interior do estado e rumou à capital para estudar. Atualmente, mora em São Paulo e tenta encontrar outras perspectivas na cidade. "Tudo isso faz com que eu me motive. Quando se é mulher, nunca se tem escolhas a não ser seguir adiante", constata. Aos 22 anos, observa que as mulheres não têm os mesmos privilégios que os homens e não se satisfaz com isso. "A gente não precisa se adaptar para que, por exemplo, um homem se sinta melhor", crava a estudante.

Formada em antropologia pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB), Jacy trabalhou em alguns espaços, mas garante que foi à luta mesmo nas questões sociais de militância, direito ao território e identidade étnica. Ela que foi gestora política do Conde, quando o município estava em 4º lugar na classificação estadual de violência contra as mulheres, lembra que mesmo neste período, enfrentou muitos desafios. Jacy não ignora o fato de que a pauta feminina é sempre um desafio em todos os âmbitos, mas que esta experiência, assim como

outras, foi oportuna para seu crescimento.

Criadora de conteúdo pelo movimento "Corpo Livre", Jayane Souza é ativista pela iniciativa body positive (em que as mulheres batalham pelo direito de se sentirem livres e felizes com seus corpos). A jornalista relata que sempre sofreu por ser gorda. "Eu sofri muito preconceito, principalmente porque a gordofobia é estrutural. Ela está não somente na cabeça das pessoas, mas também na estrutura da sociedade: nas catracas de ônibus, nas mesas, nas cadeiras e nos tamanhos das roupas", relata Jayane ao lembrar que também sofre com o preconceito em entrevistas de emprego. Não contente com o quadro em que está inserida, Jayane, criou o Cuidando Delas, podcast em que fala sobre a saúde da mulher gorda e sobre as vivências de mulheres como ela.

Outro exemplo de força. Penúltima de 14 filhos, Edinalva Rita do Nascimento, foi a única que conseguiu completar um curso técnico agrícola e através do conhecimento adquirido, montou o próprio negócio. Hoje, dona de um restaurante rural no Quilombo Caiana dos Crioulos - localizado na zona rural de Alagoa Grande -, trabalha para fortalecer e desenvolver sua comunidade, resgatando as tradições de seu povo. Resistente, Nalva conta que chegou até aqui à base de muita persistência. "Tive um momento em minha vida que senti vontade de desistir de tudo, inclusive de viver. Saí de uma comunidade a 13 quilômetros da saída do município e fui tentar aprender para encontrar uma forma de sobreviver e te tratam como um 'negro fedorento'", relata.

///Tudo isso faz com que eu me motive. Quando se é mulher, nunca se tem escolhas a não ser seguir adiante. A gente não precisa se adaptar para que, por exemplo, um homem se sinta melhor. ///

Rotina para garantir direitos

Jacy Tabajara elenca parte de suas lutas diárias. A mulher se posiciona pela cidadania, justiça social, pela vida das mulheres, por território e pelo direito à memória e à verdade. "Que os povos originários deste país tenham seu devido lugar não só na História, mas no pleito de direitos", reivindica Jacy, que também destaca o preterimento dos indígenas no contexto de pandemia. "Somos punidos até por não termos direitos. A vacina, por exemplo, só chega aos povos que estiverem ladeados. Ora, a maior luta dos indígenas no Brasil é, justamente, por demarcação", ressalta.

Além de enfrentarem questões sociais, as mulheres enfrentam, também, obstáculos no campo profissional. "Eu me lembro que cinco anos atrás achava que a gente superaria estas situações facilmente. Cá estou eu, ingressando no mercado de trabalho e vendo todas as dificuldades; as portas fechadas que existem", sente Alice. Infelizmente, a jovem não erra ao dizer que as portas estão fechadas. Em 2020, a desocupação acelerou e a Pesquisa Nacional por Amostragem de Domicílios realizada pelo IBGE durante a pandemia (Pnad-Covid) mostrou que a taxa de desemprego entre a população feminina atingiu 16,9%.

A luta contra a violência à mulher, que em 2021, completa 41 anos, cresceu durante a pandemia; isso, porque, com a quarentena, aumentaram os casos. "Muitas mulheres ainda não conseguiram romper com estes ciclos de violências, por isso, minha bandeira é para que a gente consiga se libertar", relata Jacyara. Já Miriam lembra: "Penso em todas as mulheres que estarão recebendo flores e elogios vazios para adormecer os altos índices de violência doméstica em decorrência da pandemia".

O ponto em comum

Enfrentando jornadas de trabalho maiores, cuidando da família, galgando espaços na sociedade, procurando viver com direitos. Neste contexto, elas entendem que qualquer atribuição relacionada à fraqueza do gênero não se encaixa na descrição da mulher. "Eu me somo, engrosso o coro, o grito de várias mulheres que lutam para sobreviver. Acho que somos sobreviventes. Nós que ainda estamos respirando, ocupando um lugar de fala, pleiteando visibilidade. Nós que fortalecemos umas às outras para que a gente não permita que nos silenciem", exclama Jacyara.

Já Nalva não deixa de mencionar a sensibilidade feminina. "Nossa sensibilidade e feminilidade não querem dizer que somos fracas. Isso é só mais uma característica nossa e a gente deve ter orgulho de ser quem a gente é", exalta a jovem.

"As mulheres têm em comum a sororidade, a vontade de dar certo na vida. Muito sonho e muita ilusão também", afirma a Mestra Ana do Coco com divertimento.

Dia da Mulher 2021

Em 2021 as comemorações do Dia Internacional da Mulher seguirão o decreto de contenção à propagação da pandemia do novo coronavírus. A Fundação Espaço Cultural da Paraíba (Funesc) está realizando celebrações voltadas ao Dia da Mulher diariamente em seu canal no YouTube. O evento "Mulheres que transformam o mundo", acontecerá no canal do Governo da Paraíba, às 10h desta segunda-feira, dia 8. Além disso, às 20h ocorrerá a live Show das Mulheres - Vozes Negras, com a participação da cantora Khrystal. O Show das Mulheres será transmitido pelo canal da Funesc.

Covid: mulheres da linha de frente falam sobre desafios

Profissionais da área da saúde encaram rotinas exaustivas nos hospitais com o objetivo de salvar vidas

José Alves
zavieira2@gmail.com

Mesmo com o risco de contrair o coronavírus, um verdadeiro exército de mulheres acorda todos os dias para lutar na linha de frente contra esse inimigo letal e invisível. Elas encaram rotinas exaustivas nos hospitais com um único objetivo: salvar vidas. A reportagem de A União conversou com duas dessas heroínas e elas relataram quais são seus medos, angústias e impotências diante da morte de um paciente. Também falaram do preconceito que sofrem nas ruas, e como se entregam e se dedicam à profissão mesmo com o avanço da pandemia. A mensagem delas para os paraibanos é uma só: "Nas festas sempre cabe mais um. Na UTI não. Fiquem em casa".

Lindinalva Vitoriano Velez, enfermeira do Hospital Metro-

litano, tem uma história bem interessante. No início da pandemia, em março do ano passado, ela estava grávida de seis meses, e mesmo assim continuou trabalhando. "Eu continuei trabalhando porque não tinha noção real de como era esse vírus e como ele se propagaria, mas apesar de tudo, continuei trabalhando até o oitavo mês, por ser apaixonada por minha profissão", confidenciou.

Como enfermeira intensivista, especialista em terapia intensiva e em urgência e emergência, ela disse que desde a chegada do vírus tem tomado todas as precauções com a higiene contra a covid-19. "Acho que foi por me cuidar tanto, com o uso de máscara e álcool em gel, que meu filho nasceu saudável, mesmo eu estando diariamente dentro de um hospital", analisou.

A enfermeira

Lindinalva disse que a maior felicidade dela, é quando presencia um paciente recebendo alta do hospital. "Depois da gravidez e da licença maternidade, voltei para trabalhar na linha de frente. Atualmente estou coordenando a 'UTI covid 6 do Metropolitano', e tomando todas as precauções para não levar a covid-19 para casa. Meu maior medo, não é contrair a doença, o medo é levar a doença pra casa e contaminar quem eu mais amo", revelou ela informando que há sete anos trabalha na terapia intensiva e pretende continuar nessa profissão até se aposentar.

Nesse trabalho de combate a covid-19, Lindinalva disse que em sua profissão cuida do amor de outras pessoas, do amor da vida de alguém, da mãe, do pai ou do filho de alguém. "São vidas que quando recebem alta é motivo de comemoração impagável. É alegria que dinheiro nenhum compra. Mas quan-

do a gente presencia uma pessoa indo embora, é angustiante".

A enfermeira relatou que ao término do expediente até chegar em casa, os cuidados com a higiene são dobrados. Primeiro ela entra em um espaço da casa, tira sapatos e roupa, e coloca tudo dentro de um saco plástico e toma banho, para depois falar com o filho e o marido. "Às vezes meu filho de oito meses chora querendo me abraçar, mas antes, tenho que passar álcool em gel em praticamente todo o corpo para poder abraçá-lo", disse ela relatando que em razão do seu trabalho, dorme em um quarto separado do filho e do marido com medo de transmitir alguma coisa pra eles.

O que a gente vê em muitos pacientes da covid-19, é que eles são pessoas que necessitam muito de carinho e dependem muito dos médicos e enfermeiros. "Mesmo a

gente se sentindo cansada e com problemas em casa para resolver, sempre olhamos os infectados passando mensagens de confiança e esperança para eles. Não é fácil, muitas vezes ficamos entre a vida e a morte, e quando a gente perde um paciente é muito ruim. Na hora a gente pensa que poderia ser alguém de nossa família".

Lindinalva revelou que uma das coisas que mais lhe causa revolta é quando sai do hospital e se depara com pessoas se aglomerando nas ruas sem máscaras ou bebendo em bares como se o vírus não existisse. "Dá uma vontade de ir até onde eles estão e dizer que milhares de pessoas estão morrendo diariamente. Isso me entristece porque estamos fazendo um esforço enorme e para as pessoas que vivem se aglomerando, nada disso importa. É como se a gente estivesse enxugando gelo", desabafou.



Assim como Lindinalva (E), o maior medo de Bianca (D) não é se contaminar, mas contaminar as pessoas que ama. Elas contam que há praticamente um ano dormem em quartos de casa separadas dos familiares, mas, mesmo assim, amam suas profissões e com certeza fariam tudo outra vez



Fotos: Divulgação

+ A cura de um paciente é uma recompensa pra nós

Para a assistente social e enfermeira, Mara Bianca Lemos de Souza, do Hospital Clementino Fraga, estamos vivendo em uma guerra cruel sem saber quem é o inimigo. "O problema é que cada paciente tem sua própria história e sintoma diferente, e todos os dias nos entregamos para salvar a vida do outro. Não é fácil, mas é gratificante quando a gente vê pessoas sendo curadas e voltando para o convívio de suas famílias. É nesse ponto que somos recompensadas", afirmou.

A exemplo de Lindinalva, o maior medo de Bianca não é se contaminar, mas conta-

minar as pessoas que ama. "Já faz praticamente um ano que durmo em quarto separado em minha casa, mas mesmo assim, amo minha profissão e com certeza faria tudo outra vez. Espero que cada dia seja melhor que o que passamos".

Quando presenciamos a morte de pacientes a gente se sente impotente, disse a enfermeira, enfatizando

“Nós profissionais de saúde estamos nos sentindo cansados, mas continuamos trabalhando porque esse é o nosso legado e precisamos salvar vidas”

que mesmo nessa hora triste temos que admitir que os profissionais da saúde são instrumentos de Deus. "Temos sempre que dar o melhor, e saber que só Deus tem o direito de dar ou tirar a vida. Temos que encarar a morte dessa maneira, sabendo que amanhã, outras pessoas vão precisar da gente para sobreviver. Muitos não conseguem, mas outros vão poder ser resgatados para continua-

rem vivendo", relatou.

Bianca disse que mesmo com toda essa luta dos profissionais da saúde buscando salvar vidas, o preconceito existe. "Quando a gente diz que trabalha na linha de frente e está com o uniforme do hospital, há um certo receio das pessoas. Elas se afastam da gente com medo de ser contaminado. E se a gente tossir na rua, o medo das pessoas se transforma em pânico. Faz um ano que não vejo nem converso com meus vizinhos. Minha vida é trabalho casa, casa trabalho, mas é gratificante lutar por vidas".

Para Bianca, o que está

faltando mesmo neste período, é a população se conscientizar de que o vírus é letal e que todos precisam usar máscaras e só sair de casa em extrema necessidade. "Nós profissionais de saúde estamos nos sentindo cansados, mas continuamos trabalhando porque esse é o nosso legado e precisamos salvar vidas. Minha revolta é quando saio de um plantão de 24 horas e encontro pessoas na rua sem máscaras, alegando que esse vírus não existe, quando na verdade, estamos vivendo momentos de tensão com os leitos dos hospitais praticamente ocupados", concluiu.



Maquete do Centro de Referência da Saúde da Mulher (CRSM) no bairro de Cruz das Armas, em João Pessoa

Capital vai ganhar Centro de Referência da Saúde da Mulher

Unidade será construída no bairro de Cruz das Armas, no espaço hoje ocupado pela Maternidade Frei Damião

Juliana Cavalcanti
julianacavalcanti@epc.pb.gov.br

Ainda este ano, o Governo do Estado dará início à construção do Centro de Referência da Saúde da Mulher (CRSM) no bairro de Cruz das Armas, em João Pessoa. A unidade ficará no espaço hoje ocupado pela Maternidade Frei Damião e a previsão é que esta seja demolida em abril para, em julho de 2021, as obras comecem.

A expectativa é que a obra dure dois anos devido à logística envolvida. Serão 14 mil metros quadrados de área construída e um investimento previsto de R\$ 52 milhões, sendo R\$ 38 milhões do Governo Federal. De acordo com a diretora-superintendente da Superintendência de Obras do Plano de Desenvolvimento do Estado (Suplan), Simone Guimarães, a pretensão é que a licitação seja iniciada o mais rápido possível.

“A previsão é que seja liberado até o final de abril. A licitação como é uma concorrência (obra acima de R\$ 3,3 milhões) dura 30 dias. Eu acredito que no dia 30 de maio seja a habilitação de empresas e até 30 de junho a gente encerra pra gente começar essa obra até 15 de julho, com a demolição ocorrendo ainda em abril”, adiantou a gestora.

O planejamento depende das ocupações de leitos de covid-19 no estado. Conforme a diretora-superintendente, a demolição do antigo hospital estava prevista para ocorrer em janeiro. No entanto, o aumento do número de casos de coronavírus fez com que o governador da Paraíba, João Azevêdo e o secretário de Saúde, Geraldo Medeiros optassem por não fazer naquela época, evitando a falta de leitos para atender a população.

“Então, optaram por aguardar um pouco porque a licitação também está dependendo do aval da Caixa e a partir do momento que a Caixa aprovar faz a demolição. Mas, ainda estão organizando leitos pra atender covid, pois o número de casos está aumentando muito. Então, não pode ficar pessoas na fila para ter atendimento”, declarou.

Ela informou, inclusive, que a Caixa Econômica Federal segue analisando a proposta de licitação cuja avaliação dura em torno de 40 dias. A diretora observa que

esta construção é considerada de grande importância pelo Governo do Estado que também aguarda as futuras análises da pandemia para seguir o planejamento.

Simone Guimarães lembrou que a Secretaria de Estado da Saúde (SES-PB) fez a realocação dos atendimentos da Frei Damião. Com isso, a maternidade, desde o ano passado conta com uma segunda unidade na Avenida João Machado, no Centro da capital (antigo Hospital Santa Paula).

A unidade de Cruz das Armas hoje atende casos de covid-19. A proposta, desde aquela época é que todos os serviços ligados à maternidade sejam transferidos para o novo local até que o antigo prédio seja demolido para dar lugar ao Hospital da Mulher.

“Vários exames vão ser feitos no Hospital da Mulher, além de assistência médico-hospitalar, nutricionista, endocrinologista, ginecologista, parto e apoio a gestante. A rede cegonha vai contar com a central de abastecimento farmacêutico, alimentação, centro de diagnóstico por imagem, ambulatório, banco de leite humano e clínicas de atendimento. Vai ficar um hospital tão bom quanto o Hospital Metropolitano de Santa Rita”, comemora a representante da Suplan.

A superintendente também destacou a ferramenta de engenharia “BIM”, tecnologia onde a Paraíba é um dos estados pioneiros em obras públicas. Tal instrumento, evita aditivos desnecessários na obra e agora será utilizada na construção do Centro de Referência da Saúde da Mulher (CRSM).

Por isso, ela reforça o diferencial desta unidade diante de todos os serviços já existentes no estado e a importância que ela terá para a saúde das paraibanas. “Em 2021, tem mulheres que ainda morrem de parto, devido a complicações por não terem assistência necessária. A importância é imensa: reduzir o número de gestantes que poderão vir a óbito. Ter um filho é vida e não era pra ser um momento de tristeza por ter perdido por conta de uma falta de atendimento, de não ter uma unidade especializada para aquele tratamento. Vai ser um atendimento para todas as mulheres da Paraíba”, finalizou Simone Guimarães.



A diretora-superintendente da Suplan, Simone Guimarães, disse a pretensão é que a licitação seja iniciada o mais rápido possível

Foto: Divulgação



203 vagas entre leitos e macas para atendimento

Conforme o relatório técnico da Superintendência de Obras do Plano de Desenvolvimento do Estado (Suplan), o Centro de Referência da Saúde da Mulher (CRSM) será composto por 203 vagas entre leitos e macas para atendimento obstétrico e complementares.

Segundo a proposta técnica, este será um hospital de referência da saúde da mulher, que deve aumentar a disponibilidade diagnóstica, bem como agilizar o atendimento especializado às pacientes. Para isso, irá contar ainda com uma “Maternidade com Unidade Diagnóstica e Ambulatorial para Hospital da Mulher” a fim de garantir acolhimento em todo o seu ciclo gravídico puerperal e da criança até 24 meses.

Tal espaço deverá ser referência para os 223 municípios paraibanos, conforme prevê o relatório. A meta é que este serviço hospitalar tenha a maior oferta de especialidades do estado.

O espaço deverá ser referência para os 223 municípios paraibanos e terá a maior oferta de especialidades do estado

O Centro de Referência terá uma Equipe Multiprofissional composta por assistente social, biomédico, enfermeiros, farmacêuticos, fisioterapeuta, fonoaudiólogo, nutricionista, odontólogo, psicólogo, terapeuta ocupacional, técnico de enfermagem, médico obstetra, ginecologista, médico anestesista, radiologista, cardiologista, endocrinologista, hematologista e mastologista, dentre outros.

O projeto apresenta uma área total de 14.881,70m² distribuídos em subsolo, térreo, 1º pavimento, 2º pavimento e área técnica. As atividades planejadas incluem o atendimento eletivo de promoção e assistência à saúde em regime ambulatorial; Urgência e emergência; Internação de pacientes adultos e infantis; Internação de recém-nascidos até 28 dias (neonatologia); Internação de pacientes em regime de terapia intensiva; diagnóstico; cirurgias, Ações relacionadas ao leite humano, dentre outros vários procedimentos.



Município de Alagoa Nova foi emancipado politicamente em 1904



Bordadeiras do município ganharam fama pela beleza dos seus trabalhos

Alagoa Nova: a terra dos bordados e das cachaças

Município localizado no Brejo paraibano se destaca pela qualidade da produção dos dois tipos de produtos

José Alves
zavieira2@gmail.com

Integrante da Rota Cultural Caminhos do Frio, o município de Alagoa Nova, a 148 quilômetros de João Pessoa, se destaca pela produção de cachaça que está entre as melhores do país, e pelo artesanato do bordado, que rompeu os limites do município e avança por todo o Brasil. Situado no Brejo paraibano, o município é bastante convidativo para quem pratica o turismo ecológico, uma vez que oferece diversas trilhas em direção aos engenhos da cidade. A tradicional galinha de capoeira é atração central na culinária.

Alagoa Nova encontra-se inserido na bacia hidrográfica do Rio Mamanguape e seus habitantes se chamam alagoa-novenses. De acordo com o prefeito Francinildo Pimentel da Silva, outro ponto forte da economia local é a fábrica da Alpargatas que emprega mais de mil trabalhadores. As plantações de hortaliças e de cana-de-açúcar também geram emprego e renda para os moradores.



A lagoa é um dos pontos turísticos do município, que costuma atrair muitos visitantes para a prática do ecoturismo

A produção de cachaça paraibana já recebeu merecido reconhecimento. Pelo menos três cachaças produzidas na Paraíba ficaram entre as cinco melhores do Brasil no guia da revista Veja. A cachaça Serra Limpa, a Volúpia e a Serra Preta.

A cachaça produzida em Alagoa Nova, obedece aos mesmos moldes da época de seu início no tocante a plantação, colheita, fermentação e destilação. Elas acompanham as tendências do mer-

cado, não abrem mão das antigas tradições e integram o projeto Cachaça de Alambique no Brejo paraibano.

Bordado

Com mais de 50 anos de existência, a tradição do bordado continua conquistando adeptos. O núcleo que agrega as artesãs é a Cooperativa das Bordadeiras de Alagoa Nova (Cooban), um dos grupos premiados pelo Top 100 de Artesanato realizado pelo Sebrae. A entidade

reúne mais de 30 artesãs que produzem cerca de 500 peças por mês e os preços variam de R\$ 10 a R\$ 250.

O estilista Ronaldo Fraga foi um dos conquistados por essa arte popular e incorporou um vestido da cooperativa a uma de suas coleções, o que fez com que a Cooban passasse a exportar a arte do bordado para a Europa. As bordadeiras de Alagoa Nova recebem apoio total da Prefeitura local através da Secretaria de Educa-

ção, Cultura, Esporte e Lazer e também do Departamento de Turismo está dando total apoio às bordadeiras que neste momento precisavam de local, bem como de estrutura para o desenvolvimento das peças e assim gerar renda e ânimo para a volta das suas atividades que estavam paralisadas devido a falta de apoio.

Apoiar e incentivar nosso artesanato é um dever de todo gestor público, para que esta tradição e cultura siga e leve o nome da nossa cidade cada vez mais longe, gerando renda, gerando valor e fazendo nosso artesanato cada vez mais forte, este é o nosso papel.

Combate à covid-19

A gestão municipal continua com as ações de combate à covid-19, e nesta semana entregou mais 10 lavatórios para a higienização da comunidade, instalados nas calçadas de correspondentes bancários, espaços e prédios públicos.

A medida está sendo executada pela Secretaria de Planejamento juntamente

com a Secretaria de Saúde como uma medida para conter a proliferação do novo coronavírus, garantindo a higienização das pessoas que precisarem sair de casa e buscar alguns dos serviços essenciais com funcionamento autorizado.

Os lavatórios são equipados com: torneira com água corrente, sabão líquido e papel toalha. São estruturas portáteis e ficarão disponíveis nos pontos determinados.

Os lavatórios estão sendo utilizados na feira central, na Secretaria de Saúde e CEO, próximo aos Correios e Lotérica, Prefeitura Municipal e nas unidades de saúde.

Religião

Em Alagoa Nova predominam as religiões católica e evangélica. Na avenida principal da cidade se coloca de forma altiva, a igreja sob a invocação de Santana, padroeira do município. As igrejas evangélicas são representadas por diversas denominações, sendo as mais antigas a Assembleia de Deus e a Congregacional.

+ Terras indígenas, revolta do Quebra-Quilos e 'Civilização da Farinha'

Grande parte da história de Alagoa Nova se perdeu quando da destruição de arquivos da Prefeitura Municipal, que se deu por ocasião da Revolta dos Quebra-Quilos. Rebelião popular que aconteceu em 1874, contra a adoção do sistema métrico decimal e de novos impostos que estavam sendo mandados cobrar pelo governo provincial.

Segundo nota de historiadores, conclui-se que Francisco Falcão, Marçal de Miranda e Simão Ferreira da Silva, requereram nove léguas de terra em 1718. Desta sesmaria, que se limitava com a serra 'Lagoa Nova' de onde parece ter se

derivado o nome da cidade. A emancipação política do município se deu em 10 de novembro de 1904.

A região era primitivamente habitada pelos índios bultrins, da nação Cariri. Foi fundado um aldeamento, a Aldeia Velha, posteriormente chamado de Bultrin. Com a promulgação do Diretório dos Índios, em 1760 as terras indígenas do aldeamento fazente foram invadidas por fazendeiros, gerando um conflito com os indígenas, que resistiram à invasão. Os índios foram vencidos. Muitos foram escravizados. Remanescentes destes indígenas foram viver

na missão do Pilar. Os portugueses estabeleceram então fazendas na região, que foram os núcleos de novos povoados.

Em 1763, o governador Francisco Xavier de Miranda Henrique concede as terras do Olho D'Água da Prata, vizinhas ao aldeamento Bultrin a Maria Tavares Leitão e seu filho, ao alferes José Abreu Tranca. Utilizando mão de obra escrava, os moradores cultivaram agricultura de subsistência e criaram gado. O excedente de farinha era vendido para o Sertão, o que levou o historiador Epaminondas Câmara a denominar este período de "civilização da farinha".

O distrito foi criado com a denominação de Alagoa Nova, pela lei provincial nº 6, de 22 de fevereiro de 1837 e instalado em 27 de fevereiro de 1851, subordinado ao município de Campina Grande. Foi elevado à categoria de vila com a denominação de Alagoa Nova, pela lei provincial nº 10, de 5 de setembro de 1850, desmembrado de Campina Grande, com sede no núcleo de Alagoa Nova. distrito sede.

O município foi palco da Revolta do Quebra-Quilos, em 1874. Nesta ocasião, o arquivo da prefeitura foi incendiado, o que fez com que

parte da história do município fosse perdida.

Em 5 de junho de 1900, foi extinta a vila de Alagoa Nova. Foi novamente elevado à categoria de município com a denominação de Alagoa Nova, pela lei nº 215, de 10 de novembro de 1904.

O município se estende por 122,3 km², e tinha uma população estimada para 2020, segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), em 20.921 pessoas. Alagoa Nova tem como vizinhos, os municípios de Matinhas, Areia, Esperança, Alagoa Grande e São Sebastião de Lagoa de Roça.



Foto: Luana Teyze/Divulgação

Ativista cultural que deixou sua marca pelo Sertão da PB

Celebrando o Dia da Mulher, a escritora, poetisa, artista visual e professora Cessa Lacerda transformou o cotidiano de Pombal

Cairé Andrade
caireandrade@epc.pb.gov.br

Amanhã se celebra – e se reflete sobre – o Dia Internacional da Mulher. Para simbolizar a data, nada melhor que uma personalidade na vida cultural do Sertão paraibano, que tem “Bonsucesso” no nome, e que acumulou na sua trajetória as funções de escritora, poetisa, artista visual e professora: Cessa Lacerda há dez anos deixava sua arte como herança para o público e artistas do estado.

Nascida em Pombal, Maria do Bonsucesso de Lacerda Fernandes publicou três livros, entre os quais o primeiro completa 30 anos – e o último, duas décadas – em 2021. Foram eles: *Escada de Sentimentos* (1991), *Pombal! História Viva da Comunicação* (1999) e *Homenagem e Resgate: Prosa e Poesia* (2001).

Conterrânea da multiartista, Diana Assis foi aluna de Cessa durante a infância e, posteriormente, se tornaram colegas de profissão quando integrou a Escola Normal Josué Bezerra. Em suas palavras, Cessa era “um ser humano maravilhoso de inúmeros adjetivos”.

O movimento cultural promovido na região pela artista resultou também no crescimento e aparecimento de novos nomes pela cidade, que conta com uma importante cena até hoje. “Dona Cessa deixou um marco e uma saudade

imensa, é uma pessoa que faz uma grande falta e de quem eu sinto saudade todos os dias”, afirma Diana.

Dona Cessa foi uma ativista cultural pelo Sertão paraibano também por presidir a Academia de Letras de Pombal na década de 1990, quando foi fundada, até a sua morte, em 25 de fevereiro de 2011, aos 71 anos. Além de estar à frente da instituição literária, a artista edificou a Associação Poética Pombalense Newton Pordeus Seixas (Asponps), assim como o Teatro Infantojuvenil de Pombal (Tinjau).

“Dona Cessa era uma poetisa do amor, uma artista plástica, companheira, uma mãe exemplar e amiga. Era ímpar como ser humano, uma pessoa maravilhosa”, continua Diana Assis, mencionando o Troféu Imprensa Radialista Cleomildo Brune, com o qual Cessa foi homenageada entre 2001 e 2007. “Ela é uma eterna mestra”, reforça a professora de Estudos Sociais, atualmente aposentada. “Sou muito grata a ela por proporcionar tantas experiências e inspirações”.

Enquanto escritora e poeta, Cessa Lacerda era um ser de intensos sentimentos. “Sua escrita era a voz da sua alma. Ela sempre tinha um motivo para escrever e nos presentear com suas obras. Com ela, eu aprendi que queria voar como as águias e, através de sua obra, ela voava muito alto”, recorda Assis, que acompanhava e auxiliava nos

lançamentos da amiga. “Decorava o ambiente como uma grande festa e dava um colorido que era o que ela deixava transparecer em suas obras”.

Aos 22 anos, Cessa se casou com Francisco Fernandes da Silva, o Bibia, com quem teve cinco filhos: Francisco, Francimar, Antônio, Rômulo e Cândida. O professor, músico e produtor cultural Luizinho Barbosa reforça a importância da Dona Cessa para a cultura interiorana da Paraíba e suas experiências afetivas e profissionais com a família. “Ela realizava atividades musicais com os alunos pela cidade, uma vez, ela e o esposo me convidaram para uma excursão em Fortaleza. A partir daquele mo-

mento os nossos laços de amizade e culturais começaram a se desenvolver. Eu acompanhava suas atividades culturais pela cidade, ia para suas apresentações e vice-versa. Ela sempre foi uma motivadora para o meu trabalho em Pombal”.

Vizinho de Dona Cessa, Luizinho adianta que integrar a Academia de Letras de Pombal com a amiga foi um período único e bastante enriquecedor para a região. “Ela incentivava diversas atividades e promovia a cultura para as gerações mais novas tanto para a leitura e escrita, quanto para outros elementos, como o nosso folclore. Era uma figura bastante ativa, incentivadora e inspiradora”.

Pombal é um celeiro cultural, nas palavras de Luizinho, que parafraseia a amiga. “Temos muitos escritores pela cidade. A gente faz por amor à causa mesmo, algo como uma missão de vida”. Para Luizinho Barbosa, Cessa Lacerda era uma personalidade que motivava os jovens com sua experiência. “Sempre a admirei. Ela era especialmente importante para a nossa cena justamente por esse empenho, que resultou em novos valores. Ela também me motivou bastante a partir de quando tivemos a oportunidade de viajar juntos. Sem dúvida, motivou muitos jovens da época”.



Arte: Tônio

Dona Cessa (1940-2011) foi presidente da Academia de Letras de Pombal nos anos 1990 até a sua morte, há 10 anos, além de fundar a Associação Poética Pombalense Newton Pordeus Seixas e o Teatro Infantojuvenil de Pombal

+ Escritora se destacava também nas artes visuais da região

Ocupando diversos ambientes culturais por Pombal, Cessa Lacerda estudou Licenciatura em Letras e Pós-Graduação em Língua Portuguesa pela Faculdade de Filosofia Ciências e Letras de Cajazeiras (Fafic). Foram cerca de três gerações aprendizes que acompanharam a escritora, poetisa e artista visual, de acordo com o filho caçula, Rômulo Lacerda.

“Ela tinha um forte vínculo com a cidade, era muito ativa, muito comunicativa e participativa de todo o calendário cultural de Pombal”, atesta ele. “Desde pequeno, eu via esse seu lado voltado para as artes visuais e ilustrações. Ela dava cursos de pintura, artesanato e sempre nos despertou para esse lado. Como sou o filho mais novo dos homens, acompanhei quando era adolescente e ela estava

se aposentando. Foi quando se dedicou mais às artes”.

A personalidade atuou por anos valorizando a arte, inclusive pelo programa *Coração Apaixonado*, na Rádio Bonsucesso AM, de Pombal. “Ela sempre teve a preocupação com a cultura local e tinha um nicho de amizades que estavam diretamente ligadas à cultura, além de ter sido uma mãe dedicada”, comenta, emocionado.

Uma lembrança da mãe artista vem para Rômulo de quando ele havia retornado a Pombal de um período pré-vestibular que havia passado em João Pessoa, estudando. “Ao voltar para a casa dela, comecei a trocar figurinhas, afinal, não era mais a criança caçula, então comecei a absorver bastante coisa vinda dela”, recorda.

Seus trabalhos não se resumiam apenas em pinturas a óleo ou em tecidos. Houve um período no qual foi solicitado, pelo padre, uma restauração pelas mãos de Dona Cessa para a imagem de Cristo que integrava a igreja da cidade. “O monumento estava meio desgastado e isso aconteceu em uma época que a gente estava bastante próximo”, relembra Rômulo Lacerda. “Ela me pediu para ajudá-la, pois era uma peça grande, quase em tamanho real. Esse Cristo passou cerca de dois meses em casa, em cima da nossa mesa de jantar. Foram muitas lembranças boas desse período porque a gente trabalhava muito, mas também conversava e a relação se tornou ainda mais próxima. Foi algo que me marcou muito dentro dos trabalhos que ela fez”.



Foto: Divulgação

Cessa ministrava cursos de pintura e artesanato, chegando até a restaurar monumentos religiosos

Artigo

Estevam Dedalus
Sociólogo | colaboradorA Petrobras e o
interesse nacional

O sistema de preços praticado pela Petrobras é um crime de lesa-pátria, que deve agravar a crise social e econômica que vive o Brasil.

Com o governo Michel Temer a empresa passou a adotar uma política de reajuste de preços dos combustíveis com base na variação do dólar e na cotação internacional do barril de petróleo. Isso significa que, mesmo que a produção interna tenha baixo custo, pagaremos os valores praticados no exterior.

Essa política levou à venda de refinarias e empresas de distribuição. O controle de toda cadeia produtiva, dos poços até à bomba, é o que permite a Petrobras garantir a venda de combustíveis mais baratos. E assim proteger o país das oscilações do mercado internacional, que são bastante comuns, reduzindo a pressão inflacionária.

É preciso evidenciar que a racionalidade por trás dessas medidas visa enfraquecer a capacidade da empresa de controlar o preço dos combustíveis, favorecendo o maior lucro dos acionistas e a transferência da riqueza nacional para o capital estrangeiro.

O presidente Jair Bolsonaro pareceu, por um instante, que tentaria mudar os rumos dessa política ao anunciar a troca do presidente da Petrobras. A medida se mostraria mais uma resposta simbólica para o seu eleitorado. Em especial, os caminhoneiros que sofrem diretamente com os reajustes frequentes no preço do

diesel e que, lembremos, por mais de uma vez ameaçaram entrar em greve. O que a essa altura seria um desastre para a popularidade do governo.

Bolsonaro resolveu, então, encontrar um bode expiatório nos governadores estaduais, alegando que a alta é resultado da taxa de imposto praticada pelos Estados. Uma grande falácia. A gasolina, por exemplo, vem sendo reajustada sistematicamente desde que a nova política da Petrobras entrou em vigor, o mesmo não acontece com os impostos. Zerar os impostos estaduais como Bolsonaro vem pedindo teria um impacto negativo na arrecadação, naturalmente impactando a oferta de serviços públicos e o equilíbrio fiscal. O que significaria sacrificar ainda mais o bem público para satisfazer especuladores financeiros.

A reação do mercado e da mídia corporativa com a mudança na presidência da Petrobras é bastante sintomática de como os interesses do capital são defendidos por um setor importante da imprensa. A verbosidade neoliberal que repudiava a intervenção do governo numa empresa pública beira à esquizofrenia.

Enquanto a Petrobras estiver desvirtuada de sua função histórica de garantir a nossa autonomia energética, viveremos dias muito difíceis. Esses são sintomas de um amplo processo de destruição da soberania nacional e de submissão ao capital internacional, que aprofunda nossas desigualdades.

Estética e Existência

Klebber Maux Dias
klebmaux@gmail.com | colaborador

Poesia e contrarrevolução

O Formalismo Russo surgiu no início do século 20. Naquela época, a história literária estava dominada pela erudição e não priorizava os valores estéticos. Nas universidades, o ensino de linguística fazia-se através dos critérios positivistas. Nesse contexto, deu-se o início do pré-formalismo, que priorizou a produção da crítica literária do biografismo e da historicidade. Esse período se deu mais intensamente a partir de 1917 até 1930. A característica desse formalismo foi proporcionar à crítica literária um método bem definido, atribuindo-lhe um objeto de estudo bastante detalhado, a fim de eliminar os conflitos gerados através da crise dos métodos de investigações entre os diversos domínios do conhecimento, da ciência e arte. Os formalistas reagiram contra a crítica impressionista, subjetivista e tendenciosa; protestaram contra a crítica acadêmica de tendência erudita, que ignorou os problemas teóricos exigidos pelo fenômeno literário.

Os formalistas consideraram que a “ciência da literatura” deve estudar a literariedade, que é atribuir a uma obra sua qualidade literária e “algo” que constitui o conjunto de características diferentes do objeto literário. Esse desafio conduziu os formalistas a definirem os caracteres específicos do fato literário: eles não procuravam essa característica no estado de alma e nem na pessoa do poeta, os formalistas procuravam no poema; também, não buscavam essa especificação na natureza da experiência humana ou da vivência contidas no poema, nem nas categorias e nos axiomas de qualquer estética especulativa. Os formalistas afirmavam que o objeto literário está no próprio texto literário, esse objeto é “algo imanente” e “inseparável” do próprio texto, que deveria ser conquistado como objeto de estudo.

Os formalistas, a fim de estabelecerem os caracteres próprios do objeto literário, decidiram comparar a linguagem poética e a linguagem cotidiana. Esse método foi descritivo e morfológico, considerou o conhecimento da obra como organização artística por meio de uma descrição exaustiva dos próprios elementos componentes e suas respectivas funções. Os formalistas interessaram-se pelos problemas fonostilísticos do verso, analisaram o estudo do ritmo, a relação do ritmo com a sintaxe, a análise de esquemas métricos, a eufonia e outros recursos. Eles retomaram os estudos semânticos da linguagem literária em



Foto: Divulgação

Russo Vladimir Maiakovski, “O poeta da Revolução”

relação as metáforas e imagens, fraseologia e técnicas usadas pelos escritores. O romance, a novela e o conto atraíram os formalistas, que se tornaram os primeiros no estudo sistemático dos aspectos técnicos dessas formas literárias. Dentre os problemas do gênero narrativo estudados pelos formalistas, pode-se citar a diferenciação entre romance e novela, e as diferentes formas de construção do romance e a importância do fator tempo na estrutura romanesca.

Os formalistas deram muita importância ao conceito de “forma”. Eles admitiram que a separação “fundo-forma” incluía a “forma” como algo exterior; no sentido de ser um recipiente em que se vaza algum conteúdo. Após exaustivos debates contra o entendimento acerca do estático e espacial, foi atribuído ao conceito de “forma” uma força, na qual a unidade da obra é uma totalidade dinâmica, cujos elementos estão ligados por um sinal de correlação e integração. Os chamados elementos ideológicos – elementos cognitivos e emocionais – estão presentes numa forma e não podem ser analisados e valorizados senão por meio da sua corporização artística; também não existem em literatura por si, como valores independentes de um contexto literário, e por isso devem ser estudados na sua específica forma e função literária. A noção de “forma” identifica-se com a própria obra artística conceituada na sua unidade e integralidade, deixando de precisar de qualquer termo correlato e complementar.

O formalismo defendeu que a obra não pode ser arrancada de um contexto histórico literário; também considerou a perspectiva evolutiva como uma condição necessária para a precisa análise do fenômeno literário. Diante disso, a dinâmica do surgimento de novas formas literárias é radicalmente histórica, e se pode observar que a “forma nova” dá lugar à forma antiga. Nessa perspectiva histórica, a partir do formalismo, a “obra de arte” não desempenha a função estética.

O formalista russo Viktor Borisovich Shklovsky (1893-1984) escreveu o livro *A Arte Como Processo* (1917), nessa obra, Shklovsky apresentou teses contra a doutrina na qual a linguagem poética consistiria em um pensamento por imagens, e, ao inovar o formalismo, ele afirmou que na linguagem poética é de grande importância o aspecto articulatório, por considerar – no verso – existirem sons sem qualquer ligação com uma imagem e que possuem uma função verbal autônoma. Shklovsky afirmou que a imagem é apenas um dos variados elementos do sistema de processos artísticos utilizado pelo escritor. Ele também afirmou que a atividade humana tende para a rotina e para o automatismo do hábito, o que se reflete na linguagem cotidiana, e por causa disso que os objetos são recebidos na comunicação pela linguagem cotidiana de modo fosco através de caracteres genéricos e superficiais; a linguagem poética fornece “uma sensação do objeto como visão e não como reconhecimento”. Nisso, o escritor deforma a realidade para melhor atrair o leitor, de forma a consistir o seu processo de representação do real num método de singularização dos objetos.

Concluo este texto com o poema de Vladimir Maiakovski (1893-1930):

*Brilhar sempre,
brilhar em todo lugar
até os últimos dias do guerreiro brilhar –
e sem desculpa nenhuma!
Eis o meu lema –
e do sol.*

■ Na extensão desse texto, sinta-se convidado para a audição do 308 Domingo Sinfônico, deste dia 7, das 22h às 0h, na rádio tabajara FM 105.5 ou baixe o aplicativo radiotabajara.pb.gov.br. Vamos conhecer a vida e as peças do regente, pianista e compositor Igor Fiódorovitch Stravinsky (1882-1971).

Kubitschek
Pinheiro

kubipinheiro@yahoo.com.br

Sob as ordens
da mamãe

Dissecando o modo de vida da cidade, vamos imaginar que a cidade agora é só na praia, vejo que a cena permanece provinciana, não por conta da pandemia, mas porque as casas estão coladas, sem o muro de Sartre. Help!

Inventei de mexer em livros velhos. Mas livros não envelhecem. Paguei Oswald de Andrade na curva, *Um Homem sem Profissão* (Civilização Brasileira) e fiquei com a lembrança dos antepassados da Semana de Arte Moderna, sem reencontrar a linguagem da minha mãe, que tinha lá sua sabedoria. “Meu filho se pegue com as mulheres”. Acho que essa foi a frase mais acertada.

Eu tinha um irmão chamado Oswald(o) Pinheiro, o primeiro que morreu depois de Maria. Mas não foi minha mãe quem escolheu seu nome, certamente meu pai, que já tinha lido o autor do *Manifesto Antropofágico*. Estamos bem longe desse manifesto...

Mas Oswald de Andrade, segundo Antônio Cândido, fez da vida romance e poesia, e fez do romance e da poesia um apêndice da vida, como se com isso quisesse abastecer suas memórias. Sempre achei Oswald de Andrade um escroto, principalmente pelas insinuações que ele fazia ao escritor Mário de Andrade, algo como homofobia. Mas esqueçam, eles estão mortos.

Eu procuro decantar as cidades, que são belas, até os lugarejos, naquilo que seja bucólico e essencial. Já disse aqui que minha mãe varria todos os dias a calçada da nossa casa no sertão e as pessoas não ousariam fazer o mesmo. Ela queria seu espaço assim, muito embora a calçada seja o passeio público. Esqueçam minha mãe, ela morreu há 29 anos perto do mar. Seu desejo foi realizado, não queria morrer numa cidade do interior, que ela chamava de “terra de muro baixo”.

Sou apaixonado por imagens que compõem as ornamentações arquitetônicas e comportamentais. Nem sei porque estou falando em comportamento, mas ele está em tudo. Já imaginou se tivéssemos, aqui, nesses prédios luxuosos, os grafites de Kobra? Não combinaria. Os prédios sobram com suas estruturas de concreto, uns sobre os outros, tirando visões dos prisioneiros. Quem antes via o mar, hoje sequer ver navios, o que já seria um jargão.

Ao cumprir minha função de abrigo tropical, de habitar, de sonhar, querer mais, além da literatura, de algo que me afaste da noção de refúgio e aconchego, mas não consigo ser androfágico. Eu gosto de me sentir cosmopolita dentro de casa, mas não está fácil.

O lugar privado também se torna um espaço vivo onde a rotina é rica, aliás, onde o próprio conceito de rotina parece se expandir, não para o individualismo, mas para minhas conversas comigo mesmo e os autores dos livros e canções. Não posso fazer nada em que ainda lateja sobre os manifestos. O mundo acabou.

Com isso, Oswald de Andrade não me parece sugerir um retorno a ideais modernos, quando a divisão entre o saber e o estar. “Fito nas paredes do living espaço as minhas altivas bandeiras. São os quadros, as obras-primas da pintura moderna de quem breve vou me desfazer”, diz ele em 1954.

Não sabia ou talvez imaginava que Oswald, já comia do mesmo prato, habitava-se o mesmo lugar daqueles ainda hoje se dizem intelectuais. Já disse, não gosto de Oswald de Andrade.

O que é mais essencial para a nossa vida, as cidades que são construídas para depois destruídas, um teto para quem não tem, que na sua existência e na relação política entre os moradores possa também construir um recanto.

Minha mãe não sabia o significado da palavra contraditório, sequer sobre essa dialética que expõe a própria vida mundana, mas dava as ordens por acabar de me apontar um modo de vida melhor, um jeito de ser, uma paz sem medo. Mas o bicho está nas ruas.

Kapetadas

1 - Como diriam os franceses, *c'est la vie* (“sei lá viu”).

2 - Vou vender o carro pra comprar gasolina, *c'est la vie*.

3 - Som na caixa: “Mamãe só pra você eu cantarei agora / Mamãe a solidão foi para sempre embora”, Agnaldo Timotéo.



Foto: Divulgação

Escritor, poeta e dramaturgo paulistano Oswald de Andrade (1890-1954)

Alex Santos

Cineasta e professor da UFPB | colaborador

'Capelinhas do Tibiry' foi um projeto a se perder no tempo

Jornalista e crítico de cinema paraibano Antonio Barreto Neto (dileto amigo de saudosa memória), na apresentação do meu primeiro livro *Cinema & Revisão* (1982), afirma o seguinte: "Há mais de oito anos militando na crítica e na realização cinematográfica – e adotando em ambos os fronts, a mesma postura (digamos) política – Alex Santos tem a autoridade que lhe confere essa experiência para falar com desembaraço sobre as duas coisas." E conclui: "A ideia de Alex é de que, desde que haja o real apoio dos poderes públicos e a soma de esforços isolados poderão reativar e estabilizar o processo de produção cinematográfica na Paraíba".

O Cinema na sua revisão histórico-política, a que Barretinho se refere, terá sido a minha preocupação naquela época, quando escrevi o livro. Agora, diante das incertezas, reflito e ratifico a tese sobre a necessidade de um responsável "revisão".

Venho acompanhando, de há muito, o envelhecido discurso entre alguns agentes culturais do poder público e a classe artística – considerada, realmente, a construtora de artes; não só da Paraíba. São ululantes alocações e promessas, todas carregadas de benesses ao fazer de uma cultura sempre pedinte, ajuda essa que nem sempre acontece. A não ser para "os mesmos".

Cotejando bem, tais "plácitos" são como se fossem supostos e profícuos canais irrigantes a desaguiarem em agras baixas lavours, viabilizando-as prosperidades. E que seria um real benefício cultural à classe trabalhadora, através dos faustosos editais de fomento cultural, que nem sempre chegam para todos, em razão das sabidas exceções...

Pelo que tenho visto ao longo dos tempos, nem sempre um bom projeto cai nas graças – o que chamaria de "sortilégio beneficente" – de um provedor de recursos desses editais de apoio financeiro à arte. E isso ficou comprovado há 15 anos atrás, quando submeti uma proposta de



Foto: Divulgação

Capela de São Gonçalo do Patrocínio, localizada em Santa Rita (PB), construção tombada pelo Iphan

filme documental direcionada às escolas de Ensino Público do Estado, a um então gabinete de cultura, que naquela época vivia às turras com o então prefeito da cidade de Santa Rita. Proposta que fora chancelada pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan), quando sua sede funcionava ainda na Praça Rio Branco, época da superintendente Eliane de Castro Machado, de saudosa memória.

O projeto, inscrito em tempo hábil, mesmo aprovado em duas comissões da própria Secretaria de Cultura do Estado – jurídica e financeiramente – foi rejeitado pelo gabinete de fomento, simplesmente porque lhe faltou o "jeitinho simpático", próprio/habitual, da ampla maioria dos demandantes. Desde então, tenho produzido nossos audiovisuais com recursos próprios e de parceiros que comungam do mesmo pensamento que eu. Poupan-do-me, assim, de alguns protocolares constrangimentos.

Capelas do Tibiry, proposta que submeti para cinema documental, originalmente em bitola fílmica de 16mm,

elaborada sobre as igrejinhas barrocas, tinha como foco a Colonização da Paraíba – História pura! Pesquisas sobretudo em Horácio de Almeida, além de assessorias abalizadas junto aos historiadores locais, como José Octávio de Arruda Mello e a santarritense Martha Falcão de Carvalho, ambos do Instituto Histórico e Geográfico Paraibano (IHGP). Nosso projeto fílmico realçava as bases das primeiras edificações religiosas do século 16, revendo as capelinhas de Tibiry, nos canais de Santa Rita, inclusive a de São Gonçalo do Patrocínio, tombada pelo Iphan.

Hoje, vejo com certa apreensão essa história do fomento institucional à Cultura. Até pelos atuais crivos federais à liberdade de expressão de artistas e imprensa, em todo o país. No entanto, admito: há de se insistir sempre, se for um projeto culturalmente educativo e válido, como foi o nosso àquela época. Triste episódio a me desencantar sobre os editais públicos. – Mais "coisas de cinema", acesse: www.alexasantos.com.br.

Letra Lúdica

Hildeberto Barbosa Filho

hildebertobarbosa@bol.com.br

Livros inesquecíveis

Neide Medeiros elenca seus "livros inesquecíveis" no campo da literatura infantil, na qual é mestra e pela qual revela uma paixão que não é comum. Uma paixão que diz muitas coisas de suas leituras, escolhas, inclinações, preferências e saberes.

Lidando com esta disciplina muitos anos (creio mesmo que esta disciplina se fez, ao longo do tempo, parte essencial de sua vida), Neide Medeiros soube separar o joio do trigo, valendo-se de sua sensibilidade e de sua consciência estéticas, para afastar, de sua refinada biblioteca subjetiva, a didática autoritária e o moralismo hipócrita tão presentes na maioria dos livros escritos para as crianças. "Criança também é gente", Neide Medeiros não duvida disso.

Sou dos que sabem que a literatura infantil, antes de ser infantil, infantojuvenil ou juvenil, tem de ser literatura. Só literatura. Literatura pura. Sem adjetivos que a reduzam à lógica insensata dessa ou daquela doutrinação. Literatura que, para ser literatura, tem de ser arte, arte da palavra, palavra explorada na mais alta taxa de significação que promove a função poética da linguagem.

A professora Neide Medeiros sabe isso como poucos. Observe-se a listinha de seus "livros inesquecíveis", para não me deixar mentir. *Histórias para crianças*, afirma ela, um presente do pai. Em seguida, acrescenta: *A chave do tamanho*, de Monteiro Lobato; *O diário de Anne Frank*; *O menino maluquinho*, de Ziraldo; *A bolsa amarela*, de Lygia Bojunga Nunes; *Bisa Bia Bisa Bel*, de Ana Maria Machado, e *Para criar passarinhos e Até passarinho passa*, de Bartolomeu Campos de Queirós.

Tirante talvez o primeiro, marcado pela exemplaridade, os outros citados pela professora são, de fato, pepitas do melhor quilate, pedras de toque do mais bem articulado labor com os vocábulos, apostando na inteligência, na sensibilidade e na fantasia da criança, esta criatura alada feita de inocência e sabedoria.

Lobato não poderia faltar. Lobato é o mestre de todos nós, se a lição é aventurar-se pelos reinos sem limites da imaginação criadora. Será que a menina de hoje o frequenta como os de minha idade o frequentavam? Também gosto de *A chave do tamanho*, mas o amor que aprendi a ter por uma boneca com o dna do humano me leva a ficar com as *Memórias de Emília*. Emília, aquela a quem perguntaram: Quem é você? E ela prontamente respondeu: "Sou a independência ou a morte!".

Quem não amar *O menino maluquinho*, bom sujeito não é. Humor, irreverência, criatividade convergem, em suas páginas, para a consecução de um texto dos mais hábeis e lúdicos da literatura brasileira. Nele, como a criança cresce... Como a criança revela seu próprio e inconfundível estatuto de criança, naquilo que a criança constitui de alegria e liberdade. E por falar em liberdade, embora noutra perspectiva, como não lembrar *A bela borboleta*? Aqui, a grande ação é a leitura, e o livro, o maior dos personagens.

Lygia Bojunga Nunes me parece um caso à parte. *A bolsa amarela* como que preserva uma metáfora territorial da vida e quanta dignidade imprime à espessura natural das coisas!. A palavra, aí, funde suas raízes mais profundas com os órgãos secretos da poesia mais original. Quando falo em Lygia, me vem logo à memória os três contos reunidos no volume *Tchau*. Se existe uma autora que conhece, por dentro e por fora, a alma da criança, com todas as suas fortalezas e fragilidades, esta autora é Lygia Bojunga Nunes.

Bisa Bia, Bisa Bel viaja pelo mesmo mundo interior da criança e insere o nome de Ana Maria Machado num lugar privilegiado. Gosto desta narrativa, mas lembro, aqui, o *História meio ao contrário*, exatamente pelo que tem de releitura pelo avesso das histórias tradicionais.

Bartolomeu Campos de Queirós tem, garantido, espaço especial na minha aventura de leitor. O poder de reflexão de seus textos sinaliza para o fato de que a criança e o jovem também pensam, também podem possuir capacidade de abstração, fora dos padrões lógicos do pensamento formal.

Por isto, assino em baixo das escolhas de Neide Medeiros. Compartilho de sua pequenina lista. Pequenina e preciosa. Suas escolhas me deram vontade de fazer a minha. Quem sabe, qualquer domingo deses ela apareça por aqui.



APC e a Geração 59

Patrono da Cadeira 15 da Academia Paraibana de Cinema (ocupada hoje pelo ator Fernando Teixeira), o poeta e cineasta Jurandy Moura foi o autor do documentário em preto e branco *Padre Zé Estende a Mão*. Ele também foi integrante de raro grupo de poesias denominado Geração 59, juntamente com uma dezena de parceiros paraibanos.

A participação de Jurandy na poesia consta das páginas de um livro, que tem por título *Geração 59*, editado pela Linha D'água, e reeditado em 2009, que esta semana foi entregue pelo historiador José Octávio de Arruda Mello à Academia Paraibana de Cinema, para fazer parte do seu acervo. A diretoria da APC agradece ao insigne historiador.

Em cartaz

ESTREIA

A VIÚVA DAS SOMBRAS (Vdova/The Widow. Rússia. Dir: Ivan Minin. Suspense, Terror. 14 anos). Inspirada em eventos reais, voluntários se perdem após entrar na floresta para resgatar um garoto de 14 anos. Quando o grupo inicia a busca, a comunicação entre eles e a base é interrompida de forma misteriosa e eventos sobrenaturais começam a acontecer. Os moradores locais acreditam que existe uma força maligna chamada Viúva das Sombras. CINE SERCLA PARTAGE 1 (dub.): 16h50 - 20h30.

RAYA E O ÚLTIMO DRAGÃO (Raya and The Last Dragon. EUA. Dir: Carlos López Estrada, Don Hall, Paul Briggs e John Ripa. Animação, Comédia e Aventura. Livre). Kumandra é um reino habitado por uma vasta e antiga civilização conhecida por ter passado gerações venerando os dragões, seus po-

deres e sua sabedoria. Porém, com as criaturas desaparecidas, a terra é tomada por uma força obscura. Quando uma guerreira chamada Raya, convencida de que a espécie não foi extinta, decide sair em busca do último dragão, sua aventura pode mudar o curso de todo o mundo. CINE SERCLA PARTAGE 2 (dub.): 15h10 - 17h20 - 19h30.

CONTINUAÇÃO

MONSTER HUNTER (EUA. Dir: Paul W.S. Anderson. Ação, Fantasia e Aventura. 14 anos). Baseado no jogo de videogame da Capcom homônimo, por trás do mundo que conhecemos, existe um perigoso universo, com bestas gigantes e monstros perigosos que governam com total ferocidade. Quando uma tempestade de areia transporta a Tenente Artemis (Milla Jovovich) e sua unidade para esse mundo, os soldados ficam em choque, descobrindo que o novo ambiente é

o hostil lar de diversas criaturas perigosas, imunes ao seu poder de fogo. Batalhando por suas vidas, a unidade precisará de um milagre para se salvar da fúria desse inóspito novo local. Do mesmo diretor da franquia Resident Evil. CINE SERCLA PARTAGE 3 (dub.): 16h - 18h - 20h.

TOM E JERRY (EUA. Dir: Tim Story. Animação, Comédia e Aventura. Livre). Adaptação do clássico desenho animado da Hanna-Barbera, retornando às origens da história e mostrando como Tom e Jerry se conheceram. Depois de anos vivendo na casa de um casal de idosos que o trata como um animal de estimação, Jerry precisa se virar para sobreviver quando descobre que existem novos locais no local. E pior do que isso: eles trouxeram consigo um gato. Misturando animação e realidade, o elenco traz com Chloë Grace Moretz e Michael Peña. CINE SERCLA PARTAGE 1 (dub.): 14h50 - 18h30.

Serviço

• Funesc [3211-6280] • Mag Shopping [3246-9200] • Shopping Tambiá [3214-4000] • Shopping Partage (83)3344.5000 • Shopping Sul [3235-5585] • Shopping Manaira (Box) [3246-3188] • Sesc - Campina Grande [3337-1942] • Sesc - João Pessoa [3208-3158] • Teatro Lima Penante [3221-5835] • Teatro Ednaldo do Egypto [3247-1449] • Teatro Severino Cabral [3341-6538] • Bar dos Artistas [3241-4148] • Galeria Archidy Picado [3211-6224] • Casa do Cantador [3337-4646]

Khrystal realizará 'live show' para o Dia da Mulher

Amanhã, parceria entre a Funesc e Semdh promove apresentação da artista potiguar, que terá música em parceria com Chico César

No repertório, artista vai incluir canções inéditas e composições já conhecidas do público, a exemplo de 'Dois Tempos', 'Zona Norte, Zona Sul' e 'Bem ou mal', entre outras



Guilherme Cabral
guilhermecabral@epc.pb.gov.br

Em celebração ao Dia Internacional da Mulher, a Fundação Espaço Cultural da Paraíba realizará, a partir das 20h desta segunda-feira, uma *live show* gratuita com a cantora e compositora potiguar Khrystal que será transmitida ao vivo pela TV Funesc no YouTube (/funescpbgov), numa parceria da própria Fundação com a Secretaria de Estado da Mulher e da Diversidade Humana (Semdh).

Ao longo de aproximadamente 80 minutos, tempo previsto para durar a apresentação, a artista antecipou que pretende mostrar obras autorais e algumas inéditas, a exemplo de 'Pedra d'água', música em parceria com o paraibano Chico César, além de falar sobre seu novo EP, que conta com quatro canções novas e se encontra em processo de finalização.

Khrystal também vai incluir no repertório canções inéditas que criou em parceria com Daúde, Ceumar e Larissa Luz, além de composições já conhecidas do público, a exemplo de 'Dois Tempos', título homônimo do seu segundo disco, lançado em 2012, bem como 'Zona Norte, Zona Sul' e 'Bem ou mal', entre outras.

A apresentação será do estúdio que pertence a Sérgio Farias, na cidade de Natal (RN), e, para isso, a artista

contratou uma equipe para cuidar da transmissão ao vivo. Apenas ela e o violonista Pablo Daniel vão estar se apresentando, com toda a segurança sanitária de prevenção. "Ele é um jovem músico potiguar, com quem vou tocar pela primeira vez, e tem um jeito especial de transformar harmonias simples em mais arrojadas. Vamos estar muito livres, como se fôssemos dois bailarinos", comparou Khrystal.

A cantora e compositora considerou maravilhoso a iniciativa da apresentação pela Funesc e Semdh. "Veio num momento que está sendo difícil, por causa da pandemia, por isso que não vou colocar mais músicos no estúdio, mas o evento será bom para não deixar a peteca cair e espero fazer um passeio pela minha discografia, músicas de artistas que me inspiram, como Luiz Gonzaga e Elinor Julião, e também apresentar muita coisa produzida durante esse período pandêmico", comentou.

Plenamente ciente da gravidade que vem sendo causada pela covid-19, Khrystal recomenda para as pessoas se protegerem contra a doença. "É uma situação lamentável a falta de consciência emocional do Governo Federal. Já perdi parentes e amigos para esse vírus e fico com medo de não ter mais o que cantar para o público. Cantar o que e fazer festa para quê?. É deli-

cado mexer com música, neste momento. Mas a música é um grande remédio e espero que as canções dessa *live show* sirvam como medicina para que as pessoas tenham alento. O sentimento vai ser de aproximação, por mais incrível que pareça, apesar da distância virtual", afirmou ela.

A cantora também ressaltou a importância de poder cantar no Dia Internacional das Mulheres. "A data é, basicamente, de luta. Houve avanços a se comemorar, ao longo dos anos. Porém, ainda em 2021, as mulheres ainda estão tentando conquistar espaço de acolhimento, compreensão e equidade. Há mulheres que exercem as mesmas atividades que os homens, mas ganham menos em relação a eles. Outro exemplo é que é difícil encontrar mulheres baixistas, bateristas e saxofonistas. Ainda precisamos de muito 8 de março para chegar em lugares da sociedade", concluiu Khrystal.



Através do QR Code acima, acesse o canal oficial da Funesc no YouTube

'Viva la Vida'

Filme retrata obra de Frida

Agência Estado

Amanhã, o Dia Internacional da Mulher será marcado pela exibição do documentário *Viva la Vida*, às 17h10, na National Geographic. Dirigido por Giovanni Troilo e produzido pela Ballandi Arts e Nexo Digital, conta a história de vida de Frida Kahlo com entrevistas exclusivas, documentos da época, reconstruções e um apanhado geral de suas obras, incluindo os autorretratos mais famosos – que incluem o que ela está com Diego Rivera (1931), Las dos Fridas (1939), La columna rota (1944) e El venado herido (1946).

Por meio de sua arte, Frida Kahlo conta a história dela com muita intensidade: sua dor física, seus abortos espontâneos, a tragédia de amor e a traição e seu compromisso político. A artista teve poliomielite aos seis anos de idade, foi vítima de um acidente de trânsito aos dezoito e conviveu com fortes dores até o dia de sua morte. No entanto, Frida influenciou tanto artistas plásticos quanto músicos e designers.

A atriz e diretora Asia Argento acompanha os espectadores à medida que descobrem as duas faces da pintora. A produção revela como a arte de Frida tem raízes na pintura tradicional do século 19, nos retábulos mexicanos e em seus companheiros de vida, desde Diego Rivera até Trotsky.

O documentário também exibirá fotografias, roupas e outros objetos pessoais de Frida, que são mantidos no Museu Frida Kahlo e normalmente não são exibidos para o público. Além disso, impressões originais das fotos tiradas por Graciela Iturbide durante a abertura do banheiro de Frida em 2004 e reúne con-

tribuições e relatos de especialistas e artistas como: Hilda Trujillo, que foi diretora do Museu Frida Kahlo – um dos três museus mais visitados na Cidade do México –, localizado na Casa Azul, antiga residência da pintora – e o Museu Anahuacalli; a fotógrafa Cristina Kahlo, sobrinha-neta de Frida; a fotógrafa mexicana Graciela Iturbide; o construtor Alfredo Vilchis; James Oles, professor de arte no Wellesley College e curador assistente de arte latino-americana no Davis Museum; Carlos Phillips, diretor-geral do Museu Frida Kahlo, do Museu Diego Rivera-Anahuacalli e do Museu Dolores Olmedo; e a bailarina Laura Vargas.

Foto: Divulgação



Documentário tem entrevistas exclusivas e um apanhado dos quadros de Kahlo

Essas coisas

Carlos Aranha
c.aranha@yahoo.com | Colaborador

Guerreiros verdadeiros não repousam

No próximo 1º de abril (Dia da Mentira), completa-se os 57 anos de uma das mais longas entre as ditaduras militares da América Latina: a que derrubou o presidente João Goulart e colocou no poder o marechal Castelo Branco (infelizmente, nome de conjunto habitacional ainda hoje em João Pessoa). Aproveito a lembrança do início dos "anos de chumbo" para editar a coluna de hoje.

Certa vez, numa conversa informal, o jornalista Antônio Vicente Filho me deu cópia de uma reportagem de José Euflávio (que eu tinha perdido), publicada na edição de 29 de setembro de 1996 de *O Norte*, com o título "Dops investiu jornalistas por 30 anos".

A ilustração principal da matéria é a reprodução de parte do prontuário de nº 1083-1032, que o Dops da Paraíba abriu contra mim em 27 de agosto de 1969.

Entro nesse assunto, tanto depois, porque a nova geração atuante hoje nos meios artísticos, estudantis, políticos, etc., desconhecem o que era feito cotidianamente no Brasil pelos agentes da ditadura militar, aliados a alguns civis que desde a eleição de Tancredo Neves posam como liberais. Na verdade, eles fizeram com que fossem fichados jornalistas tidos como "perigosos subversivos na PB", entre eles João Manoel de Carvalho, Jório Machado, Gonzaga Rodrigues, Malaquias Batista, Severino Ramos e Wills Leal.

Fui identificado como "estudante perigoso" e "jornalista a serviço dos comunistas e da subversão". Até uma carta minha a Leonel Brizola foi interceptada e na ficha do Dops consta meu endereço no Rio de Janeiro, onde fui morar. Eles tinham conhecimento das pessoas com quem eu mantinha amizade, inclusive Glauber Rocha.

Quando voltei a João Pessoa, fui proibido de estudar e de assumir emprego em qualquer órgão público, além de comparecer ao Dops todos os dias, no começo da manhã e no final da tarde, para provar que estava na cidade.

A releitura da matéria de José Euflávio me leva a algumas reflexões sobre os "anos de chumbo" – agora neste longo período de ditadura econômica civil, e não mais política militar, em que permanecemos, como também abertas continuam as veias da Latinamérica.



O pedaço de prontuário na reportagem de José Euflávio não significa nem metade da metade da metade do que todos passamos – e o plural aqui é imenso – até que chegassem a tal da abertura, a tal da anistia, a tal da redemocratização, as tais das diretas, as tais fotografias...

Algum dia, havendo tempo, tentarei escrever um livro contando minúcias dos "anos de chumbo", tentando uma crônica longa dos dias e noites em que tantos deixaram de ser

atores, estudantes, poetas, médicos, engenheiros, arquitetos, músicos... Em que outros continuaram a ser, mas enfrentando a estupidez cotidiana dos delegados, militares e políticos de plantão unidos em torno de um fantasmagórico anticomunismo e de uma democracia que nunca praticaram (afinal, eram gerentes do latifúndio transformado hoje em parques tecnológicos e industriais).



Os sobreviventes de nossa geração, aliados aos das novas, precisam mesmo é de uma rearticulação, pois corremos o risco de um Jair Bolsonaro reeleito para um segundo mandato. Sem poses. Sem que se procure aquele tal do "repouso do guerreiro".

Já não bastam as horas diárias de sono? Não importam se longas ou curtas, se com dívidas financeiras ou não, se com livros publicados ou inéditos, se havendo a separação ou a harmonia do casamento, se com doença ou com muita saúde...

Os guerreiros verdadeiros não repousam. Apenas dormem as suas cotas diárias. Lógico que existem os que não têm mais condições mínimas de participar ativamente de uma luta para melhorar o País.

E daí? São muito bem melhores do que os que perseguiram guerreiros nos "anos de chumbo" e hoje aparecem como "heróis".

Intimate verses

A seguir, a tradução para o inglês que Nelson Ascher fez dos 'Versos íntimos', de Augusto dos Anjos

No one attended, as you've seen, your last
Chimera's awe-inspiring funeral.
Ingratitude – that panther – has been all
Your company, but it has been steadfast!

Get used to mud: soon it will hold you fast!
Man living among wild beasts on this foul
And sordid earth cannot resist the call
To turn himself as well into a beast.

Here, take a match. Now light your cigarette!
A kiss is but the eve of being spat,
A stroking hand, my friend, may stone you too.

If your great wound still saddens anyone,
Cast at that vile hand stroking you a stone,
Spit straight into the mouth that kisses you!



Mulheres mostram otimismo, mas sem muito o que comemorar

Ademilson José
ademilson2019jose@gmail.com

A senadora Nilda Gondim (MDB) disse que, “apesar das dificuldades, da falta de vacina, do elevado número de feminicídios e de tantos outros problemas que afligem a todos, nós mulheres temos sim o que comemorar. Conquistamos esta semana, por exemplo, mais um espaço no Senado Federal”.

Com o apoio do presidente Rodrigo Pacheco (DEM-MG), está sendo constituída uma bancada feminina que terá líder e vice-líder e que vai ter direito a voz no Senado Federal como todas as demais bancadas. “Isso não existia e foi uma nova conquista”, disse.

Em termos ainda de conquistas, ela disse que tem mais a anunciar. Que, também com apoio do presidente, o Senado vai dar andamento ao projeto de criação da ‘Casa da Mulher Brasileira’, uma iniciativa que tem como objetivo

constituir um espaço através do qual a mulher vai ter diversos tipos de apoio, a começar por abrigo e assistência jurídica.

O projeto, segundo ela, já contará de início com recursos na ordem de R\$ 500 mil oriundos de duas emendas, uma dela mesmo e outra do senador Veneziano Vital do Rêgo (PSB), e que um trabalho para aumento do volume desses recursos já vem sendo desenvolvido junto a outros senadores.

“Trata-se de um projeto que foi criado ainda no governo da ex-presidente Dilma Rousseff (PT), que agora pretendemos retomar”, afirmou Nilda Gondim, ao destacar que a primeira cidade e o primeiro estado beneficiados com a ‘Casa da Mulher Brasileira’ serão João Pessoa e a Paraíba.

Concluindo, ela lembrou que, ainda como deputada federal, teve a oportunidade de participar do lançamento desse projeto que aconteceu no Palácio do Jaburu, no Distrito Federal.

Já a deputada federal Edna Henrique (PSDB) é de opinião que “as mulheres sempre têm o que comemorar, porque, mesmo com pandemia e tempos difíceis, elas têm se superado. As mulheres, principalmente as chefes de famílias, estão mostrando força e garra, e lutado mais do que nunca para que não falte alimento nas suas mesas”.

“Mas é importante ressaltar que, com essa crise sanitária, outros problemas sociais que atingem diretamente às mulheres têm se agravado”, alerta a parlamentar, ao relacionar a violência doméstica e o feminicídio como dois dos casos que tiveram altas alarmantes no último ano e que os números não param de subir.

Ela pontuou que, como delegada e representante das mulheres paraibanas na Câmara, essa tem sido uma das suas maiores preocupações e que inclusive vem desenvolvendo projetos que ajudarão as mulheres vítimas de violência do-

méstica a mudar essa triste realidade.

“Não celebramos com festa, mas homenagearemos as guerreiras que sobrevivem às lutas e às adversidades que ocorrem todo santo dia”, comentou ela, ao frisar que “a pandemia tem provocado dores inimagináveis nas nossas famílias, e nós, mulheres, estamos nessa luta como mães, esposas e profissionais. Fazendo tudo para defender e cuidar das nossas famílias que são nosso bem mais preciosos”, disse.

Ela aproveitou para homenagear todas as mulheres, chefes de família, profissionais de saúde, cientistas e a todas aquelas que, segundo sua opinião, têm precisado se desdobrar para superar essa crise pandêmica que assola a todo mundo. “Juntas, somos mais fortes”, completou Edna Henrique.

Fotos: Reprodução

Juliana Lima

Fabiana Gomes

Nilda Gondim

Edna Henrique

Estela Bezerra

Pollyana Dutra

Gregória Benário

Giucélia Figueiredo

Dia de luta e fazendo a gestão da ausência e da dor

“O ‘Dia Internacional da Mulher’ nunca foi uma celebração. Ele surge de uma denúncia e demarca um dia de luta”, adverte a deputada estadual Estela Bezerra (PSB), ao explicar que, nesse sentido, estão as mulheres diante de mais um dia de luta, especialmente por conta da pandemia e do governo desastroso de Bolsonaro (sem partido).

Para a deputada, as desigualdades agora ficaram ainda mais expostas. “Existe uma crise sanitária e um colapso político que atinge as pessoas de forma diferente: quem tradicionalmente cuida dos doentes e do mundo reprodutivo são as mulheres”, disse.

Estela fez questão de lembrar que, quando há falta de comida, falta de emprego e pessoas doentes em casa, são as mulheres que fazem a gestão da ausência e da dor”, disse ela, ao complementar que, da mesma forma, também são as mulheres quem estão cuidando das crianças e dos adolescentes nos

procedimentos da educação remota”.

Ela salientou que também são as mulheres que estão sofrendo com a violência doméstica e com o feminicídio dentro de um isolamento social que não conta com políticas públicas eficientes para proteger adequadamente às mulheres.

Como exemplo disso, a deputada Estela Bezerra citou o caso da fuga de Eduardo dos Santos Pereira, autor do crime de Queimadas. “Já se passaram três meses e, até agora, não temos respostas do poder público sobre quem facilitou a fuga”, lamentou a deputada.

No que se refere à soma de problemas trazidos pela pandemia do novo coronavírus, a parlamentar lamentou que o Brasil já tenha, com a convivência do Governo Federal, perdido quase 300 mil vidas. “Grande parte dessas pessoas é de profissionais da saúde, e nós mulheres queremos que a vacina seja adquirida pelo Governo Federal e que

seja exclusividade do SUS”, defendeu.

Estela alertou que, “se hoje as mulheres estivessem melhor representadas, o Brasil não estaria registrando um desastre político dessa dimensão, considerando que o que se vê no dia a dia é uma falta total de compromisso com a saúde pública, com a economia e com a vida humana”.

“Acho que nem a mulher nem ninguém da sociedade tem nada o que comemorar num ano que aconteceu tantas mortes”, afirma a deputada estadual Pollyana Dutra (PSB), ao salientar que, “neste momento em que o país vive, o que temos de fazer mesmo é nos solidarizar com tanta dor e com tanto sofrimento vivido por tanta gente”.

Ela lembrou que se vive uma realidade em que muita gente teve de levar seus trabalhos pra casa e, com isso, no caso das mulheres, juntar essas tarefas às tarefas de casa, que não são poucas e que só aumentaram com os cuidados a mais

provocados pela pandemia.

Ela disse que diante dessa nova realidade as mulheres acumularam mais responsabilidades e foram desafiadas a conviver com uma pandemia que o mundo inteiro não tem sabido como lidar com ela. “Na verdade, lamenta ela, o ano de 2020 insiste em não terminar. Foram erros sucessivos que a sociedade cometeu, com a ciência insistindo que as pessoas ficassem em casa e muita gente deixou de acreditar”.

A deputada avalia que o momento é de focar as atenções nessa solidariedade, ao mesmo tempo, redirecionar nossas atividades para um mundo mais sustentável. “Acho que o momento é de reflexão e de as mulheres entenderem que precisam estar cada vez mais solidárias e mais juntas”, completou.

Comemoração por não desistir e se reinventando

“Temos muito a comemorar sim, especialmente o fato de continuarmos atentas e lutando para modificar a cultura patriarcal tão arraigada na nossa sociedade”, afirma a juíza Maria Aparecida Sarmento Gadelha, titular do Juizado Especial Criminal da Comarca de Campina Grande e ex-presidente da Associação dos Magistrados da Paraíba (AMPB).

Para ela, “as mulheres não teriam o que comemorar se tivéssemos desistido. Todos sabemos que, ainda que o acesso à informação e à tecnologia tenham transformado rapidamente as relações sociais, os preconceitos mais arraigados e que dizem respeito à manutenção de posições de domínio que favorecem e protegem alguns segmentos, como é caso do homem em relação à mulher, demoram muito a ser desconstruídos”.

Aparecida Gadelha entende que a mudança cultural está em curso e que as mulheres já obtiveram muitos avanços, graças “a grandes mulheres que assumiram protagonismo”, combatendo muitos institutos sociais que representavam o machismo. “Precisamos, sim, comemorar e o despertar constante para a luta em favor da verdadeira igualdade de direitos e condições”, diz.

Ela frisa que essa luta é de cada uma das mulheres e dos homens que já conseguem compreender seu papel nessa evolução. “Seja no trabalho, no seio familiar e entre amigos, e que leva isso a efeito em cada grande ou pequeno gesto ou fala que denuncia e confronta o machismo, a desigualdade e o patriarcado”, concluiu.

A presidente do PCdoB na Paraíba, Gregória Benário, reconhece que a humanidade de um modo geral vem vivendo dias difíceis com a pandemia, mas que

essa situação se agrava no que se refere às mulheres.

“Apesar de os números de óbitos estarem maiores entre homens, demandas que acometem especificamente as mulheres brasileiras, como são os casos de aumento da violência doméstica, agravamento do subemprego e sobrecarga de trabalho nos cuidados em espaços domésticos, são algumas das demandas que tornam a vida das mulheres mais vulneráveis nestes tempos”, afirmou.

Ela diz que o medo da morte por covid-19 se soma à desigualdade de gênero. “Mulheres morrem também por um fator histórico e cultural conhecido por feminicídio e, neste contexto, se for mulher negra e periférica, o agravamento da desigualdade aumenta significativamente”, diz ela, citando, como exemplo, o fato de, sem autorização de trabalho em home office, a mulher ter de se submeter a transportes públicos que não conseguem cumprir o distanciamento social, além disso, a convivência com empregadores negacionistas.

“O Brasil deságua num colapso com um rumo político antipovo”, resume Gregória, ao citar como exemplos os problemas econômicos que são voltados à desindustrialização, com retrocessos em políticas sociais. Este ano, a conferência nacional de mulheres foi cancelada, políticas públicas anteriormente conquistadas foram retiradas e, assim, não há investimento para o fim do feminicídio”.

Para Gregória, os tempos realmente são difíceis e não há muito o que comemorar. Mas, ao mesmo tempo, ela acredita na força das mulheres. “Finalmente, somos mais da metade da população e em momentos de crise as mulheres são

capazes de se organizar e mudar este cenário cruel”, conclui.

Para se reinventar

Considerando que um dos sentidos da palavra comemorar é “trazer à lembrança, recordar, memorar”, a vereadora de Campina Grande, Fabiana Gomes (PSD), ressalta: “Acredito que, apesar da crise que assola o país, as mulheres têm sim o que comemorar no seu dia”.

“É uma data que foi oficializada pela ONU para demarcar uma luta histórica, que começou por igualdade salarial, mas que resultou em outras lutas e pautas que são discutidas até hoje”, justifica ela, ao considerar que, neste contexto de pandemia e noutros cenários lamentáveis, as mulheres sempre tiveram mesmo que se reinventar”.

“Se adaptar a novas funções, conciliar família, trabalho home office, gestão do lar, dentre outros fatos que tiveram implicações psicológicas e que culminaram, por exemplo, com o aumento da violência doméstica que foi um dado muito negativo que se apresentou contra a mulher nesse período de pandemia”.

Ela acredita que o fato histórico de hoje de a Câmara de Campina Grande conta com sete mulheres deverá trazer benefícios positivos para a cidade. “Seja em 1970, seja hoje, muda-se a época, mudam as mulheres, a sociedade e as dificuldades, mas a luta por melhorias só permanece porque é comemorada, ou seja, memorada”, afirma Fabiana.

“A pandemia colocou os trabalhadores e trabalhadoras em situações de vulnerabilidade social como nunca havia colocado, mas em especial as mulheres que são as mais atacadas e atingidas”.

Afirma Giucélia Figueiredo, dirigente estadual do PT e ex-secretaria de Políticas Públicas para as Mulheres da Prefeitura de João Pessoa.

Para ela, o aumento do desemprego, a redução de salários e a violência aumentaram significativamente e negativamente com relação as mulheres. Ela considera que a falta de políticas públicas, que protegiam as mulheres, aguçou essa situação, e que o governo Bolsonaro ao invés de criar uma rede de proteção fortalecendo as políticas sócias, desmontou programas e expôs as mulheres a esse cenário de calamidade que vive o país.

Na opinião de Giucélia, “o 8 de março se constitui cada vez mais num símbolo de luta para as mulheres. E, no caso deste ano, num símbolo de luta por vacinas, pelo auxílio emergencial e pela vida”, concluiu ela.

A presidente municipal e coordenadora nacional da JSB Feminista, Juliana Lima, disse que não tem como alguém estar feliz neste momento em que se bate todos os recordes de mortos pela covid-19, principalmente quando vive-se sob uma administração federal que, além de seguir negando a pandemia, dificulta a vacinação da população.

“O isolamento deixou ainda mais evidente o aumento dos casos de violência contra a mulher e a divisão sexual do trabalho, além do trabalho externo que foi transferido para dentro de casa”.

Mulheres garantem um olhar humanizado à gestão pública

Elas representam 55% do funcionalismo e são a marca da competência de pastas como a Secretaria da Administração da PB

Haryanne Arruda
Especial para A União

No decorrer dos anos, as mulheres têm passado por muitas transformações quanto ao seu papel na sociedade. Segundo dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), as mulheres são maioria no serviço público, representando 55% do funcionalismo (federal, estadual e municipal). Esse número reflete bem o papel da mulher dentro da Secretaria de Estado da Administração. A pasta – que é formada em sua maioria por mulheres (tem 282 servidoras) – é comandada por Jacqueline Gusmão, que, no serviço público, já ocupou outros cargos dentro da própria Sead, como gerente executiva de Apuração dos Custos Administrativos, diretora executiva de Recursos Logísticos e Patrimoniais e secretária executiva da Secretaria de Estado da Administração.

Para a secretária, a habilidade feminina constrói uma secretária mais humanizada. “O livro da história está aberto e continua a ser escrito por mulheres e homens. Para muitos, o protagonismo da mulher é algo novo, mas percebe-se que desde sempre o sexo feminino esteve caminhando ao lado do sexo oposto, e atualmente ocupa espaços cada vez mais destacados! Não é diferente no Governo da Paraíba, especialmente na nossa Secretaria da Administração, onde as mulheres são maioria e estão em quase todos os cargos de comando”, explicou Jacqueline Gusmão. “Percebe-se o quanto a habilidade e a inteligência feminina constroem uma secretária humana e eficiente”

Uma das servidoras mais antigas da Sead é Tereza Neumann, que hoje ocupa o cargo de gerente executiva de Concessão de Direitos e Vantagens. A história dela começou na secretária há 35 anos. “Entre no Estado em 29 de abril de 1986, no cargo de técnico de nível médio, para trabalhar no Setor de Posse. Comecei



Secretária Jacqueline Gusmão comanda a administração do Estado; Tereza Neumann, Jesualda Apolinário e Graça Aquino são algumas das líderes de setores da Sead, que conta com 282 mulheres



“Percebe-se o quanto a habilidade e a inteligência feminina constroem uma secretária humana e eficiente”

abrindo fichas, fazendo as diferentes anotações do que acontecia na vida do servidor”, lembra Neumann, que complementa: “Realizei todos os meus desejos e contribuí com mudanças que favoreceram o servidor e a secretária no tocante a rapidez de respostas ao público alvo”.

Fazer parte da administração pública do Estado é um motivo de grande orgulho para Maria Lúcia Furtado Leite, gerente executiva de Cadastro Funcional. “Sei que aqui é por onde passam todas as decisões do Executivo e também onde estamos mais próximos das pessoas que têm, tinham ou terão vínculo e com o ente público. Eu iniciei na Secretaria de Educação em 1986, e, em seguida, em 1988, fui relotada para a Secretaria de Estado da Administração, onde me encontro até hoje. Para mim é desafiador, pois é a primeira vez que eu exerço um cargo de chefia, mas tenho uma equipe muito coesa, hábil e de fácil comunicação”, explicou.

Jesualda Maria Apolinário é chefe de gabinete e também lembra como foi o início da sua trajetória na Sead, em 1991. “Era um tempo de importantes transformações, a evolução tecnológica trazendo o primeiro computador, o fax, internet, celular... Sinto-me privilegiada por participar de tudo isso, desde o crescimento do Flamboyant lá do pátio. Vivi todas as mudanças sociais, do empoderamento feminino que colocou a secretária totalmente no comando de mulheres. É muito importante destacar também as mudanças físicas da secretária, porque a gente acompanhou do desgaste à transformação, foi sofrido, trabalhamos na poeira, mas valeu a pena porque hoje sentimos prazer e orgulho de chegar no Centro Administrativo, no prédio da Sead, no nosso ambiente de trabalho, tá tudo lindo. Os homens que me perdoem, mas o comando da mulher foi fundamental para dar vida nova à secretária”, ressalta.

Graça Aquino é diretora de Recursos Humanos da Sead e há 25 anos trabalha na pasta. “Eu me orgulho de ter chegado até aqui, detendo um conhecimento que vem sendo aperfeiçoado com o tempo, pois a experiência de todos os dias, nós vamos adquirindo e levando conosco. Comandar a minha equipe é, antes de tudo, uma questão de oportunida-

de, num processo de parceria firmada com pessoas que se comprometem com a nossa maneira de conduzir os assuntos com comprometimento. E todo dia é dia de se quebrar paradigmas, com o nosso próprio valor”, avalia Graça.

O sentimento de realização também é evidente em Consuelo Nóbrega, gerente de Planejamento, Orçamento e Finanças. Ela ingressou na Sead

em 2011 e se identifica bastante com essa área de atuação. “Me orgulho profundamente de ter saído do Sertão paraibano, me formado e me pós-graduado em Gestão e Auditoria Pública, e ter chegado a essa atuação tão importante no sistema administrativo. Além disso, me orgulho do trabalho em equipe que realizo no meu setor, e de ter conseguido, junto com mais alguns servidores,

coordenar uma gerência tão importante”, declarou.

“Com isso, a mensagem que deixo para as mulheres que estão entrando nesse mercado de trabalho é de que não desistam de lutar por aquilo que almejam, e busquem cada dia mais aprender, pois somos e sempre seremos eternos aprendizes, e é isso que nos engrandece ainda mais”, enalteceu.

+ Sensibilidade e senso de justiça

Na Assessoria Jurídica da Sead, Isabella Gondim comanda uma equipe formada por mais duas mulheres. Ela explica que se sente valorizada e respeitada já que a gestão oferece tratamento igualitário aos servidores. “Nossa equipe de trabalho é formada, exclusivamente, por mulheres e, por se tratar de atividades jurídicas, a predominância feminina favorece a conciliação de conflitos devido à sensibilidade inerente à personalidade feminina. Ademais as mulheres possuem, ao meu ver, um senso de justiça muito aguçado o que propicia a tomada de decisões mais imparciais, favorecendo os bons resultados obtidos em nosso setor”, ressalta Isabella.

Outras mulheres também ocupam posição de liderança dentro da Secretaria de Administração, a exemplo de Synara Trícia da Costa Oliveira (Diretora Executiva de Recursos Logísticos e Patrimoniais), Pollyana Loreto (Diretora Executiva da Central

de Compras), Nayana Cristina (Ger. Executiva de Especificação e Padronização), Mayana Freira (Ger. Executiva de Registro de Preços), Maria Lúcia Furtado (Ger. Executiva de Cadastro Funcional), Ivete Arruda (Ger. Executiva de Folha de Pagamento dos Servidores da Administração Indireta), Dinaura Barreto (Ger. Executiva de Desenvolvimento de Pessoas), Viviane Diniz (Ger. de Administração da Sead), Iremar Santos (Sub-gerente de Planejamento e Orçamento) e Ivanilda Matias (Superintendente da Espep).

“Além dessas mulheres que ocupam cargos de gerência, também enalteço todas as outras que fazem parte das suas equipes, desde servidoras da limpeza, da copa, economistas, administradoras, advogadas, jornalista. Cada uma que desempenha seu trabalho tão importante para a secretária. Parabéns a todas as mulheres!”, finaliza a secretária Jacqueline Gusmão.

Toca do leão

Fábio Mozart
mozartpe@gmail.com | Colaborador

O folhetista na praça

O folhetista na verdade é um irrealista, vive fora das coisas concretas, apesar do novo normal. Ele se diz historicista das fenomenologias do interior, um culturalista matuto. E folhetista, que é profissão extinta. Devido à pandemia, foi exilado para o cocuruto de uma serra no Brejo da Paraíba. Enquadrado como aposentado inútil, passa o tempo ocioso escrevendo versos também dispensáveis.

De manhãzinha, ocupou seu lugar na praça, com sua banquinha de folhetos, seu tamborete e a mochila com a produção. Camisa preta, boné preto, calça preta e chinelos de dedo, a bengala branca completava o vestuário de um cego decoroso. Não era cego. À primeira vista, sim, mas na realidade só um velho desvairado tentando expor sua mercadoria excêntrica naquela pracinha quase sem sentimento de comunidade. As praças, hoje em dia, perderam a alma, sentiu? Passa o homem apressado, nem olha para os cordéis. A mocinha atenta ao celular, alheada, também não notou a presença do folhetista, um poeta invisível na praça fria.

O velho folhetista arruma seus livrinhos na banca. Títulos fantásticos, outros zombeteiros, trocistas. A visão de mundo do folhetista estava ali. Meditava sobre isso a partir de uma informação que chegou pela internet: o arquiteto japonês Hajime Narukawa recentemente atualizou o mapa do mundo, que é de 1569. Nessa

atualização, a informação popular não foi levada em conta. Grupos de poder e importância não se importam com a visão popular. Pedacos de história sob o ponto de vista do povo, ali, expostos na praça. Narrativas metrificadas e rimadas com cacos de crônicas das transformações e peculiaridades da sociedade brasileira, seu produto cultural que não transita mais no meio do povo como antigamente. Sentiu ligeiro constrangimento. A impressão de que não passa de um museu de memória e registro da história de uma sociedade boçal e ignorante.

Os folhetos de títulos berrantes com suas capas coloridas ali, expostos ao desprezo dos passantes. Poucas pessoas desviavam os olhos para a banquinha do folhetista de preto e seus cordéis falando de temas atuais: “O poeta que ficou maluco na pandemia”, “O besouro embola bosta que fez pouco caso do coronavírus”, “O Doutor Penico Branco e a cura da Covid-19”. Se o leitor quisesse ler sobre sua realidade próxima, estava ali o folheto contando a história da cidadezinha desde sua fundação. Nada! Atenção zero. O provento cordelista percebeu que sua figura era imperceptível naquele ambiente. Pertencia a um tempo que não existe mais.

Sem vender nenhum cordel, o velho folhetista recolhe a produção na mochila e se ajeita para se arrastar com a bengala de deficiente, refletindo no significado da vida e no resto de galinha assada que comeria no almoço. De repente, veio inesperada

inspiração. O folhetista resolveu cantar trechos de folheto, como se fazia antigamente nas feiras do Nordeste. Todo folhetista era também declamador. E o nosso poeta não tem a voz ruim, até que prima pela afinação. Temperou a goela e cantarejou dez estrofes do seu folheto “A chegada do viúvo no céu da viúva”.

Porque poeta não morre
Apenas muda de plano
Muito acima da visão
Precária do ser humano
Terra não comensurável
No santo meridiano.
Entre astros e estrelas
O viúvo procurou
Sua querida mulher
Nos sete céus encontrou
Em linda senda florida
Sua alma penetrou.

As pessoas, enfim, aglomeraram um tantinho em volta da banca do folhetista e sua toada antiga. Uma senhorinha romântica comprou o folheto.

— Muito bonito, viu? É o senhor o viúvo?
O macróbio poeta, com seu traje negro, riu encabulado e saiu arrastando seu peso morto com amparo da bengala branca.

Museus virtuais de ciência são opção durante a pandemia

Visitas on-line estão cada vez mais sofisticadas e permitem não só ver as peças, como também passear pelas salas em 360 graus

Renato Félix
Especial para A União

Em setembro de 2018, o Museu Nacional, no Rio de Janeiro, foi consumido por um incêndio de grandes proporções que dizimou o seu acervo. O prédio histórico foi lar da família real quando o Brasil era uma monarquia: ali moraram D. João VI, D. Pedro I e D. Pedro II. Foi um triste aniversário de 200 anos: o museu, a mais antiga instituição científica do Brasil, foi inaugurado em 1818. Reunia mais de 20 milhões de itens de arqueologia e história natural. Fechado desde então, ele está em recuperação: esta semana, foram reveladas as primeiras imagens da proposta de reconstrução vencedora, dos escritórios de arquitetura Atelier e H+F. O acervo destruído ainda pode, no entanto, ser visitado: na internet, pelo menos. A visita virtual do Museu Nacional segue na plataforma Google Arts & Culture.

Nesses tempos de pandemia, as visitas aos museus de ciência são, claro, limitadas ou impossibilitadas. Suas versões virtuais acabam se tornando uma maneira de amenizar essa distância. E, mesmo em

tempos normais, é a possibilidade de encurtá-la, para quem não pode viajar e conferir pessoalmente esses acervos.

“É importante ressaltar que o Museu Nacional, apesar de ter perdido uma parte significativa do acervo, jamais perdeu a capacidade de gerar conhecimento”, diz Alexander Kellner, diretor do museu (que é gerido pela Universidade Federal do Rio de Janeiro) na página da plataforma do Google destinada a reunir versões on-line de museus do mundo (<https://artsandculture.google.com/project/museu-nacional-brasil>).

Lá, o visitante pode fazer um tour guiado pelo Museu Nacional antes do incêndio. Não só conferir os itens, mas também passear pelas salas quase em 360° graus, no modelo do Google Street View, acompanhado por uma boa narração em áudio. Luzia, o crânio humano feminino mais antigo descoberto nas Américas, datado entre 11 mil e 11,5 mil anos, é a primeira sala. Também estão lá o enorme meteorito encontrado em 1784. Foi D. Pedro II que se empenhou a levá-lo para o museu, em 1888.

Outras peças famosas são o trono do rei de Daomé, na África, presente ao então



Museu Nacional guarda relíquias como “Luzia” (à direita), fóssil humano mais antigo encontrado na América do Sul; o prédio foi consumido por um incêndio em 2018 e está sendo recuperado, mas pode ser visitado por meio da plataforma Google Arts & Culture (acesse pelo QR Code ao lado)



príncipe-regente Dom João, em 1810; o sarcófago de Sha-amun-en-su, presente a Dom Pedro II em 1876, quando o imperador visitou o Egito pela segunda vez – o monarca o mantinha em seu gabinete e a peça foi integrada ao museu após a Proclamação da República, em 1889.

O Google Arts & Culture inclui mais de 200 museus, de arte ou de ciência. No primeiro grupo estão os famosos Museu de Arte Moderna, o Moma, de Nova York (<https://artsandculture.google.com/partner/moma-the-museum-of-modern-art>), o Museu Van Gogh, de

Amsterdã (<https://artsandculture.google.com/partner/van-gogh-museum>), e o Masp, em São Paulo (<https://artsandculture.google.com/partner/masp>). No segundo, então o complexo Smithsonian, de Washington (<https://artsandculture.google.com/partner/smithsonian-national-museum-of-natural-history>), incluindo o National Air and Space Museum, e o British Museum, de Londres (<https://artsandculture.google.com/partner/the-british-museum>). Todos com o recurso “Google Street View”, para passear pelas salas de cada um deles.

+ Visitando vários países em um dia

Além dos que integram o Google Arts & Culture, outros museus também estão na internet com suas coleções e instigando debates. Apresentamos alguns deles:

O Museu da Ciência da Inglaterra (<https://artsandculture.google.com/partner/science-museum>) com imagens, vídeos, em diversas seções como comunicação, medicina, matemática, espaço, computação, astronomia. Há também séries como uma dedicada às mulheres na ciência. Seu acervo conta com mais de 300 mil inventos. Foi inaugurado em 1857.

O Science Museum faz parte do Science Museum Group (Rede de Museus de Ciência), que tem um site próprio reunindo ao todo cinco museus dedicados à ciência no Reino Unido (<https://collection.sciencemuseumgroup.org.uk/>). Os outros quatro são o Science and Media Museum, o Science and Industry Museum, o Railway Museum e o Locomotion (os dois últimos são dedicados a ferrovias e trens).

O Digital Museums Canada (<https://www.digitalmuseums.ca>) reúne diversos museus virtuais canadenses, grandes e pequenos, somando mais de 500 exposições. Alguns de arte, outros dedicados à ciência, como o

Musée de la Nature et des Sciences de Sherbrooke (<http://reserve-storage.mns2.ca>), que conta com uma visita “passo a passo” onde se pode passear pelas salas (embora não com a fluidez do projeto do Google Arts & Culture). Ainda assim, até algumas gavetas dos arquivos podem ser abertas, para observar, por exemplo, coleções de borboletas e insetos.

Na Coreia do Sul, está o Museu Nacional de Ciências de Gwacheon (<https://artsandculture.google.com/partner/gwacheon-national-science-museum>). É bem recente, foi inaugurado em 2008, mas é um dos maiores e melhor equipados do mundo, na área. Está no Google Arts & Culture, então é possível o passeio virtual por suas instalações, que vão da pré-história ao espaço: de salões com esqueletos de dinossauros a outra dedicada à Estação Espacial Internacional.

O Museu Deutsches, de Munique, Alemanha, é maior da Europa quando se trata de tecnologia. Produção de energia, transportes e comunicação são alguns dos tópicos abordados. Ele também está no Arts & Culture (<https://artsandculture.google.com/partner/deutsches-museum>), permitindo uma visita virtual caprichada.



Foto: Reprodução

Museu Nacional de Ciências de Gwacheon, na Coreia do Sul, é um dos maiores e melhor equipado do mundo



Foto: Reprodução

Museu do Universo pertence à Fundação Planetário da Cidade do RJ e permite visitas guiadas por áudio

Brasil: zoologia, universo e futuro

Além do Museu Nacional, há outros brasileiros que também levaram seu acervo para a internet ou até só existem de maneira virtual. Conheça alguns:

O Museu de Zoologia da USP (<http://mz.usp.br/>) existe com esse nome desde 1969, mas seu acervo começou a ser reunido em 1890, como uma seção do Museu Paulista. É um dos maiores acervos zoológicos da América Latina, somando 12 milhões de exemplares. Um tour virtual 360° graus é uma das atrações on-line.

A Fundação Planetário da Cidade do Rio de Janeiro tem o Museu do Universo (<https://www.eravirtual.org/museu-do-universo-planetario/>).

Inaugurado em 1970, é voltado, naturalmente, à astronomia. A exposição virtual permite uma visita em 360° graus pelo interior do museu, guiada por áudio.

O Museu do Amanhã, inaugurado em 2015 em uma área revitalizada no Rio de Janeiro, parte da ciência para falar de nosso lugar no mundo. Nasceu já como um ponto turístico que, como outros museus, teve que fechar as portas por causa da pandemia. Por enquanto, dá para visitar em 360° graus a exposição “Pratodomundo – Comida para 10 Bilhões” (<https://museudoamanha.org.br/pt-br/confira-tour-virtual-pratodomundo-comida-para-10-bilhoes>).

CARLOS ULYSSES
Sociedade Limitada de Responsabilidade Limitada - ME
CNPJ nº 16.111.111/0001-00 | Rua... | Fone: (51) 3333-1111

EDITAL DE INTIMAÇÃO AO DEVEDOR FIDUCIÁRIO

O Bel. Walter Ulysses de Carvalho, Oficial do Serviço Notarial do 1º Ofício e Registral Imobiliário da Zona Sul, Cartório Carlos Ulysses, segundo as atribuições conferidas pelo Art. 28, § 4º, da Lei 9.514/97, bem como pelo (a) (gradual) Associação de Poupança e Emprestimo - POUPLEX, do contrato nº 18.784/17, garantido por Alienação Fiduciária, firmado em 27/02/2019, registrado sob nº R-3, da matrícula nº 58.161, deste cartório, referente ao imóvel situado na Rua Francisco Álvares de Oliveira, 118, Apartamento 201, Bairro Mangueira, João Pessoa/PB, cuja responsabilidade da V.Sª Venha pelo presente intimar o (a) Sr(a). Iranildo da Costa Vieira, portador do CPF nº 692.106.374-97, para fins de cumprimento das obrigações contratuais relativas aos encargos devidos, que se encontram vencidos. Informo ainda, que o valor devido (s) encargo(s), posicionado(s) em 05/02/2021, corresponde a R\$ 41.508,96, sujeito a atualização monetária, aos juros de mora e às despesas de cobrança até a data do efetivo pagamento, somando-se, também, o(s) encargo(s) que vencer(em) no prazo desta intimação. Assim, Procedo a intimação de V.Sª, para que se dirija a este cartório de Registro de Imóveis, situado na Av. Epitácio Pessoa, 105, Centro, nesta capital, onde deverá efetuar a quitação do débito acima discriminado, no prazo improrrogável de 15 (quinze) dias, contados a partir desta data. Nesta oportunidade, fica V.Sª cientificado que o não cumprimento da referida obrigação no prazo aqui estabelecido, garante o direito de concessão de propriedade do imóvel em favor da entidade fiduciária - ASSOCIAÇÃO DE POUANÇA E EMPRESTIMO - POUPLEX - nos termos do Art. 28, § 5º, da Lei 9.514/97. João Pessoa, 01 de março de 2021.

Walter Ulysses de Carvalho
Oficial do Serviço Notarial do 1º Ofício e Registral Imobiliário da Zona Sul, Cartório Carlos Ulysses

Oportunidade de Emprego

A TESS INDÚSTRIA, seleciona pessoas com deficiência (PCD) os interessados deverão deixar currículo na portaria da empresa na Av. João Wallig, 1187 Catolé. Campina Grande.

Aos domingos com
Messina Palmeira



1. A cantora paraibana Marcella Aquino (foto) lançou o single "Amanhã com você", nas principais plataformas de streaming. A música, que faz parte do novo EP da artista, marca o início de uma nova fase em sua carreira.
2. Karolainy Camacam (foto), que iniciou carreira de modelo aos quatro anos, na agência Naldo Barbosa, é estudante de Nutrição, além de ter sido eleita a Garota MBModels no ano passado.
3. Em conversa com leitores deste periódico, têm se manifestado muito interesse na leitura da Coluna "Tocando em frente" em que o prof. Francelino vem abrindo novos horizontes no mundo musical. Vale conferir suas abordagens sobre o universo rítmico do bolero, no Almanaque edição.
4. O Troféu Maria da Penha 2021, evento promovido por esta colunista em parceria com a Academia Feminina de Letras e Artes da Paraíba, entidade cultural presidida pela professora Bernardina Freire, será realizado remotamente. A premiação, destinada a mulheres que se destacam em ações que as beneficiam, homenageia a cearense Maria da Penha, que dá nome à Lei 11.340. No evento on-line, que será realizado no dia 30 de março, a diretora da imobiliária Paraíba Property, Giuliana Martins (foto), será uma das mulheres homenageadas.
5. O reitor da UFPB, Valdiney Gouveia (foto), acompanhado da vice-reitora Liana Filgueira e parte da equipe visitaram o Museu Casa de Cultura Hermano José, sendo recebidos pelo diretor Alexandre Santos Arantes de Souza. O local, antiga residência do saudoso professor da UFPB Hermano José, em breve será aberto ao público.
6. « Pelo andar da carruagem » parece que as questões sobre o destino do hotel Tambaú ainda não estão sanadas. Isto porque o advogado paraibano Rui Galdino, um dos participantes de leilão, questiona se o juiz vai aceitar a proposta de grupo A. Gaspar de fazer o pagamento de R\$ 40,6 milhões, dividido em oitenta parcelas, visto que, no lance, o grupo potiguar confirmou na proposta que o pagamento seria à vista.
7. O empresário Carlos Alberto de Oliveira Andrade (na foto com a filha Pauline e a neta Sophie), proprietário do grupo CAO e irmão da minha amiga Eliane Andrade Baptista (foto), depois de ser inocentado por meio de decisão do Superior Tribunal de Justiça, volta-se para expansões de suas empresas.
8. O Sony Channel acaba de confirmar a produção da sexta temporada do Shark Tank Brasil. A abertura das inscrições para empreendedores que desejem participar do reality está disponível no site da produtora, Caito Maia (foto), fundador da Chilli Beans e um dos jurados do evento já se mostra entusiasmado com a nova edição.
9. Cléa Cordeiro, Nazareth Gadelha, Isa Carvalho, Germano Romero, Giovanna Barbosa, Margaret Abrantes, Maria Jardim (na foto, com o marido Antônio dos Santos França), Sérgio Lopes, Clara Torres, Gilson Souto Maior, Geraldo Carneiro e Rosimary Palmeira são os aniversariantes da semana.



10. Maraysa Rocha (foto), uma atuante empresária de moda, continua em sua bela vivenda no condomínio Águas da Serra, em Bananeiras.

Comida no lixo

Mundo desperdiça 17% dos alimentos disponíveis

ONU Brasil

Estima-se que 931 milhões de toneladas de alimentos, ou 17% do total de alimentos disponíveis aos consumidores em 2019, foram para o lixo de residências, varejo, restaurantes e outros serviços alimentares. É o que aponta uma nova pesquisa da ONU que visa apoiar os esforços globais para reduzir pela metade o desperdício de alimentos até 2030.

O peso equivale a aproximadamente 23 milhões de caminhões de 40 toneladas totalmente carregados - o suficiente para circundar a terra sete vezes.

O Índice de Desperdício de Alimentos 2021, do Programa das Nações Unidas para o Meio Ambiente (PNUMA) e da organização parceira WRAP, analisa as sobras alimentares que ocorrem nos pontos de venda, restaurantes e residências - considerando as partes comestíveis e não comestíveis, como ossos e conchas.

O relatório apresenta a mais abrangente coleta de dados, análise e modelagem de desperdício de alimentos até o momento e oferece uma metodologia para os países mensurarem a perda. No total, 152 unidades de observação foram identificadas em 54 países.

O relatório descobriu que em quase todos os países onde o desperdício foi mensurado, estes foram substanciais, independentemente do nível de renda. Também mostra que a maior parte tem origem nas residências, que descartam 11% do total de alimentos disponíveis na fase de consumo da cadeia de abastecimento.

Os serviços alimentares e os estabelecimentos de varejo desperdiçam 5% e 2%, respectivamente. Em nível global per capita, 121 quilos de alimentos são desperdiçados por consumidores a cada ano. Deste total, 74 quilos são descartados no ambiente doméstico. O relatório também inclui estimativas regionais e nacionais per capita.

O desperdício de alimentos tem impactos ambientais, sociais e econômicos substanciais. Por exemplo, neste momento em que a ação climática ainda está atrasada, 8%-10% das emissões globais de gases de efeito estufa estão associadas aos

alimentos não consumidos - se considerarmos as perdas em toda a cadeia, inclusive antes do nível do consumidor.

"A redução do desperdício de alimentos cortaria as emissões de gases de efeito estufa, retardaria a destruição da natureza para conversão da terra e da poluição, aumentaria a disponibilidade de comida e, assim, reduziria a fome e economizaria dinheiro em um momento de recessão global", disse Inger Andersen, diretora executiva do PNUMA.

"Se quisermos levar a sério o combate à mudança climática, à perda da natureza e da biodiversidade, à poluição e ao desperdício, empresas, governos e cidadãos de todo o mundo devem fazer a sua parte para reduzir o desperdício de alimentos. A Cúpula de Sistemas Alimentares da ONU deste ano será uma oportunidade de lançar novas e ousadas ações para enfrentar o desperdício alimentar", afirmou a dirigente.

PURPLE IGUANA INVESTMENTS
M&A | EQUITY PARTNERS
New Office - João Pessoa - PARAIBA
Avenida João Celso da Silva, 221
ALTIPLEX José Olimpio da Silva - Sala 1802 - Bloco B
Altiplano Cabo Branco - CEP: 58046-005
Contatos: +55 (83) 9 8884-9952 / +55 (11) 3234-5999

ASSÉDIO SEXUAL NO AMBIENTE DE TRABALHO Não é legal, é imoral

BASTA

Guarde as provas, DENUNCIE!

EMPRESA PARAIBANA DE COMUNICAÇÃO

Mulher: 'a mão invisível' do mercado de trabalho



Foto: Evandro Pereira

Mais afetadas pela crise econômica, trabalhadoras vencem as dificuldades e lutam para manter as finanças em dia

Ana Flávia Nóbrega
anaflaviana@epc.pb.gov.br

“Mulher tem que cuidar da casa, dos filhos e da família”. A lição passada de geração por geração há anos ainda reflete nos dias atuais. Como herança do patriarcado, o lugar da mulher na sociedade foi construído para não prover e sim, cuidar. Impactando, diretamente, no afastamento delas de espaços com tomada de decisões importantes no cenário social, como, por exemplo, o mercado de trabalho.

Dados do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea) de 2020 sobre o quadro econômico no país apontam para o maior impacto, no que se refere ao mercado de trabalho e desemprego, no público feminino. O percentual de mulheres que estavam ocupando cargos de trabalho foi de 45,8% no terceiro trimestre do ano, o nível mais baixo desde 1990, quando a taxa ficou em 44,2%.

Especialistas avaliam a pandemia do novo coronavírus como maior responsável pela queda. Isto porque, retidas em casa, as mulheres precisaram aumentar a

já exaustiva jornada de trabalho: o convívio integral com os filhos (para as mães), a tentativa de manter a casa e, ainda, trabalhar para garantir o sustento. Com uma demanda tão alta, os problemas estruturais foram dilatados. A pandemia afetou diretamente os postos de trabalho informal e desigualdades de raça e gênero.

“No início do ano passado, sete milhões de mulheres precisaram deixar os empregos por conta da pandemia”

Só em março do ano passado, com o início da suspensão de funcionamento de atividades econômicas, sete milhões de mulheres abandonaram o mercado de trabalho, dois milhões a mais do que homens na mesma situação, segundo a Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua (Pnad Contínua), do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatísticas

(IBGE). No terceiro trimestre de 2020, o número de abandono foi de 8,5 milhões de mulheres.

Tereza Cristina é mais uma entre as milhões de mulheres desempregadas desde o início da pandemia da covid-19. Cuidadora escolar de crianças com deficiência, Tereza viu o seu posto de trabalho ser extinguido junto com a confirmação dos primeiros casos da doença. Sem aulas, a cuidadora ficou impossibilitada de exercer a profissão.

“Estou desempregada desde o começo da pandemia porque as aulas pararam. Então eu passei a não ter renda fixa para manter a casa e o meu filho que é autista. Recebi ajuda de conhecidos e agradeço muito por todo auxílio que recebi, mas quero poder trabalhar pelo meu sustento e está cada vez mais difícil. Ainda mais se você é mulher”, declarou Tereza que, com a volta às aulas, tenta se recolocar no mercado de trabalho. Enquanto isso, a cuidadora faz bicos de serviços gerais para conseguir alguma renda na pandemia. Mesmo desempregada, ela não conseguiu o auxílio emergencial.



Paraibanas estão no contexto global

O problema, no entanto, não é exclusivo do Brasil. Dados do ‘Monitor OIT: Covid-19 e o Mundo do Trabalho’, da Organização Internacional do Trabalho, publicado este ano, mostram que a perda de emprego atingiu 114 milhões em todo o mundo. Do total, 71% (o equivalente a 81 milhões) integram o quadro de desemprego, mas, na verdade, estão na chamada inatividade. São pessoas que deixaram o mercado de trabalho porque não conseguiram trabalhar ou buscar vaga devido à pandemia. É o caso de Fernanda Lima, que atua na área da educação e venda de produtos de sistemas educacionais desde 2014. Na pandemia, mesmo com as aulas remotas, o seu posto de trabalho que era essencialmente presencial foi corroído pela dinâmica on-line.

“Com a pandemia, os representantes comerciais ficaram impedidos de visitar as escolas, isso impactou diretamente o ciclo de vendas que é bem longo no caso de sistemas de ensino. Por telefone ou teleconferência é muito difícil gerar relacionamento e engajamento de diretores de escola. As vendas despencaram. Colegas de trabalho mudaram de empresa ainda

em 2020 procurando produtos mais fáceis de vender”, afirmou.

Mesmo com a tentativa de migrar de área, as vagas de emprego seguem sendo escassas. “O desligamento foi feito de forma respeitosa, porque devido à falta de vendas eu já sabia que não teria condições de permanecer na empresa”, salienta a entrevistada que, diariamente, busca oportunidades de trabalho no Sine ou em sites especializados.

No contexto de crise global, a perda de emprego das mulheres situa-se nos 5% contra 3,9% dos homens, ainda de acordo com o relatório do Monitor da OIT. Isto, principalmente, porque mulheres ocupam (ou ocupavam) os principais setores afetados pela pandemia como alimentação, hotelaria e serviços domésticos. Bem como a paralisação de aulas presenciais, que provocou sobrecarga de trabalho para as mulheres conciliar as jornadas de trabalho. Estima-se que, pelo menos, 113 milhões de crianças estão dentro de casa desde março aos cuidados das responsáveis.

Continua na Página 18

Desenvolvimento Econômico e Gestão Estratégica

Chico Nunes
francisco.nunespb@gmail.com | Colaborador

Embriões que originam o desenvolvimento

Por que determinados territórios, mesmo próximos, distanciam-se uns dos outros, em termos de desenvolvimento? O que dá origem a estas diferenças? São perguntas que ecoam em determinados debates e também motivam estudiosos a se aprofundarem nestas investigações, para fundamentarem teorias e metodologias voltadas para correção de desigualdades regionais, quaisquer que sejam suas nomenclaturas.

Respondendo objetivamente, podíamos dizer que estas diferenças são motivadas por “atitudes”. Não há uma receita padrão que se aplique igualmente a todas as realidades para justificar porque o desenvolvimento ocorreu de forma exemplar. Existem metodologias das mais eficazes, que servem como ferramentas de planejamento e gestão para nortear as formulações rumo ao progresso desejado, mas quando nos debruçamos sobre estas experiências, percebemos que os resultados revelam particularidades que só se aplicam àquele território.

Diante destas comprovações, o que poderíamos destacar como algo que se faz comum a todos estes “cases” de sucesso é o fato de que os embriões são sempre gerados por competentes projetos que expressam uma combinação de fatores onde recursos,

conhecimentos, estratégias e desejos de mudanças ganham forma e conseguem apaixonar seus autores e atores para transformarem determinadas realidades.

Fazendo uma retrospectiva da nossa história econômica, faço uma parada no período entre 1956 e 1960, quando uma equipe de notáveis pensadores que integravam a CEPAL (Comissão Econômica para a América Latina) e o BNDE (Banco Nacional do Desenvolvimento), destacando dentre eles o grande paraibano e economista Celso Furtado, propôs e ajudou a executar no governo do então presidente Juscelino Kubitschek, um plano de metas com o lema “cinquenta anos em cinco”.

Algo que nos chama atenção em relação a este projeto para o Brasil foi a quantidade de setores priorizados para alavancarem o desenvolvimento do nosso país. Considerando as necessidades e potencialidades mais destacadas à época, foram criteriosamente escolhidos apenas cinco setores, a saber: energia, transporte, indústria, educação e alimentação. Juntos, traziam consigo a responsabilidade de colocar o Brasil em um novo patamar no ranking das economias industrializadas, com ênfase para uma agropecuária mais mecanizada e competitiva.

Para especificar feitos deste plano, destaco

algumas conquistas começando pelo setor energético com a expansão de hidrelétrica de Paulo Afonso, no Rio São Francisco e o início das obras de Furnas e Três Marias, em Minas Gerais, dentre outros investimentos neste segmento. Com uma maior geração de energia para estruturação de parques industriais, passamos a produzir, com tecnologia nacional, máquinas para mecanização agrícola. Foram instaladas fábricas da Volkswagen, Mercedes Benz, Willis Overland e General Motors. Foi criada a Sudene - Superintendência de Desenvolvimento do Nordeste. Tivemos a construção de Brasília. Outras conquistas e desdobramentos deste plano podem ser conhecidas numa vasta literatura que existe a respeito.

Numa dimensão de menor extensão territorial, conheço outras experiências de desenvolvimento regional que se consagraram exitosas começando com um número ainda menor de projetos. Há poucos dias, trouxe aqui nesta coluna um relato sobre o “Pacto Novo Cariri”, aqui na Paraíba, que começou com apenas um projeto no segmento da caprinocultura leiteira, mas que depois celebrou a sua reprodução, alcançando outros campos e impactando positivamente o desenvolvimento daquela região.

Em nível municipal, são muitas as

conquistas que servem de referências quando buscamos os caminhos que levam ao desenvolvimento. Podemos encontrar verdadeiros “cases” a exemplo dos municípios de Maringá, no Paraná, e Três Rios, no Rio de Janeiro.

O que existe em comum entre estas realidades que acabo de mencionar? Todas elas nasceram de embriões chamados projetos. Nenhuma destas conquistas aconteceu por acaso e nem foi fruto de amadorismos em termos de gestão. Todas elas foram criteriosamente planejadas.

Outro destaque que faço, refere-se ao dimensionamento destes projetos. Algumas iniciativas se afogam em equívocos por quererem promover desenvolvimento a partir da abrangência de um elevado número de atividades para as quais não possuem os fatores combinados que mencionei no início deste artigo.

Os exemplos falam mais alto e a recomendação que faço é no sentido de que, ao planejarem, mantenham o foco na elaboração de projetos que tenham capacidade de reprodução, ou seja, que originem o nascimento de outras atividades produtivas e remuneradas, porque neste contexto eles são os embriões do desenvolvimento.

Trabalhadoras têm excesso de atividades e salários menores

Necessidade de assumir tarefas domésticas e criação dos filhos ainda dificulta a qualificação profissional da mulher

Ana Flávia Nóbrega
anafflavia@epc.pb.gov.br

Para a economista Débora Alcântara, a mulher é tida como 'uma mão invisível' do mercado já que não tem seus esforços reconhecidos. "A mulher se encarrega das atividades domésticas e, na pandemia, isso se intensificou. A mulher é a mão invisível da produção. A partir do momento que as mulheres assumem essas atividades, acaba-se criando a possibilidade de o homem se qualificar mais, permanecer mais tempo no mercado de trabalho e conseguir salários mais altos. Mesmo contribuindo para o desenvolvimento do país, esse trabalho é invisibilizado", ressaltou.

Dados mais recentes divulgados pelo IBGE, dentro do estudo 'Estatísticas de Gênero: indicadores sociais das mulheres no Brasil', ressaltam que a presença de crianças com até três anos de idade nos domicílios tem relação direta com a menor inserção ocupacional das mulheres. O instituto observou que o nível de ocupação, proporção de pessoas ocupadas na população em idade de trabalhar, é menor entre as mulheres de 25 a 49 anos que vivem em lares com crianças nessa faixa etária. Entre elas, o nível de ocupação é de 54,6%, enquanto o das que vivem em casas onde não há essa presença é de 67,2%.

Economista Débora Alcântara avalia que os homens ainda são beneficiados por um sistema injusto de divisão de tarefas



Foto: Arquivo pessoal

Sobrecarregadas
"Foi um ano bem complicado, tive muita dificuldade de conciliar as atividades do trabalho com as rotinas da casa, porque em março ficamos sem as esco-

las de forma presencial e eu não tinha com quem deixar minha filha mais nova, que até então ficava em berçário", revela a auxiliar administrativa, Simone Almeida. No mês de maio de 2020,

ela teve o contrato suspenso por 60 dias e quando retornou às atividades, no mês de julho, passou a trabalhar no formato home office até o mês de outubro, quando foi desligada da empresa,

por questões de reestruturação. "Fiquei bem surpresa porque já trabalhava na companhia há 20 anos. Com a pandemia fiquei de mãos atadas, porque tenho uma filha pequena e não tinha

condições de voltar de forma imediata ao mercado de trabalho. Estamos torcendo para que as coisas melhorem e para que em breve eu consiga voltar a trabalhar", relatou.

+ Home office pode se tornar um aliado

Ainda no início da pandemia de covid-19, muitas empresas migraram para o sistema de home office. A possibilidade de trabalhar e buscar emprego de casa apresentou-se como uma opção para a recolocação no mercado de trabalho. "A tecnologia veio para ajudar as pessoas com o teletrabalho e a prospecção de vagas pelo LinkedIn", afirma a representante de vendas, Fernanda Lima.

Sem ânimo para seguir entregando currículos, Fernanda conta que suas duas últimas experiências profissionais surgiram do contato pela rede social e que espera "conseguir repetir o feito em breve". A economista Débora Alcântara ressalta que a possibilidade de ter a mulher empregada com assiduidade garantida em casa é bem visto pelo mercado de trabalho. "Eu acredito que seja um bom caminho, uma boa condição das empresas. Se elas puderem, se as empresas conseguirem que a mulher exerça a função em casa seria bom", observou.

A realidade, contudo, é outra conforme a cor da pele muda. Como um problema estrutural, a população negra enfrenta uma maior dificuldade em relação ao acesso ao mercado de trabalho, à educação e aos serviços de saúde. Segundo o IBGE, enquanto o nível de ocupação de mulheres pretas ou pardas com crianças de até

três anos em casa é de 49,7%, o de mulheres brancas na mesma situação é de 62,6%.

Apesar de representarem a maior força de trabalho no país, a população negra segue sub-representada, principalmente no mundo corporativo. A ocupação de cargos de maior hierarquia é maior para a população branca. A pesquisa "Potências (in)visíveis: a realidade da mulher negra no mercado de trabalho", realizada em parceria entre a consultoria Indique Uma Preta e a empresa de pesquisa Box1824, mostrou ainda que as mulheres negras recebem 44% do que um homem branco recebe, exercendo a mesma função, e ainda são as que menos possuem lugar de liderança. Em 2020, na pesquisa, 39% dos entrevistados com posição de líderes nas empresas eram homens brancos, 31% eram mulheres brancas, 9% homens negros e 6,6% de mulheres negras.

A inferioridade da presença negra é vista também no cenário digital e, muitas vezes, sem face, do home office. O perfil que reúne as características mais comuns entre os brasileiros em teletrabalho é o da mulher branca, entre 30 e 39 anos com diploma de nível superior, segundo o IPEA, em pesquisa feita com base nos microdados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Covid-19, do IBGE, no ano passado.

Sistema de trabalho realizado em casa pode facilitar o retorno da mulher ao mercado em meio à crise econômica

Desigualdade de gênero é obstáculo

O nível de discrepância em relação ao mercado de trabalho pode ser percebido quando o sexo masculino é observado. Ainda segundo a pesquisa de gênero do IBGE, a ocupação dos homens é superior ao das mulheres em com ou sem crianças vivendo no domicílio, refletindo com os ensinamentos da sociedade patriarcal na qual os homens trabalham e as mulheres cuidam da casa. Já quando a comparação é entre homens, o nível de ocupação sobe com a presença das crianças. A proporção deles no mercado de trabalho é maior entre os homens com crianças de até três anos vivendo no domicílio (89,2%) do que entre aqueles que vivem em domicílio sem a presença delas (83,4%).

O estudo detalha ainda a situa-

ção da Paraíba no cenário do mercado. Em relação ao trabalho fora de casa, a desocupação paraibana é mais intensa junto às mulheres, com uma taxa de 15,5%, do que entre os homens, que representam 10,3%. Nessa comparação, a diferença das taxas (5,2 pontos percentuais) é a terceira maior do Nordeste e a décima do Brasil. Vale ressaltar ainda que, no grupo de mulheres, o indicador é mais forte entre a parcela preta ou parda, com 15,9%, do que entre a branca, com 14,4%. O estudo ainda verificou que, das cerca de 36 mil pessoas que ocupavam cargos gerenciais no estado, apenas 37,6% eram mulheres. O percentual foi similar à média brasileira (37,4%), mas ficou abaixo da nordestina (40,9%).

DIFERENÇAS AUMENTAM

A expectativa, a partir de agora, é que a diferença entre os gêneros e o mercado de trabalho seja ainda mais dilatada, sendo mais difícil para as mulheres. Segundo a economista Débora Alcântara, mesmo com os avanços, elas ainda são barradas de vagas por serem mães e pela suposição de problemas relativos à saúde da mulher.

"Têm-se a ideia de que a mulher é mais acometida por problemas de saúde por conta da menstruação, por conta de filhos... Por incrível que pareça, por mais que tenhamos vencido barreiras, muitas empresas hoje ainda olham por esse ângulo", lamenta a especialista. Para alguns empregadores, em geral homens, o ciclo reprodutivo da mulher que é visto como um problema. "Eles dizem que preferem os homens porque eles colocam menos atestados. Mas as mulheres são assíduas ao trabalho, se qualificam e ainda são impedidas", observa Débora Alcântara.

A importância do descarte correto do óleo de cozinha

Quando lançado no meio ambiente, produto traz prejuízos ao solo, à água e aos animais e ameaça a saúde coletiva

Alexandra Tavares
lekajp@hotmail.com

Seja em casa ou em estabelecimentos comerciais, o óleo vegetal é um dos produtos que está presente em várias receitas. O grande questionamento que devemos fazer é: Qual o destino dado às sobras deste líquido que pode poluir o meio ambiente e trazer prejuízos ao homem? Se descartado de forma incorreta, o óleo de cozinha traz malefícios ao solo, água, animais e ameaça a saúde do indivíduo. Segundo a coordenadora de Educação Ambiental da Superintendência de Administração do Meio Ambiente (Sudema), Taciana Wanderley Cirilo, um litro de óleo de cozinha pode poluir cerca de 10.000 litros de água.

Esse produto gorduroso, quando lançado em locais como praias e o solo, forma uma fina camada impermeável, o que bloqueia a passagem de ar, luz e água. Taciana Cirilo contou que durante esse processo pode ocorrer o descontrole do oxigênio e a morte de animais marinhos. "A impermeabilização das águas impede a respiração e a fotossíntese dos organismos marinhos", declarou.

O engenheiro ambiental, Victor Teotonio, explicou que em relação ao lençol freático, há a poluição das águas subterrâneas. "Causando prejuízo para quem utiliza essa água através de poços".

Ao ser jogado na natureza, em terrenos baldios, ralos de pia, vaso sanitário e no lixo comum, o produto fica depositado no ambiente ou retido em forma de gordura a rede de esgoto. Esse acúmulo atrai pragas que causam doenças como leptospirose, febre tifóide, cólera, hepatites, esquistossomose, amebíase e giardíase. Essas doenças podem ser transmitidas para humanos e animais.

O descarte incorreto do óleo vegetal ainda pode ser configurado como desobediência à legislação do Estado. Victor Teotonio declara que existe uma Lei estadual na Paraíba (Lei 11498 de 08/11/2019) que fala do descarte correto de óleo animal e vegetal. Nela são estipuladas as multas e as obrigações referentes ao assunto.

Portanto, especialistas ressaltam que os restos de óleo vegetal devem ser guardados em recipientes fechados (garrafas pets ou de vidro) e enviados para os pontos de coleta com a finalidade de serem reciclados. Confira alguns exemplos de como esse produto pode ser reaproveitado, evitando danos ao planeta e ao ser humano.



Foto: Sudema/Divulgação



Foto: Roberto Guedes



Foto: Roberto Guedes

A Oficina de Sabão Ecologicamente Correto é um dos projetos da Sudema; o que provavelmente iria parar no lixo, se transforma em produto de limpeza que pode ser usado em casa ou ser fonte de renda

Consciência ambiental
Órgãos públicos, universidades e outras entidades reutilizam o óleo vegetal na produção de sabão e repassam os ensinamentos desta reutilização por meio de oficinas para comunidades. Um dos exemplos é a Oficina de Sabão Ecologicamente Correto, incluído em um dos projetos educativos da Sudema.

Ao ser jogado na natureza, em terrenos baldios, ralos de pia, vaso sanitário e no lixo comum, o produto fica depositado no ambiente ou retido em forma de gordura a rede de esgoto

Com ele, o que provavelmente ia parar no lixo, se transforma em um produto de limpeza que pode ser usado em casa ou ser fonte de renda para as famílias.

A coordenadora de Educação Ambiental do órgão, Taciana Wanderley Cirilo, afirma que além de levar à população informações sobre medidas de proteção ao meio ambiente, a atividade ainda oferece uma possibilidade de renda extra para as comunidades.

Qualquer pessoa física ou jurídica pode participar da oficina. Para isso, basta encaminhar ofício para a Sudema ou entrar em contato pelo ceda.sudema.jp@gmail.com ou telefonar para o 98844-3296.

PONTOS DE COLETA

■ Em João Pessoa, a Sudema informa que há, pelo menos, dois pontos de coleta de óleo vegetal usado.

Veja os contatos:
■ PB Óleo (reciclagem de Óleo) - Telefone: 98880-4884 ou 98767-9200.

■ CiclaÓleo UFPB (reciclagem de Óleo) - Contato pelo Instagram @ciclaoleo_ufpb

Oficina na comunidade quilombola de Mituaçu

Outro exemplo de reaproveitamento do óleo residual de frituras ocorre na comunidade quilombola de Mituaçu. Por meio do projeto Histórias de Quilombo, desenvolvido por professores e alunos da Universidade Federal da Paraíba (UFPB), uma equipe decidiu realizar uma oficina de confecção de sabão artesanal utilizando óleo residual de frituras.

A graduanda em Engenharia Ambiental da UFPB, Elayne Felix, que participou do projeto, disse que a ideia da oficina surgiu quando a equipe percebeu que a comunidade já fazia uso do óleo de coco na criação de sabonetes em barra, para consumo próprio e também para vendas.

"Diante desse conhecimento, buscamos parceria com o projeto de extensão CiclaÓleo, do Departamento de Química da UFPB, sob a coordenação do professor Janilton Ferrari, para nos auxiliar nos trabalhos com o reuso de óleo de cozinha. Ele e sua equipe realizaram uma capacitação com as integrantes do nosso projeto Histórias de Quilombo, para que pudéssemos aplicar a técnica e trocar experiências com a comunidade".

O objetivo da oficina foi promover a educação ambiental e a geração de renda para as famílias, que podem replicar o método e garantir um incremento de renda no orçamento doméstico. A antropóloga Aline Maria Pinto da Paixão, cuja pai mora no quilombo, participou da oficina. Segundo ela, o projeto de saboaria artesanal na comunidade foi bem aceito pelos moradores, sobretudo pelo público feminino.

"Além da receita de sabão com o óleo de cozinha, fornecida pelo CiclaÓleo, ainda foi possível fazer vários experimentos interessantes, inclusive de sabonetes para o corpo, utilizando outros tipos de materiais encontrados ou produzidos na própria comunidade como ervas medicinais e o óleo extraído a partir do coco seco", salientou Aline.

Foto: Roberto Guedes



Para a antropóloga Aline Maria, o projeto de saboaria artesanal foi bem aceito pelos moradores

CONHEÇA A RECEITA DA SUDEMÁ PARA PRODUÇÃO DO SABÃO ECOLÓGICO

■ **Ingrediente:** 300 gramas de soda cáustica, 600 ml de água; 1,8 litro de óleo de fritura usado, 50 gramas de sabão em pó, 1 colher de sopa de essência para sabão.

Preparo: Em primeiro lugar deve-se fazer uso de Equipamentos de Proteção Individual (EPIs), como luva, óculos, bota, camisa e calça compridas. Separe um balde médio de plástico. Dilua, em 600 ml de água, o sabão em pó e a soda cáustica. Mexa com um cabo de madeira por 5 minutos e acrescente o óleo (coar se apresentar muito resíduo). Depois mexa por 15 a 25 minutos. Em seguida, adicione a essência para sabão. Quando a consistência estiver parecida com doce de leite, despeje em formas. Atualmente a Sudema reaproveita caixas de leite. O sabão é cortado no dia seguinte, no tamanho desejado. A recomendação é aguardar 30 dias para usar o sabão.

Oportunidade de negócio

As sobras de óleo de cozinha ainda podem ser uma oportunidade de negócio para empreendedores. Essa foi a visão do empresário Carlos Neto, um dos sócios de uma empresa situada em João Pessoa, que faz coleta de óleo residual de frituras em residências e estabelecimentos comerciais como bares e restaurantes. Ele contou que o material coletado é enviado para fabricantes de sabão e até biodiesel.

Carlos Neto explicou que a empresa PB Óleo entra em contato com as pessoas para oferecer o serviço de coleta, mas ainda enfrenta resistência. "Fazemos a proposta, entregamos os recipientes para o armazenamento do óleo e depois agendamos para pegar o produto acumulado. Mas é complicado conscientizar as pessoas

Foto: Divulgação



Manayra Barreto é a idealizadora da Shower Saboaria e Biocosméticos, na capital



Empresa de Carlos Neto faz coleta de óleo em residências e estabelecimentos comerciais



Sobe

O Tribunal Regional Federal da 5ª Região decidiu revogar a decisão que suspendeu o funcionamento da Associação Brasileira de Apoio à Cannabis (Abrace), sediada em João Pessoa, que vem realizando pesquisas para o uso medicinal da cannabis sativa, popularmente conhecida como maconha, com resultados animadores, sobretudo no tratamento de doenças neurológicas.

Desce

Indo na contra-mão das medidas de combate à covid e de olho nos votos da comunidade evangélica, os vereadores de João Pessoa, em sua maioria, aprovaram proposta transformando missas e cultos em "atividades essenciais". Bem se vê que os nossos parlamentares desconhecem que a fé habita o coração dos fiéis e pode ser professada a qualquer hora, em qualquer lugar.



07 É hoje!
Aniversariando

Cléa Cordeiro, Adriana Cavalcanti, Amanda Tuany, Dina Torti, Erika Nogueira, Gigliola Amaral, Graça Viegas, Iara Almeida, Inês Costa, João Paulo Martins, José Edvaldo Sousa, José Gomes de Moura,



Patricia Berger de Oliveira Santos, Juliana Maria Dantas de Medeiros, Karine R. Santa Cruz, Kledmir Correia, Luiz Gonzaga Ferreira Silva, Nazareth Gadelha, Odilon Ribeiro Coutinho Filho, Raimundo Batista de Queiroga, Rodrigo Souto Montenegro,

Renata Barbosa, Saulo Romero de Andrade, Suh Wen de Melo, Taianny Gondim e Terezinha da Costa Marcelino.

A igreja somos nós

Foi o pastor Estevam Fernandes, líder da Primeira Igreja Batista e da comunidade evangélica quem melhor se pronunciou a respeito da suspensão dos cultos e celebrações determinadas pelo Governo diante da crescente ameaça da pandemia: - É difícil, mas o momento exige. Hospitais cheios, UTIs lotadas. A gente para um pouco pelo bom senso, em prol da vida. E concluiu: - "Os templos estarão fechados, mas a Igreja não. Nós somos a Igreja.

As motos também matam

O número de vítimas em acidentes de moto lidera os atendimentos no Hospital do Trauma e são hoje um dos principais motivos de óbitos entre os jovens entre 18 e 30 anos. Para o empresário Michel Mesquita, proprietário da Motomar, concessionária Honda, o erro começa na habilitação dos

motoqueiros: "O que as autoridades deviam fazer, e não fazem, era modificar as provas práticas para habilitação dos condutores: hoje basta passar sobre uma prancha de 3m x 30cm e fazer um "oito" entre dois cones, sem por os pés no chão, que estão habilitados. Para enfrentar esse trânsito caótico, é muito pouco". A Honda mantém, em Recife, o maior centro de pilotagem de motociclistas da América Latina.

Empresários querem discutir o lockdown

Um grupo de empresários paraibanos, sob a liderança do empresário Felipe Gaudêncio, está articulando um movimento para dialogar com o governo as medidas do Decreto Governamental que estabeleceu novas restrições às atividades comerciais, a partir deste domingo. Durante a semana estão sendo agendadas reuniões com deputados, senadores e autoridades estaduais e municipais para tentar reverter a situação.



O GOVERNADOR João Azevêdo - na foto com sua esposa Ana Maria - tem tido um comportamento seguro e responsável no trato com a pandemia, adotando medidas duras mas coerentes; tomando as providências necessárias à vacinação da população; promovendo investimentos para ampliar ofertas de leitos em hospitais; cobrando ações do Governo Federal para minimizar os efeitos da covid-19 e se mantendo fiel e solidário na dor dos paraibanos atingidos pela tragédia. Age com a responsabilidade que o cargo exige, mostrando que o estado tem comando.

INFLUENCIADORA DIGITAL com quase 200 mil seguidores no Instagram, **RENATA FREIRE** exibe porque tem tanto prestígio no mundo fashion da cidade: ela, naturalmente, é o seu próprio outdoor quando o assunto é elegância feminina, estilo e classe em todo e qualquer ambiente e em qualquer situação.



Fale com Abelardo

JOSÉ VIEIRA NETO - jornalista - Isso é uma verdadeira tragédia, pessoas com uma trajetória fantástica como José Carlos e José Maranhão, por exemplo, já com idade avançada, perder a vida em uma pandemia e não para uma causa natural? São vidas preciosas desperdiçadas. Estou tomando os dois como referência de história para o nosso Estado, mas

todas as vidas são, igualmente, importantes. Estou arrasado. **FERNANDO LEAL** - Vejo em sua coluna o comentário de alguns médicos que questionam o uso da vacina pelo fato de 2 colegas vacinados terem contraído o vírus. É importante salientar que nenhuma vacina tem eficácia de 100% de imunidade. Significa dizer que os vacinados podem,

sim, contrair o vírus que age no organismo vacinado de maneira atenuada como comprovam os depoimentos. Veja o que acontece, por exemplo, com a vacina anual da gripe. Alguns vacinados também gripam, mas de maneira mais leve. E mais, tomar a vacina e sair por aí tipo "pé na jaca" desobedecendo os protocolos, não tem vacina que dê jeito.

Diagnóstico

Com a sutileza de sempre, o presidente Bolsonaro deu a sua receita para enfrentar a pandemia que já matou mais de 260 mil brasileiros: - Nós temos que enfrentar os nossos problemas. Chega de frescura e de mimimi. Vão ficar chorando até quando? Ah! Bom.



Estamos prontos para cuidar de você 24H | **Urgência & Emergência Cardíaca & Neurológica** | Destaca Técnica: Dra. Wagoska Lucena - CRM - 5686 | **HOSPITAL MEMORIAL SÃO FRANCISCO** Sua Vida em Bons Años

Renove seus cuidados contra o coronavírus

- Use a máscara corretamente: boca e nariz
- Higienize as mãos
- Respeite o distanciamento social

HIGIENIZE SUAS MÃOS - UMA PRÁTICA FÁCIL, UMA ATITUDE SEGURA.

MANGABEIRA

MANAIRA Shopping 31 anos

CONFIE EM QUEM TEM tradição, CONFIE NO TRAVASSOS.

21, W. 258 - TRAVASSOS, JOÃO PESSOA

Um mundo com mais cor é um mundo com mais vida.

É O NOSSO MUNDO

Diamonds Joias e Acessórios

PRA COMECAR OU FAZER A ECONOMIA GIRAR CONOSCO

Fecomércio-PB

Obras em ritmo acelerado. Entrega prevista para 2022.

ENFRATE

NOVOS CAFFÉS SÃO BRAZ EM CAPSULAS

SÃO BRAZ Produtos de Qualidade



Foto: Lucas Figueiredo/CFB

SILVANA FERNANDES

Sinônimo de superação e vitórias

Natural de São Bento, a atleta de 21 anos tem várias conquistas, como o ouro no Parapan de Lima de 2019, e hoje é a única paraibana já garantida nas Paralimpíadas

Iago Sarinho
iagosarinho@gmail.com

A vida de atleta não é fácil, requer concessões, esforço acima do comum e superação de seus próprios limites. Quando se transporta essa realidade para o ambiente paralímpico, cada um desses aspectos é ampliado, especialmente pela barreira, muitas vezes intransponível, do preconceito. Então, façamos um exercício: imagine os desafios que uma mulher, jovem, sertaneja e paratleta paraibana precisa vencer, a cada dia, para poder seguir fazendo e sendo quem ama ser. Agora conheça alguém que transformou isso em realidade: Silvana Fernandes a única paratleta da Paraíba com vaga garantida nos Jogos de Tóquio em 2021.

Atleta do parataekwondo brasileiro, Silvana é a atual campeã dos Jogos Parapan-Americanos, realizados em Lima no Peru em 2019, disputando na classe K44 - para atletas com amputação unilateral do cotovelo até a articulação da mão -. Com apenas 21 anos, a jovem, natural de São Bento, no Sertão da Paraíba, só conheceu o parataekwondo em 2018. Menos de três anos depois, ela está agora entrando na sua fase final de preparação para brigar, com chances reais, por uma medalha nos Jogos Paralímpicos de Tóquio - competição adiada no ano passado por conta da pandemia da covid-19 e prevista para ocorrer entre 24 de agosto e 5 de setembro, mas que ainda corre riscos de ser novamente adiada ou até mesmo cancelada por conta da continuidade do quadro pandêmico em nível mundial -.

O começo

Com uma deficiência congênita no braço direito, Silvana, desde muito cedo, teve que lidar com os preconceitos e também com a superproteção dos familiares para poder fazer algo que para boa parte das crianças e adolescentes é natural, praticar esportes. Uma paixão e meio de afirmação que ela encontrou, desde cedo, para si e através da qual, ainda nas aulas de educação física da escola, ela foi descoberta aos 15 anos pelo professor Pedro Filho, para seguir em busca da conquista dos seus sonhos, sua liberdade e o próprio mundo.

“Desde criança sempre fui bem ativa, gostava muito de praticar esportes, com isso eu chamava atenção de muita gente. Uma dessas pessoas foi meu professor de educação física, Pedro Filho, que me apresentou ao paradesporto, algo que eu não sabia que existia. Desde então, iniciei os treinos e não parei mais. No início, eu achava que seria difícil me adaptar ao esporte, aprender a lançar um dardo, por exemplo, por causa da minha limitação física, mas foi aí que tive um grande aprendizado na vida que o esporte me proporcionou. A partir dele eu passei a entender que a real limitação é a do pensamento, pois podemos fazer o que quisermos, independentemente da nossa realidade, é a nossa vontade de fazer acontecer que faz tudo possível” afirmou Silvana.

Do Sertão ao Litoral

Vivendo no interior do estado, onde treinou até 2017, quando foi campeã brasileira de arremesso de dardo na classe F46, aos 18 anos, para seguir no seu sonho, ela teve que se mudar em 2018 para João Pessoa, onde passou a treinar com Pedrinho Almeida, referência no atletismo e paratletismo dentro e fora da Paraíba. Na nova casa, venceu mais dois títulos brasileiros (2018-2019) e conheceu uma nova modalidade, o parataekwondo que, no princípio era apenas uma diversão, mas que em breve viraria seu instrumento de vida.

A reviravolta

Morando na capital, Silvana passou um ano vivendo na casa de familiares, antes de sua mãe se mudar junto com a irmã, hoje com quatro anos, para a cidade, justamente para ficar mais próxima da filha mais velha e dar suporte ao seu sonho de atleta. Nesse momento, melhorando suas marcas e treinando com um dos melhores do país, tudo andava dentro do roteiro, até que a prova em que era especialista dentro do paratletismo foi retirada do calendário paralímpico em uma decisão do Comitê Paralímpico Internacional.

Sonhando disputar uma paralimpíada, Silvana viu seu planejamento ruir completamente, mas com a força e a determinação de toda boa sertaneja, ela mudou de esporte, mas não desistiu do sonho. E,

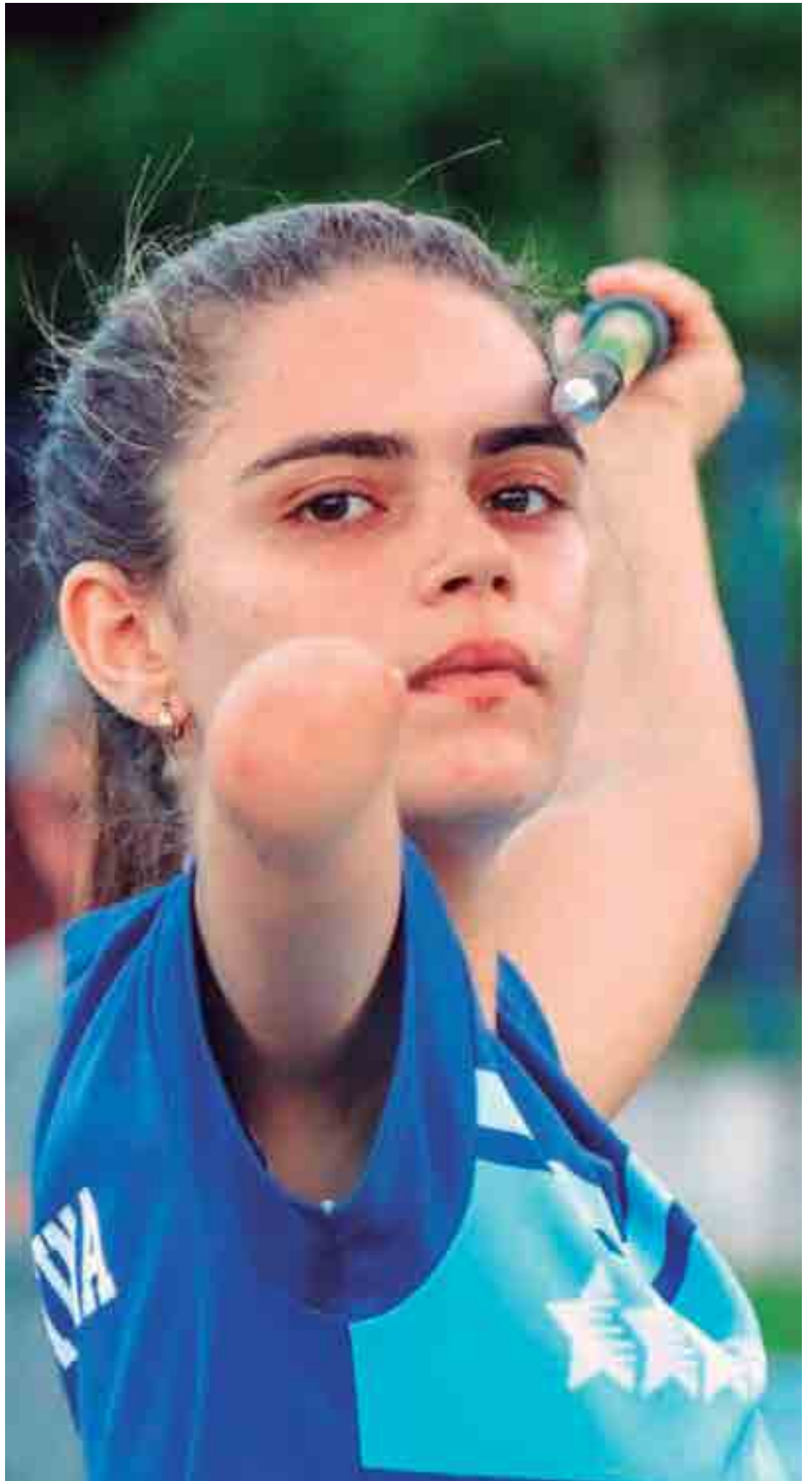
assim, trocou o paratletismo pelo parataekwondo, modalidade que ele havia começado a praticar meses antes da mudança repentina em sua carreira. Ainda mais rápido que a transformação que teve que passar, foi a sua adaptação ao novo esporte, tanto é que, menos de um ano depois, ela subiu ao ponto mais alto do pódio nos Jogos Parapan-Americanos do Peru onde, enfim, carimbou o passaporte para o sonho paralímpico.

Quem vê tanto sucesso em tão pouco tempo, às vezes pode não perceber a distância percorrida até se chegar no objetivo e, no caso de Silvana, os desafios foram e são enormes e olha que o maior deles nem são os 392 km que separam ela entre João Pessoa e sua terra natal. Do começo em São Bento à vaga nas Paralimpíadas de Tóquio, mesmo em um espaço de pouco mais de cinco anos, muita coisa aconteceu na vida de Silvana antes dela se firmar como um dos principais talentos do paradesporto no país.

Segundo ela, são barreiras, muitas vezes invisíveis, como o machismo, que criam desafios extras e que não deveriam existir. Porém, com a sabedoria de quem parece ter muito mais experiência do que a idade lhe compete, ela vai, entre chutes e socos dentro do tatame e passadas largas fora dele, ultrapassando cada desafio e transformando a si em um exemplo de superação e vitórias, dia após dia, como mulher guerreira.

“Passei por algumas situações de machismo, onde, por exemplo, falaram que eu perderia minha feminilidade quando fui fazer a transição do paratletismo para me tornar uma lutadora no parataekwondo. Além disso, a falta de investimento em nós mulheres em relação aos homens, mesmo dentro do paradesporto, é uma realidade. Hoje, venho notando mudanças, pois percebo que estamos caminhando para uma sociedade menos machista, mas ainda falta muito. Em muitos casos, nem mesmo as famílias apoiam, pois existe a superproteção e o preconceito por ser mulher e por ter limitações físicas. Mesmo assim, vamos vencendo essas barreiras e mostrando que sim, podemos ser quem queremos ser e que o esporte é um lugar para nós”, afirmou Silvana Fernandes.

Foto: CFB/Divulgação



Silvana praticava lançamento de dardo, mas trocou pelo taekwondo para brigar por vaga nas Paralimpíadas, onde vem se destacando, e já está confirmada nos Jogos de Tóquio



Silvana Fernandes no lugar mais alto do pódio em Lima, no Peru, onde obteve o ouro na disputa do parataekwondo, exibindo a bandeira brasileira com muito orgulho



Fotos: CFB/Divulgação

Última vitória do Campinense diante do Bahia foi em 1962

Raposa precisa quebrar um tabu de 59 anos para garantir mais R\$ 650 mil na conta na segunda fase da Copa do Brasil

Iago Sarinho
iagosarinho@gmail.com

O Campinense entrará em campo para sua primeira partida oficial em 2021 na próxima terça-feira (9), se não houver nenhum contra-tempo, quando enfrentará, pela Copa do Brasil, no Estádio Amigão às 21h30, a equipe do Bahia, adversário que a Raposa não vence desde 1962. Essa será a 11ª participação da equipe de Campina Grande na competição nacional e a terceira vez que o Rubro-Negro enfrentará o tricolor baiano pela disputa, dessa vez valendo a classificação para a segunda fase e um bônus de cerca de R\$ 650 mil para a equipe paraibana em caso de vitória.

Como joga em casa, o Campinense precisará buscar a vitória, algo que, na história do confronto que conta com 14 partidas já realizadas, só ocorreu em duas ocasiões, na primeira vez que se enfrentaram, um amistoso em 1959, onde a Raposa goleou por 4 a 1 - nesse ano, o Rubro-Negro iniciava suas atividades no futebol para estreiar no Campeonato Estadual com título em 1960 - e depois em 1962, quando a equipe paraibana bateu o time soteropolitano por 2 a 0 pela extinta Taça Brasil no dia 8 de novembro daquele ano.

Desde então, os times se enfrentaram mais 10 vezes, com cinco vitórias baianas e cinco empates sem que o Campinense obtivesse nenhum novo êxito. Ao todo, no confronto entre as duas equipes nordestinas, são sete vitórias do Bahia, cinco empates e duas vitórias da Raposa de Campina Grande

Jogadores disputam intensamente os coletivos na ânsia de garantir uma posição no time titular para o jogo previsto para o próximo dia 9



Foto: Instagram/Campinense

que agora precisará reverter o retrospecto negativo e derubar um tabu que já dura 59 anos para poder tentar a classificação para a próxima fase da competição.

O último confronto entre as duas equipes ocorreu em 2015, pela Copa do Nordeste, ano em que o Campinense enfrentou o Bahia quatro vezes por essa mesma competição já que os times estiveram juntos na fase de grupo - ambos avançaram na disputa

com a equipe baiana se classificando em primeiro lugar e o time paraibano em segundo no Grupo E - e depois se enfrentaram nas quartas de final com o tricolor avançando após um empate em 0 a 0 e uma vitória por 1 a 0 no último embate entre ambos até o confronto da próxima terça-feira ser iniciado pela Copa do Brasil.

Jogando a competição tida como a mais democrática do país - por garantir

vagas para clubes de todos os estados brasileiros - nas outras duas oportunidades em que Campinense e Bahia se enfrentaram pela Copa do Brasil, no ano de 1992, as equipes empataram por 1 a 1 em Campina Grande e 0 a 0 na partida da volta em Salvador, resultado que classificou o Bahia. Dessa vez, novamente um empate já será suficiente para que o time baiano avance de fase, enquanto que só a vitória interessa

ao Rubro-Negro paraibano.

Vivendo momentos de muita dificuldade financeira, uma classificação para a segunda fase da Copa do Brasil pode significar recursos fundamentais para que o time possa começar a sanar suas pendências e assim abrir um horizonte mais positivo para o ano. No entanto, o desafio é enorme pelo adversário e pelo retrospecto contra ele, mas também por conta do histórico do pró-

prio clube nessa competição.

Na sua história dentro da Copa do Brasil, o Campinense só avançou, em suas 10 participações anteriores, uma única vez de fase, quando bateu, em 2013, o Sampaio Corrêa-MA. Depois do avanço contra o time maranhense, a Raposa acabou sendo eliminada pelo Flamengo-RJ e, com isso, ficou com a 45ª colocação naquela edição da disputa e essa é a sua melhor campanha até hoje.

+ Clubes paraibanos vão receber R\$ 560 mil na primeira fase da Copa do Brasil e o campeão pode chegar a R\$ 73,6 mi

Ivo Marques
ivo_esportes@yahoo.com.br

Começa na próxima terça-feira, a Copa do Brasil 2021, o torneio de futebol mais democrático do país, porque atinge clubes de todas as regiões do país e de todas as divisões, e também o que paga a maior premiação. Este ano, o campeão pode ganhar até R\$73,6 milhões. A grana este ano será distribuída da seguinte forma: os clubes do grupo 1 serão os 15 primeiros colocados do Ranking Nacional de Clubes. Esses times receberão na primeira fase R\$1.150.000,00. Os do grupo 2, formado pelos clubes que pertencem à Série A do Brasileirão, e que não estejam entre os 15 melhores do RNC, ganharão na primeira fase R\$990.000,00. E os do grupo 3, composto pelo restante dos clubes, vão receber R\$560.000,00 pela participação na primeira fase, que terá 80 equipes.

Na segunda fase, com 40 clubes, os integrantes do grupo 1 receberão R\$1.350.000,00. Para o grupo 2, a premiação será de R\$1070.000,00 e para

o grupo 3, R\$675.000,00. A partir da terceira fase, a premiação será igual para os clubes de todos os grupos, no valor de R\$1,7 milhão.

Os 16 clubes que chegarem às oitavas de final receberão o valor de R\$ 2,7 milhões. Nas quartas de final, os 8 clubes ganharão R\$3,45 milhões. Os semifinalistas receberão R\$7,3 milhões. O vice-campeão receberá R\$23 milhões e o campeão R\$56 milhões.

Os representantes da Paraíba, Treze e Campinense, estão no grupo 3, portanto, receberão R\$560.000,00 pela participação na primeira fase. Para chegar à segunda fase, eles terão de eliminar o América-MG e o Bahia respectivamente. O primeiro a estreiar será a Raposa, na próxima terça-feira, às 21h30, no Amigão. Já o Galo só começará a participação na copa no dia 18, às 16h, também no Amigão. A quantia recebida por cada clube só será igual a partir da terceira etapa do torneio. A Copa do Brasil 2021 começa no dia 9 de março. A final está prevista para o dia 27 de outubro.



Foto: Ricardo Duarte/Internacional

O Internacional por estar na Libertadores deste ano só vai entrar na disputa em sua terceira fase com uma cota de R\$ 1,7 milhão

Tite Absoluto em Eliminatórias

Técnico da Seleção Brasileira está invicto em suas últimas 21 partidas eliminatórias da Copa do Mundo da FIFA, vencendo 16 delas

“Sobreviver muito em um país que tem 200 milhões de treinadores da Seleção é impossível”, resumiu Luiz Felipe Scolari sobre o que muitos consideram o trabalho mais exigente do futebol.

Sobreviver sob o escrutínio abrasador dos gulosos fãs brasileiros é, de fato, semelhante a sobreviver no deserto de Lut, lugar mais quente da terra, onde a temperatura chega a 70 graus. Vencer, para

os brasileiros, simplesmente não é suficiente. Você precisa vencer com uma arrogância incomensurável.

Mario Zagallo foi o oitavo técnico da Seleção nos cinco anos que antecederam o México em 1970. Carlos Alberto Parreira foi a quarta nomeação em pouco mais de um ano, em 1991. Scolari tornou-se a quarta em nove meses, dez anos depois. Apenas um homem na história - Flavio Costa, que esteve no

comando entre 1944 e 1950 - passou mais de cinco anos dirigindo a seleção canarinho.

Um homem que não está apenas sobrevivendo, mas também prosperando com o proverbial cálice envenenado deve dobrar essa estatística. Tite venceu 38 e perdeu apenas quatro de 52 partidas. Ele está invicto em suas últimas 21 eliminatórias da Copa do Mundo da FIFA, vencendo 16 delas.

O técnico de 59 anos idealizou o melhor começo de todos os tempos do Brasil nas eliminatórias para a Copa do Mundo, eclipsando os números que Junior, Sócrates, Zico e Cia definiram em 1981. E, fundamentalmente, em uma terra onde, para muitos, o futebol-arte é tão importante como três pontos, ele está mantendo o insaciável saciado.

Tite tirou um tempo de sua

agenda agitada - ele assiste e analisa partidas com a regularidade que outros brasileiros bebem café - para conversar com o FIFA.com sobre os confrontos que estão por vir com Colômbia e Argentina, Diego Maradona, Neymar, Philippe Coutinho e Alisson, sua admiração pela Itália de Roberto Mancini e Kevin De Bruyne, e por que ele tirou um ano do treinamento para estudar o belo jogo.

A entrevista

Tite, quatro jogos, 12 pontos, 12 gols a favor, dois contra. Como você avalia o início do Brasil nas eliminatórias para a Copa do Mundo?

Cada jogo, cada fase tem sua própria história. Temos que olhar para o quadro geral. A pandemia tirou algo de nós, afetou a qualidade do futebol. A grosso modo, a qualidade que mostramos em três dos jogos superou minhas expectativas e contra a Venezuela lutamos muito. É um processo de crescimento. Os pontos refletem o desempenho da equipe, e o nosso total me impressiona.

Agora você enfrentará Colômbia e Argentina, que estão invictos desde a derrota para o Brasil na Copa América e que contam com talentos como Dybala, Correa, Messi, Martinez e Aguero...

São dois jogos muito importantes. A competição de qualificação é muito equilibrada. Os dois jogos contra a Colômbia nas últimas eliminatórias foram, tecnicamente, os dois melhores jogos que disputamos. Ambas as equipes buscaram atacar, buscaram criar, criaram problemas para os adversários. Eles eram jogos muito equilibrados. Os dois jogos foram muito difíceis para nós. Os clássicos tradicionais - Brasil-Argentina, Brasil-Uruguai - têm um elemento histórico muito forte. E a Argentina tem ótimos indivíduos. Para mim, Brasil contra Argentina, além de ser uma eliminatória da Copa do Mundo, é outra competição em si.

Falando da Argentina, Diego Maradona infelizmente faleceu recentemente. O que você achou dele?

Deixe-me usar o relato do Careca, com quem tenho um bom relacionamento. A habilidade técnica de Maradona, a capacidade de improvisar, a criatividade... Careca sempre teve que se manter extremamente atento apenas para superar a ‘dificuldade’ e acompanhar um joga-

dor tão excepcional. Em campo, Maradona foi extraordinário.

Por falar em grandes jogadores, o que você acha do Neymar?

O Neymar amadureceu muito. Antes, quando ele estava no Barcelona e nos meus primeiros dias na Seleção, ele era um jogador que ia para a ala, fazia gols, tinha ritmo, driblava, fazia jogadas individuais. Agora ele ampliou a área em que atua e, além de artilheiro, cria jogadas para os demais. Ele agora é o que chamamos de ‘arco e flecha’ - ele pode armar e terminar as coisas. Ele aumentou seu arsenal.

Qual a importância de Philippe Coutinho para a Seleção?

Desde que assumi, a Seleção passou por fases. A fase mais memorável foi nas eliminatórias para a Copa do Mundo de 2018. Foi a melhor versão da Seleção. Criamos muitas chances, marcamos muitos gols, sofremos poucos, fomos consistentes. E tocamos de uma maneira muito bonita. O Coutinho, nessas eliminatórias, era o que chamo de ‘float externo’. Primeiro ele estava com a direita, dada a liberdade de criar. Depois, quando o Renato [Augusto] se lesionou, jogou no centro numa função um pouco parecida com a que jogou no Liverpool. Ele também era bom lá. Ele passou por altos e baixos, mas é um grande jogador e está em grande forma.

Você acha que o Alisson é o melhor goleiro do mundo?

Acho que ser e ser naquele momento são duas coisas diferentes. Ele está entre os três melhores do mundo? Não tenho absolutamente nenhuma dúvida, 100 por cento de convicção. Para dizer que ele é

o melhor, eu realmente teria que olhar de perto todos os goleiros para comparar. Mas acho que no ano passado ele foi o melhor. Ele era melhor do que Neuer? sim. Melhor do que Ter Stegen? sim. Melhor do que Oblak? sim.

Além do Brasil, quem você acha que é o melhor lado do mundo neste momento?

É difícil dizer. Depois da pandemia, não houve muitas oportunidades para as equipes mostrarem o que podem fazer. Brasil, Argentina, Colômbia tiveram muito poucas chances. Os europeus jogaram oito vezes, quatro a mais do que nós. A Itália voltou a jogar, para mim, um futebol muito mais bonito de assistir. Mancini fez um ótimo trabalho. Ele instalou uma escola de futebol como Arrigo Sacchi. Acho que eles têm um equilíbrio maior entre o jogo defensivo - caracteristicamente, historicamente pelo que são conhecidos - e o jogo ofensivo. A Bélgica ainda tem essa grande geração. É uma grande equipe, tem um grande talento individual e é um dos jogadores mais talentosos do mundo em De Bruyne. A França também é muito forte.

Quem você acha que são os três melhores jogadores do mundo hoje?

Eu diria que os três em que votei (O Melhor Jogador Masculino da FIFA). Neymar primeiro, Lewandowski segundo, De Bruyne terceiro. Antes de se machucar, Neymar estava, mesmo para seus próprios padrões, em uma forma fantástica. Lewandowski é um avançado incrível. De Bruyne é capaz de fazer coisas que outros não podem. Sua improvisação, sua determinação. Adoro vê-lo jogar.

“São dois jogos muito importantes. Os dois jogos contra a Colômbia nas últimas eliminatórias foram, tecnicamente, os dois melhores jogos que disputamos.”

Você pode explicar sua decisão no final de 2013 de dar uma pausa no treinamento por um ano, viajar pelo mundo e estudar futebol?

Sempre estudei futebol e quis ampliar meus conhecimentos, minhas ideias. Quando saí do Corinthians, foi a oportunidade perfeita para estudar em primeira mão outros treinadores e times. Ganhei tudo que pude no nível de clube - o Campeonato Brasileiro, a Libertadores, a Copa do Mundo de Clubes, onde vencemos o Chelsea. Achei que o próximo passo seria a Seleção e eu queria me aprimorar como treinador o melhor que pudesse. Li livros sobre Simeone, Guardiola. Estudei o que Bianchi conseguiu no Boca Juniors e o Cruyff conquistou no Barcelona. O futebol é diferente em todo o mundo, cada lugar tem coisas diferentes que você pode aprender. Fui me encontrar com Bianchi e ouvir suas ideias, que eram muito perspicazes. Passei um tempo no Arsenal. Passei um tempo com Ancelotti no Real Madrid. Estudei o Manchester City, o campeão inglês, o Bayern de Munique, o campeão alemão. Procurei aprender tudo - os bastidores, o treinamento, as táticas e o que acontece em campo. Tudo. Assisti a todas as partidas da Copa do Mundo de 2014, fiz anotações, quebrei. Esse período foi muito importante para minha carreira.

Com qual treinador você mais aprendeu?

Ancelotti. A forma como Simeone organiza suas equipes é notável. Guardiola, suas táticas ofensivas, capacidade de dividir as equipes são realmente impressionantes. Bianchi tem uma capacidade incrível de tirar o melhor proveito de seus jogadores em grandes finais. Algumas das ideias táticas de Cruyff eram fantásticas. Mas sem dúvida foi o que mais aprendi com Ancelotti. Ele vê o jogo de uma forma diferente e única.



No primeiro jogo disputado em Porto Alegre, domingo passado, o Palmeiras fez 1 a 0 e está na vantagem contra o Grêmio pelo título



Decisão da Copa do Brasil 2020



R\$ 54 milhões para o campeão

Palmeiras joga hoje pelo empate para chegar ao quarto título e Grêmio tenta se igualar ao recordista Cruzeiro

Além do lindo troféu, o campeão da Copa do Brasil de 2020, o torneio mais democrático do futebol brasileiro por reunir clubes de norte a sul, vai receber um prêmio excelente para ajustar as finanças: R\$ 54 milhões. O último jogo da Copa do Brasil será disputado neste domingo, a partir das 18 horas, no Allianz Parque, em São Paulo, jogo que marca o encerramento da temporada do futebol brasileiro de 2020. Como venceu o primeiro jogo por 1 a 0, o Palmeiras necessita de um empate para ser campeão. Se o Grêmio vencer por diferença superior a dois gols leva o título, mas se for somente um de diferença, a decisão será nos pênaltis.

Palmeiras ou Grêmio vão receber hoje um pouco menos dessa quantia, isto porque a Confederação Brasileira de Futebol já adiantou aos preliantes R\$ 22 milhões, cada, valor que corresponde ao vice. Assim quem perder o duelo não recebe mais nada. Já quem ficar com a taça mais R\$ 32 milhões.

No Grêmio, o clube já definiu a premiação que será distribuída entre jogadores e membros da comissão técnica em caso de título: R\$ 27 milhões ou metade da receita. O Palmeiras não informou oficialmente como será o rateio.

No retrospecto dos mata-matas com a primeira partida da final inclusa, são contabilizados 23 jogos, em confrontos, 10 vitórias do Palmeiras, 8 vitórias do Grêmio e 4 empates; com 34 gols do Palmeiras e 30 gols do Grêmio; sendo 4 classificações do Palmeiras x 6 classificações do Grêmio. As duas equipes nunca decidiram o título da competição.

Embora o retrospecto geral contra a equipe gaúcha seja favorável ao Verdão, o time jamais bateu o Grêmio no Allianz Parque. Toda-

via, com a vitória palmeirense por 1×0, na partida de ida, na Arena do Grêmio, basta um empate para o Alviverde se consagrar como tetracampeão. O time gaúcho busca a sexta conquista para se igualar ao Cruzeiro, maior vencedor da Copa do Brasil.

Além de marcar a força das duas equipes no cenário nacional, nos últimos anos, - com títulos de Copa do Brasil, Libertadores e Brasileirão - o duelo simboliza também o desfecho da rivalidade entre as equipes em torneios de mata-mata nesta década, semelhante ao acontecido nos anos 1990.

O primeiro confronto em copas ocorreu logo no início do decênio, em 2012, pelas semifinais da Copa do Brasil daquele ano. O Verdão ganhou, na ida, no Estádio Olímpico, por 2×0 e empatou, na volta, em 1×1, na Arena Barueri, despachando assim o rival gaúcho e avançando à final, na qual seria campeão sobre o Coritiba.

Quatro anos depois, em 2016, os times voltaram a se encontrar pela mesma competição, dessa vez, nas quartas de final, porém, mudando o time vencedor. O Grêmio bateu o Palmeiras por 2×1, no primeiro jogo, já na sua nova arena, e conseguiu buscar um empate em 1×1, no jogo seguinte, no Allianz Parque. Após a classificação, o tricolor passaria, respectivamente, por Cruzeiro e Atlético-MG para sagrar-se campeão daquela edição.

O penúltimo duelo da década foi disputado por outra competição, os clubes decidiram as quartas de final da Libertadores de 2019, novamente, com vantagem gremista. Apesar da vitória fora de casa do Palmeiras, na ida, por 1×0, e do gol de Luiz Adriano para abrir o placar no Pacaembu, na volta, o Imortal virou o jogo e, com

2×1 no marcador, classificou-se pela regra do gol fora. Na sequência, o time gaúcho seria eliminado pelo, futuro campeão, Flamengo.

Anos 90

A rivalidade entre os times em mata-matas não é novidade e evoca a memória de emblemáticos duelos travados na década de 1990, época gloriosa para ambos os clubes.

A começar por outra disputa de quarta de finais da Libertadores, em 1995, quando o Palmeiras ficou a um gol de reverter um 5×0 sofrido no jogo da ida. Entretanto, a goleada por 5×1 não foi suficiente para eliminar o Grêmio, que acabou ficando com vaga e, posteriormente, com o título da competição.

No ano seguinte, 1996, mais

duas decisões, contudo em campeonatos nacionais: semifinais da Copa do Brasil e quartas de final do Campeonato Brasileiro. Na Copa, o Alviverde venceu a partida de ida por 3×1 e, mesmo perdendo, na volta, por 2×1, garantiu a classificação à decisão, na qual seria derrotado pelo Cruzeiro.

Pelo Brasileiro, o troco gremista veio após uma vitória do Tricolor Gaúcho por 3×1, no Sul, e uma derrota por apenas 1×0, em São Paulo. Outra vez, o time seria campeão depois de eliminar o Verdão.

Na Copa do Brasil de 2020 as campanhas de Palmeiras e Grêmio são semelhantes, embora o time paulista se mantenha invicto. As duas equipes só entraram na disputa a partir das oitavas de final por es-

tarem disputando a Copa Libertadores. Nesta fase, o Palmeiras não encontrou dificuldades para superar o Bragantino com duas vitórias - 3 a 1 fora de casa e 1 a 0 no Allianz Parque, já o Grêmio venceu o Juventude por 1 a 0 nos dois jogos. Nas quartas de final, o Verdão encarou o Ceará com vitória fácil em casa por 3 a 0 e empate em Fortaleza em 2 a 2. O Grêmio confirmou mais duas vitórias com 2 a 1 diante do Cuiabá no Mato Grosso e 2 a 0 em Porto Alegre. Nas semifinais, o Palmeiras levou um susto ao empatar de 1 a 1, em casa, contra o América Mineiro, mas na casa do adversário venceu sem sustos por 2 a 0 e o Grêmio encontrou mais complicações diante do São Paulo. Venceu em casa por 1 a 0 e segurou um zero a zero na capital paulista.

Foto: Lucas Figueiredo/CBF



No retrospecto dos mata-matas, já são contabilizadas 23 partidas, com 10 vitórias do Palmeiras, oito do Grêmio e, ainda, quatro empates



Caminhos masculinos de João Pessoa

Nomes de ruas contam a história da nossa sociedade e reproduzem a exclusão da mulher nas políticas públicas

Lucilene Meireles
lucilenemeireles@epc.pb.gov.br

As principais ruas de João Pessoa têm nomes de homens – Eptácio Pessoa, Ruy Carneiro, Visconde de Pelotas, Duque de Caxias, Padre Azevedo, Getúlio Vargas - e há poucas vias que homenageiam mulheres em suas nomenclaturas, entre elas, Josefa Taveira, principal do bairro de Mangabeira, e Júlia Freire, importante artéria no bairro da Torre. As propostas protocoladas pelos vereadores na Câmara Municipal priorizam ‘eles’. Em 2020, das 38 proposições para nomes de ruas na capital, apenas 11 apontavam nomes de mulheres. Destas, sete se tornaram lei, três foram arquivadas e uma ainda está em tramitação, a que propõe o nome da militante transexual Fernanda Benvenutty para uma via no bairro de Gramame.

De acordo com a historiadora Amana Martins Fagundes, a explicação existe e vem de longe. Ela destacou que, antes da República, a cidadania era exercida apenas do gênero masculino. “A mulher era tutelada pelo pai ou marido, tinha um papel definido na sociedade, sendo encarregada das tarefas do lar e da constituição da família e seus valores. Portanto, no espaço público a mulher não tinha outra forma de se emancipar ou ganhar notoriedade que não fosse como membro da família”, comentou.

Com a modernização do Brasil, principalmente a partir da década de 1930, as mulheres começaram a ganhar protagonismo na cena política, social e cultural e, portanto, importância suficiente para ser nome de rua. Segundo a historiadora, a partir de então, elas passaram a se organizar como trabalhadoras, escrever poesias na imprensa e a atuar nos movimentos sociais políticos, lutando pelo direito ao voto e atuação efetiva na sociedade. “O direito de votar e ser votada foi conquistado pelas mulheres somente em 1932 e, com isso, muitas oportunidades foram abertas. Mas o processo de conquista de direitos iguais continua, como, por exemplo, o de representatividade de gênero nas ruas e monumentos”, observou.

Um das personagens importantes historicamente na capital e que não recebeu essa homenagem é Anayde Beiriz. “Ela foi professora e poetisa no final da década de 20. Devido ao

relacionamento amoroso com o jornalista João Dantas e a rivalidade deste com o político João Pessoa, ligou-se diretamente à revolução de 30 numa sucessão de acontecimentos que afetou tanto a Paraíba como teve repercussão em todo o país. Infelizmente, Anayde Beiriz ainda não é nome de rua em João Pessoa”, lamentou. Na cidade, há uma escola municipal com o nome de Anayde Beiriz, no Bairro das Indústrias.

Além de não serem representadas em nomes de ruas, as mulheres não são homenageadas em bustos ou esculturas. “Lembro-me apenas de alguns murais que se desgastaram com o tempo ou cuja pintura fora removida pouco após a data comemorativa”, constatou Amana Fagundes. Para ela, a representatividade de nomes de mulheres poderia contribuir com uma sociedade mais igualitária. Porém, a pouca quantidade de mulheres lembradas por meio de monumentos, nomes de ruas, escolas e espaços públicos faz com que a trajetória das mulheres como participantes da sociedade seja diminuída.

A historiadora acrescentou que os lugares de memória são importantes para que aquilo que se mostra seja lembrado e discutido em espaços comuns, para que tome sua importância ou até mesmo que se resignifique, no contato com os membros da sociedade, em variadas temporalidades. “A ampliação da representatividade de gênero, além de dar visibilidade a mulheres protagonistas, incentivaria outras mulheres a querer ter voz ativa dentro da sociedade”, afirmou.

“...lugares de memória são importantes para que aquilo que se mostra seja lembrado e discutido em espaços comuns”

Sociedade marcada pelo sexismo

Dar prioridade aos nomes masculinos para nomear as ruas da cidade é uma realidade que mostra a pouca visibilidade conferida às personagens do sexo feminino. Na análise da historiadora Rayssa Carvalho, a sociedade é marcada, historicamente, pelo sexismo e pelo machismo. Isso, segundo ela, reflete na escolha das nomenclaturas das ruas, uma vez que as ruas registradas com o nome de pessoas são homenagens a figuras consideradas por seu destaque e contribuição política, social e cultural.

“Ocorre que existem muitas mulheres de destaque que deveriam ser homenageadas, seja em vida ou após a morte. Mas o sexismo, que ainda determina fortemente as relações sociais, acaba por hierarquizar homens e mulheres, priorizando e considerando mais as contribuições masculinas e relegando ao esquecimento as mulheres e os papéis desempenhados por estas”, atentou.

Para ela, mulheres representadas em nomes de vias públicas seria uma forma de contribuir de forma efetiva para o reconhecimento e visibilização da contribuição feminina na sociedade de modo geral. “Primeiro, porque temos, na história e no tempo presente, muitas mulheres que merecem tal homenagem. Segundo, para a ruptura com as posturas sexistas que hierarquizam e majoram a contribuição dos homens em detrimento das mulheres. Sendo assim, a representatividade de mulheres figurando nos nomes das ruas traria um impacto real na busca por uma sociedade igualitária e justa”, refletiu.

Exceções

A Rua Princesa Isabel, no Centro da cidade, é uma das vias que prestam essa homenagem. Chegou a ter o nome modificado no trecho entre as Ruas Monsenhor Walfredo Leal e Getúlio Vargas, passando a se chamar Avenida Doutor Leonardo Lívio Ângelo Paulino (Lei nº 13.154, de

30 de dezembro de 2015), iniciativa que acabou sendo revogada em fevereiro de 2017 por determinação da 2ª Promotoria do meio Ambiente e Patrimônio Social da Capital, por compor área tombada do Centro Histórico.

“Outras vias pessoenses têm nomes de professoras. Acredito que isso se deva principalmente à influência dessas mulheres como um grupo organizado na conquista do voto feminino ou quando estas se envolviam em algumas causas em prol da igualdade social”, avaliou a historiadora Amana Fagundes. No bairro Bancários, a Rua Margarida Maria Alves homenageia a personagem nascida em Alagoa Grande e que se tornou a primeira mulher a presidir um sindicato de trabalhadores rurais no Brasil, na década de 70, em plena ditadura. “A militante tentou assegurar a educação e os direitos formais dos trabalhadores do campo, como carteira de trabalho, 13º salário, jornada de trabalho de oito horas e férias. Seu nome e sua história de luta inspiraram, em 2000, a criação da Marcha das Margaridas, em defesa das mulheres do campo”, destacou Amana Fagundes. Margarida foi assassinada em 12 de agosto de 1983 por um matador de aluguel, na frente de sua casa e na presença do filho que, na época, tinha oito anos.

A psicóloga e poetisa Violeta Formiga, que teve grande atuação nas letras paraibanas, também tem seu nome lembrado em uma rua do bairro Aero Clube e em uma escola municipal no bairro de Mandacaru. Seus poemas curtos e com versos simples destacam aspectos da vida cotidiana. Foi vítima de feminicídio pelo próprio marido em 1982. Outro nome lembrado pela historiadora foi o da professora e jornalista Analice Caldas, que dá nome a uma via no bairro Varadouro. Ela contribuiu em A União, A Imprensa e O Jornal do Comércio. [Contamos mais sobre a história da jornalista Analice Caldas nas páginas 26 e 27 desta edição]

MARGARIDA MARIA ALVES
■ No Bancários, homenageia a primeira mulher a presidir um sindicato de trabalhadores rurais

JOSEFA TAVEIRA
■ No maior bairro da capital paraibana, a principal avenida atravessa toda extensão de Mangabeira

PRINCESA ISABEL
■ Teve nome mudado recentemente e vereadores arrependem-se da decisão que colocaria outro nome de homem

VIOLETA FORMIGA
■ Poetisa teve grande atuação nas letras da Paraíba e dá nome à rua no bairro Aero Clube e escola em Mandacaru



Foto: Evandro Pereira

Josefa Taveira dá nome à principal rua (foto) do maior bairro de João Pessoa, mas ainda é uma exceção. Dos 38 projetos de “batismo” de ruas de 2020, apenas 11 eram de nomes de mulheres

Analice Caldas de Barros

Direito das mulheres na "Página Feminina"

Hilton Gouvêa
hiltongouvearaujo@gmail.com

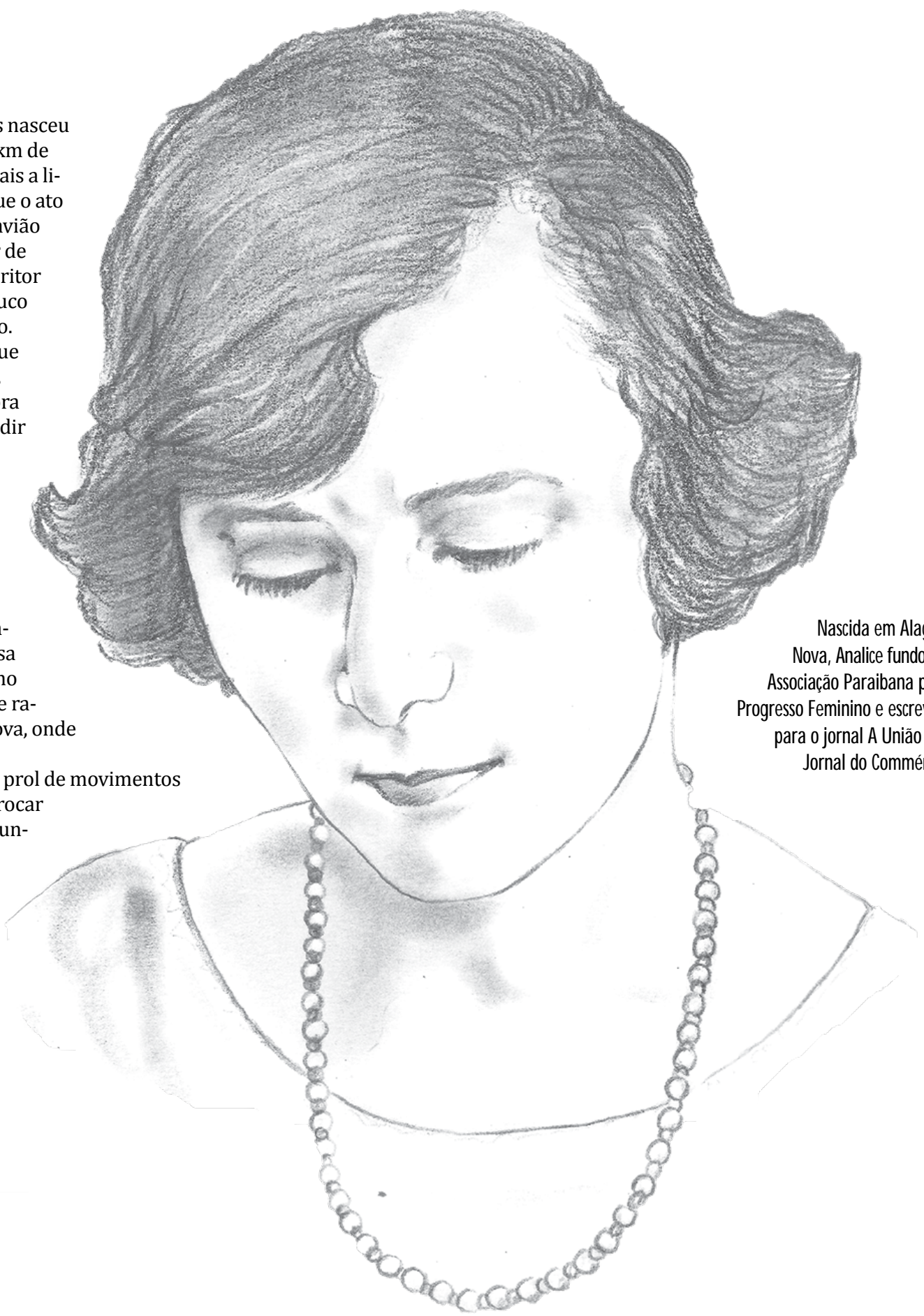
A jornalista, escritora, taquígrafa e professora Analice Caldas de Barros nasceu no dia 30 de agosto de 1891, em Alagoa Nova, no Brejo paraibano, a 158,6 km de João Pessoa. De caráter reto, enérgico e empreendedor, valorizava muito mais a liberdade, o direito da mulher, o ar puro e as palavras certas e sinceras, do que o ato de um beijo apaixonado. Morreu solteira, em 1945, aos 54 anos, quando o avião em que viajava, da Companhia Aérea NAB, caiu em Lagoa Santa, no interior de Minas Gerais. Em certo período de sua vida revelou-se apaixonada pelo escritor e jornalista Raul Campelo, do qual foi noiva. Em uma atuação pioneira e pouco percebida à época, fundou a Associação Paraibana pelo Progresso Feminino.

Ela escreveu artigos em jornais, revistas e catálogos, numa época em que a presença da mulher na imprensa não era bem vista, ou até ridicularizada. Juntamente com suas amigas determinadas - entre elas a aplicada professora e jornalista Olivina Olívia Carneiro da Cunha -, usava a imprensa para difundir ideias femininas consideradas revolucionárias, entre o final do século XIX e início do século XX, por transmitirem mensagens estratégicas em prol da mulher. Entre as pautas estavam estabilidade no emprego, direito ao voto e autovalorização das mulheres.

Pelas páginas de A União, Jornal do Comércio e outros veículos de comunicação impressa, foi uma das responsáveis pela "Campanha dos Mil Réis", proclamando os paraibanos a contribuir com dinheiro para que o governo de João Pessoa adquirisse armas, veículos e munição, a fim de combater os revoltosos de Princesa Isabel. Levou para a escola e para a imprensa as observações feitas ainda criança, no Engenho Horta, onde seu avô paterno Mileno Paulino Correia, militante do Partido Liberal, fabricava aguardente e rapadura. Paulino foi o latifundiário que mais possuiu escravos em Alagoa Nova, onde Analice passou sua infância.

Na sua vida dinâmica de jornalista, taquígrafa, professora e ativista em prol de movimentos que pregassem o direito da mulher, Analice ainda encontrava tempo para trocar ideias com Diógenes Caldas, seu primo, agrônomo reconhecido. Diógenes fundou o jornal "Voz da Mocidade", escreveu em A União, e publicou monografias sobre diversos municípios paraibanos, além de fundar a revista mensal "Paraíba Agrícola."

Numa fala intitulada "Jubileu", transcrita pelo jornal "Aprendiz" - criado para comemorar os 25 anos de fundação da Escola de Aprendizizes Artífices da Paraíba -, Analice falou da importância do ensino profissional para o desenvolvimento do Brasil. Isto aconteceu em 23 de março de 1934. Ela ressaltou "ser extremamente necessária esta orientação profissional emanada deste órgão de ensino, para os jovens de países pobres, que carecem de pequenas indústrias mas não possuem recursos monetários para a expansão de suas possibilidades econômicas".



Nascida em Alagoa Nova, Analice fundou a Associação Paraibana pelo Progresso Feminino e escreveu para o jornal A União e o Jornal do Comércio

Foto: Tônio

Contribuiu com a Era Nova e com o desenvolvimento feminino

Analice passou a contribuir com a revista Era Nova em 1927, orientada pelos jornalistas Sinésio Guimarães, Severino Lucena e Paulo Vidal. Chegou a entrevistar, na sua coluna "De Mile", Rodrigues de Carvalho, Carlos Dias Fernandes - o homem que modernizou, na época, a linguagem jornalística de A União e se tornou inimigo de João Pessoa -, Alice de Azevedo, João Avelino da Trindade, Diógenes Caldas, João da Matta - advogado que se tornou conhecido por ter sido sócio de João Dantas, o assassino de João Pessoa -, Correia Lima e outros personagens de renome,

nas áreas do Direito e Jornalismo. Segundo afirma um de seus biógrafos, o monsenhor Eurivaldo Tavares, "Analice arrancava dos entrevistados, verdadeiras confidências, como assuntos sobre o amor, religião, literatura, sociedade, a vida e a morte". O objetivo da revista, de acordo com Tavares, era contribuir para o desenvolvimento literário feminino. Sua coluna na "Era Nova" foi batizada "Página Feminina". Paralelamente ao ato de contribuir com artigos pró-femininos para revistas jornais e entidades públicas que se interessassem pela valorização da

mulher e de seu nível cultural, Analice ainda encontrava tempo para outras atividades profissionais. Aos 18 anos (1909), ingressou na Escola Normal, em João Pessoa. Concluiu o seu curso de normalista em 1911, aos 20 anos de idade. Sua primeira experiência foi a de ensinar às crianças residentes no Campo Agrícola Experimental de Cruz do Espírito Santo, situada a 28 km de João Pessoa. Obteve aprovação no concurso realizado pelo Liceu Paraibano, onde lecionou português. Foi taquígrafa da Assembleia Legislativa da Paraíba. Ensinou na

Academia de Comércio Epitácio Pessoa, no período 1930/40.

Ao lado de Olivina Olívia Carneiro da Cunha, após completar 42 anos, fundou a APPF - Associação Paraibana pelo Progresso Feminino. No ato inaugural da entidade, difundiu, entre as associadas e cofundadoras, o objetivo de defender a elevação do nível da instrução feminina, proteger as mães e a infância, além de obter garantias para o trabalho da mulher e assegurar seus direitos políticos, sociais e profissionais. Assim informa o Monsenhor Eurivaldo Tavares, no livro "Duas Vidas a Serviço da Paraíba: Diógenes e Analice Caldas", lançado em 1976.

A Associação Paraibana pelo Progresso Feminino alcançou exemplar atuação em prol da mulher, no decênio 1930/40. Funcionava no Auditório da Escola Normal, atualmente o Palácio da Justiça, na Praça João Pessoa, no Centro da capital. Mas Analice deixou, apesar do nome não tão reconhecido, um legado que certamente influenciou as mulheres do seu tempo e das gerações futuras.

Revista marcou as primeiras décadas do século passado e tinha como um dos objetivos contribuir para o desenvolvimento literário feminino



Angélica Lúcio



angelicallucio@gmail.com

De volta à ética, um eterno e necessário retorno

Outro dia, meu marido ligou o rádio e comecei a ouvir as declarações de um jornalista conhecido. De imediato, deu vontade de tapar os ouvidos. Minha ojeriza àquela figura chegou a tal ponto que apenas ouvir sua voz já me causava mal-estar, uma sensação total de desconforto.

Esse é o mesmo sentimento que tenho ao ver colegas e pseudojornalistas compartilhando notícias falsas em aplicativos de mensagens. Não têm a menor cerimônia em levar ao público fatos incompletos, fora de contexto ou inventados mesmo.

Em defesa dos que não são jornalistas de verdade (e se multiplicaram após a decisão do Supremo Tribunal Federal que pôs fim à exigência do diploma para o exercício do jornalismo), alguns podem argumentar que tais comunicadores nunca tiveram acesso ao estudo das teorias, tão essenciais, sim, à formação do pensamento crítico.

Como bem colocado por Ciro Marcondes Filho, "nenhum bom jornalista irá se firmar profissionalmente se não

tiver uma boa cabeça, uma capacidade de discernimento, critérios de julgamento, valores consolidados, em suma, uma base intelectual que suporte as turbulências da profissão".

Sejam jornalistas profissionais, sejam pseudojornalistas muitos ignoram completamente os preceitos éticos que deveriam nortear cada ato diário. Talvez tenham os pequenos deslizes do cotidiano como casos isolados. Mas não percebem (ou não o querem) que toda gota que corre para o mar logo vira oceano. "A soma de todos os imediatos diários constrói um contínuo sedimentado na extensão do tempo", reforça Ciro Marcondes Filho no livro "Ser jornalista - o desafio das tecnologias e o fim das ilusões" (editora Paulus).

É também nessa obra que o autor pontua os principais deslizes éticos da prática jornalística:

1. Apresentar um suspeito como culpado;
2. Vasculhar a vida privada das pessoas, publicar detalhes insignificantes de personalidades, de autori-



dades para desacreditá-las;

3. Construir uma história falsa, seja em apoio a versões oficiais, seja para justificar uma suspeita;
4. Publicar o provisorio e o não confirmado para obter o furo; transformar o rumor em notícia;
5. Filmar ou transmitir um suicídio ao vivo;
6. Expor pessoas para provar um flagrante;
7. Aceitar a chantagem de terroristas;
8. Incitar "rachas";
9. Maquear uma entrevista cole-

tiva ou exclusiva;

10. Comprar ou roubar documentos;
11. Gravar à revelia, esconder microfones quando não se tratar de casos de flagrante contravenção ou irresponsabilidade profissional;
12. Omitir que se é jornalista para obter confidências.

Ciro Marcondes Filho ainda relembra situações que, infelizmente, estamos tão (mal) acostumados a ver, que as naturalizamos. Como essas: jornalista quer ganhar di-

nheiro muito rapidamente para ser "igual" aos entrevistados; presentes que corrompem; identificação e convivência com o poder - "o mimetismo pode chegar até as vestimentas e a uma mesma maneira de se comportar em certas situações", aponta o autor, citando o sociólogo francês Jean-Marie Charon.

Você, leitor, talvez já esteja cansado de me ler aqui, tantas e tantas vezes, falando sobre a ética no exercício da profissão jornalística. Para o bem ou para o mal, certamente voltarei ao tema.

Tocando em frente

Professor Francelino Soares



francelino-soares@bol.com.br

Os Gêneros Rítmicos - O Bolero atual - Parte I

O bolero continua sendo um dos ritmos mais ouvidos e/ou dançados pelo mundo afora, não se restringindo, assim, apenas ao ambiente sul-americano. E não é que não haja versões interessantes para o idioma (hoje universal) inglês. Mesmo assim, também em outros Continentes, por exemplo, muitos preferem a audição na língua original - espanhol, castelhano ou até em portunhol. No primeiro caso, até o saudoso Frank Sinatra gravou o *Bésame Mucho* (Kiss Me Much).

Por aqui, na língua original, surgiram e popularizaram-se expoentes dedicados ao gênero, dentre os quais citaremos alguns:

- Trio Los Panchos - trio mexicano, que permaneceu em atividade de 1944 a 1999, passando por várias formações. O seu grande poder de transposição musical fez com que o trio transformasse vários sucessos "nascidos" em outros ritmos para o andamento do bolero, dando àqueles uma nova vestimenta rítmica;
- Trio Cristal - surgiu, por volta de 1955, pelo toque e imaginação do maestro Alberto Máximo Casanova, paulista de nascimento, mas de formação musical paraguaia. Teve a sua fase áurea de 1959/60 a 1980 e cultivou um estilo

cantante inspirado no Trio Los Panchos;

- Lucho Gatica - de naturalidade chilena, mas, musicalmente, radicado no México (1928-1918). Oriundo de família ligada à música e ao cinema, viveu algum tempo dos EE.UU., onde se familiarizou com Elvis Presley e Nat King Cole. Admirava o estilo do Trio Los Panchos por quem era muito respeitado;
- Bienvenido Granda - sem dúvida alguma, uma das mais marcantes figuras musicais, no universo do bolero, podendo-se afirmar que criou uma "escola brasileira" deste ritmo. Cubano de nascimento (1915-1983), ele integrou, como *lead vocal*, a famosa orquestra Sonora Matancera (1924/2013), criada na cidade de Matanzas-Cuba, de que também fez parte a festejada cantora Celia Cruz. Rumando para o México, expandiu a sua carreira solo, foi cognominado de "El bigode que canta" e, no Brasil, tornou-se modelo para os nossos cantores de bolero. Esteve na Paraíba, por volta de 1957/58, tendo-se apresentado em um show no Cine Brasil, não se furtando de dar uma "canja" no famoso cabaré de Hosana, nos áureos tempos da Maciel Pinheiro.

- Luis Miguel - pertencente a uma nova geração de cantores deste ritmo, nasceu em Porto Rico (1970),

mas fez carreira no México, tornando-se um dos cantores mais populares nos dias atuais, interpretando vários estilos: pop, jazz, mariachi, baladas românticas e boleros.

Os chamados "boleros clássicos", em geral, foram/são gravados por inúmeros intérpretes. A próxima Coluna será dedicada àqueles que, como este autor, gostam de fazer as suas próprias seleções musicais, os seus próprios *play-lists*.

- Enrique Iglesias;
- Pedrito - nome artístico de Pedro Otiniano, grande intérprete peruano (1937-2012), que criou um estilo novo e mais ritmado de interpretar o bolero (*bolero cantinero*), para o que contou com o seu conjunto "Pedrito y Sus Ritmo";
- Luis Miguel - pertencente a uma nova geração de cantores deste ritmo, nasceu em Porto Rico (1970),



COM O CHEF **WALTER ULYSSES**

Walter Ulysses - Chef formado no Curso de Gastronomia no antigo Lynaldo Cavalcante (João Pessoa) e tem Especialização na Le Scuole di Cucinadi Madrid. Já atuou em restaurantes de diversos países do mundo, a exemplo da Espanha, Itália, Portugal e Holanda. Foi apresentador de programas gastronômicos em emissoras de TV e rádio locais, e hoje atua como chef executivo de cozinha na parte de consultorias.

Instagram: @walterulysses

Email: chefwalterulysses@hotmail.es

Dia Internacional das Mulheres

Engraçado que ainda existem mulheres (e homens também) que usam o termo “se um sabe cozinhar ela é boa para casar, ou pode casar”.

Lembro que, em minha época de escola, a minha irmã estudava em uma instituição que tinha aulas de culinária, corte costura... era como se a mulher tivesse que seguir um formato padrão para sociedade, que era obrigação saber cozinhar e muito mais coisas para poder casar e constituir uma família.

O mundo hoje evoluiu. Não foi fácil para que as mulheres, hoje em dia, pudessem ter seu espaço de poder e liderança, e ter salário igual ou maior do que muitos

homens, e não obrigatoriamente ser casada ou ter que constituir uma família para poder ter filhos.

Essa semana, recebi uma mensagem no Instagram de uma colega que tinha feito um prato, e perguntou se ela já estava pronta para casar, por ter feito aquele prato. Hoje, saber cozinhar não é uma obrigação que uma mulher tem que ter para poder casar, ela tem que ter em mente que as coisas mudaram, cada homem, mulher, tem obrigações iguais dentro de uma casa.

Mas, neste dia em especial, não poderia deixar de falar das mulheres da minha vida.

A primeira mulher, em especial a que me fez ver a gastronomia de uma forma

amável e fácil e que teve uma vida difícil. Criou seus sete filhos sozinha, a minha eterna Vovó Honorina Pedrosa Ramos (*in memoriam*), em segundo a minha mãe Rosele Ramos Ulysses de Carvalho, uma mulher que preferiu dedicação exclusiva para o seu marido, meu pai, e cuidar do lar e da educação dos filhos. E uma terceira versão, a minha esposa Haryanne Arruda, jornalista, alfa, uma mulher que pouco sabe cozinhar, amamentou nosso filho por três anos e é uma excelente esposa, além de ser uma profissional pela qual tenho um imenso orgulho em tudo que faz.

Essas são as versões das mulheres especiais da minha vida.



PRATO DO DIA

Galinhada à moda

Ingredientes

- 1 fio de azeite
- 1 colher de sopa de manteiga
- 1 cabeça de alho amassada e picada
- 1kg de frango a passarinho
- 200g de bacon Sadia em cubos
- 500 gramas de arroz ponta de agulha branco
- 1 pimentão amarelo pequeno picado
- 1 pimentão vermelho pequeno picado
- 2 tomates sem pele picados
- 1 cebola pequena bem picada (preferência roxa)
- 1 lata de milho verde
- 1 tablete de caldo de galinha
- 1 colher de sobremesa de açafrão
- Sal e pimenta do reino a gosto
- Noz moscada
- Cachaça



Fotos: Walter Ulysses

Modo de preparo:

■ Em uma panela grande acrescente o filete de azeite e a manteiga, acrescente o bacon e a cebola. Deixe dar uma leve refogada e acrescente o frango e já tempere com sal, pimenta do reino e a noz moscada e vá dando uma leve fritura no frango para que ele chegue ao ponto que você queira. Em seguida acrescente o restante dos ingredientes e o arroz, misture bem e vá colocando o caldo de legumes aos poucos para ir cozinhando até chegar no ponto e sirva.

QUENTINHAS

A praça de alimentação do Mercado da Torre é um local que vale muito a pena conhecer, tem uma variedade de comidas que agrada a todos. Mas o sucesso é o PF que você mesmo prepara com direito a três tipos de carnes feitas na brasa. Além de ser uma delícia, o valor é um sucesso geral custa R\$ 12 e você sai muito satisfeito.

Com esse período de pouca saída de casa, por conta do coronavírus vale a pena conferir as promoções dos serviços de entregas de alimentos. Vão surgir muitos e com uma variação grande de preços.

Tá com dificuldade com seu negócio de alimentação e não sabe como vai sair dessa? Entra em contato com esse colunista que faço sua consultoria. Vai na minha rede social @walterulysses ou envia um email chefwalterulysses@hotmail.es que vou em qualquer lugar da Paraíba fazer sua consultoria a um preço especial.

PITADAS A GOSTO

A galinhada surgiu com os bandeirantes portugueses, que exploravam o interior do Brasil em busca de ouro, especialmente em Minas Gerais, São Paulo e Goiás.

As galinhas iam como parte da comitiva, ou eram compradas nos sítios de beira de estrada na época. A galinhada era fácil de fazer e nutritiva, virou comida dos tropeiros e, como todo prato gostoso, nunca mais saiu do menu.